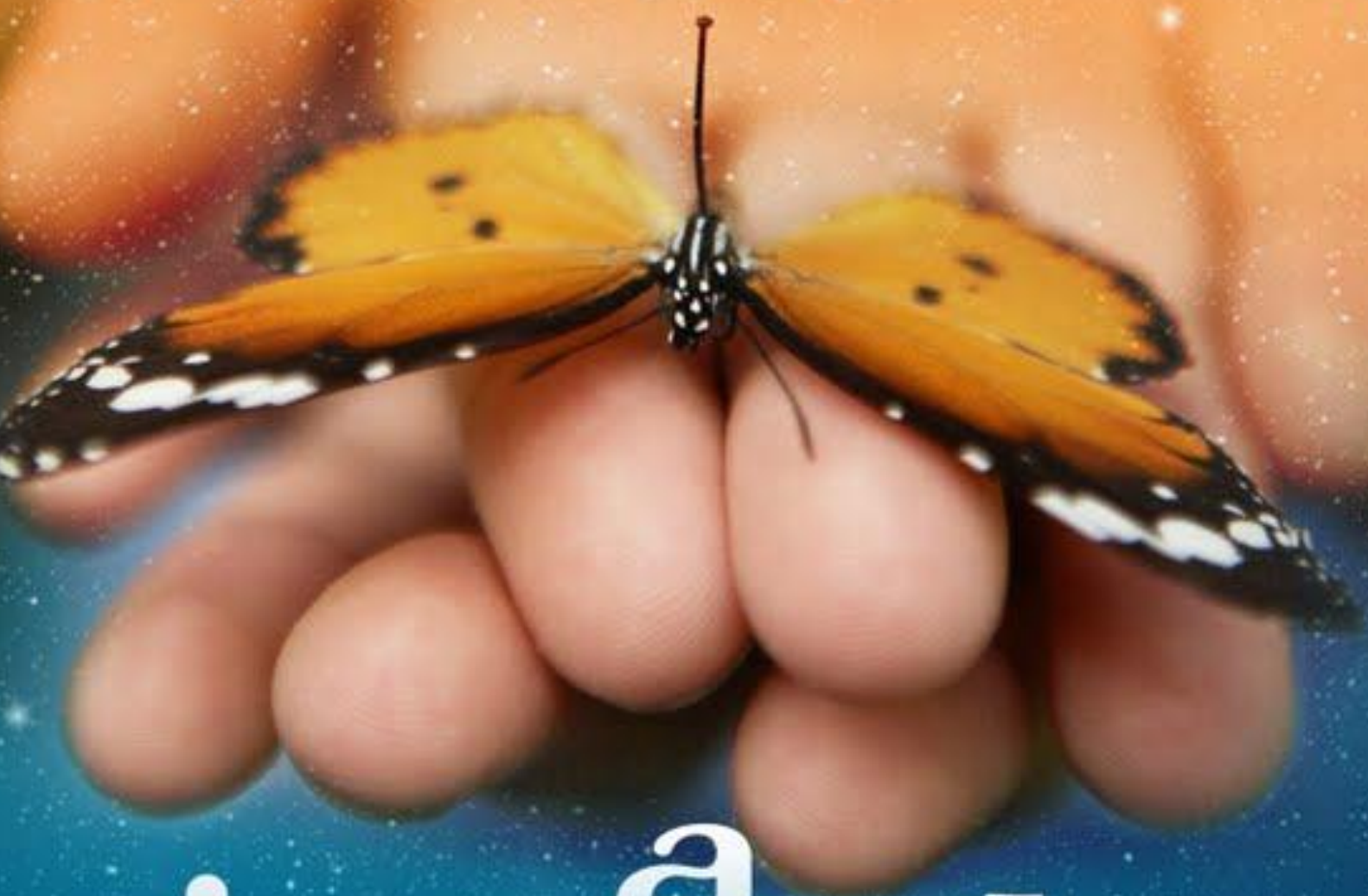


Erin E. Moulton



a jornada

A história de quatro irmãs
e uma viagem inacreditável







A Jornada

A história de quatro irmãs e uma viagem inacreditável



CAPÍTULO 1

A história começa lá em casa. Na montanha. Cinco quilômetros morro acima, em uma rua poeirenta e esburacada, passando pelo pomar do Sr. Benny, logo depois da banca de legumes da Nanny Ann. Estamos no outono, minha estação favorita. E em poucos dias será meu feriado favorito: *Halloween*. É isso aí; aqui em Canton Creek Turnpike, é tempo de pegar doces e esculpir abóbora.

Papai está preparando minha abóbora, e eu estou olhando pela janela. O sol está quase se pondo, deixando o mundo mergulhado em reflexos cor de laranja e de um roxo profundo. É a melhor hora do dia, com as coisas se tingindo de dourado. O balanço, o rio e as folhas caídas das árvores se confundem ao anoitecer. Nosso touro, Engenho, caminha lentamente em direção ao celeiro. Procurando um lugar quentinho, eu acho. Aposto que ele queria estar aqui dentro, e eu, de certa maneira, também. O fogo estala no fogão à lenha, e a casa está cheia de vida e de ruídos: mamãe resmungando qualquer coisa na cozinha, minhas irmãs "aprontando" em volta da mesa, e papai cortando a tampa da abóbora.

Estou quase deixando a janela, quando vislumbro uma coisa esvoaçando nas sombras que, de repente, se parece com uma folha derrubada pelo vento que cai, sem controle, mas então ela pousa logo abaixo da janela, e eu vejo que, na verdade, é uma borboleta monarca. Coloco minhas mãos no vidro, achando que essa monarca é doida de estar lá fora nessa época do ano. Ela não teria a quantidade apropriada de carne nos ossos para sobreviver. Minha

respiração se acelera, e eu penso se não deveria ir até lá e trazê-la para dentro, mas o meu hálito mancha o vidro, e, quando a névoa desaparece, a borboleta se vai. Tomara que ela rume para o sul e não tente provar que pode sobreviver ao inverno.

— Pronto, querida. Pode começar — diz papai.

Eu me viro para ele, que está limpando as mãos em um pano de prato.

Vou até a mesa e arranco a tampa da abóbora. Depois a coloco no chão, perto de mim. Estou quase enfiando minha mão no interior molengo da abóbora quando Beetle, minha irmã menor, sai correndo detrás do balcão. Ela segura contra a barriga uma pequena cabaça; aí cambaleia até a beirada da mesa e a joga no chão. A cabaça faz barulho, mas não quebra. Ela dá um gritinho de alegria e a pega de volta do chão. Dessa vez ela vai em direção ao nosso vira-lata, Xereta, que cochila ao pé do fogão. Mas não por muito tempo. Um segundo depois, Beetle deixa cair a cabaça bem pertinho do Xereta, que levanta a cabeça e olha como se dissesse: — O que você pensa que está fazendo? — O Xereta e eu somos muito amigos, e podemos nos comunicar só com o olhar; por isso eu posso dizer, com certeza, que ele quer que ela pare com esse negócio, pra ele voltar a descansar.

— Poxa, Beetle, não incomode o Xereta — eu digo. Ela pega a cabacinha e a traz pra mim. Provavelmente vai começar a babar na minha perna, ou qualquer coisa do gênero, porque os bebês são assim. Eles ainda não têm controle total sobre o corpo. Então ela se pendura na minha perna, e eu faço um carinho na sua cabeça, enquanto olho para a outra ponta da mesa.

Dawn, minha irmã mais velha, põe sua faca sobre a mesa. Ela já terminou de limpar e esculpir sua abóbora, que ficou com uma cara esquisita.

— Não copie a minha, Maple — ela diz.

Como se eu quisesse copiar aquilo. A minha vai ser uma verdadeira obra de arte. Dawn limpa as mãos e abre um caderno. É o seu diário, e ela escreve tudo o que pensa nele. Eu já li quase tudo. Tem um esconderijo atrás da última gaveta da sua escrivaninha. Ela

o guarda lá, onde imagina que ninguém vai encontrar. Mas eu sei que ele está lá e, às vezes, ela guarda doces ali também, e eu gosto deles do mesmo jeito. Eu ainda não li nada nesta semana, então espreito o caderno, com os olhos quase fechados. Assim ela não percebe que estou olhando.

"Trevor Collins é o pior garoto da sala. Só porque seu pai é guarda-florestal não significa que ele sabe tudo o que há pra saber sobre florestas. Ontem, a gente estava lá fora e ele"... Dawn põe seu braço com força sobre o que está escrevendo, justamente quando eu começo a ficar interessada. — Pare de bisbilhotar meu diário e se ocupe da sua abóbora, Maple — ela diz.

Eu só me encosto na cadeira e ignoro seu olhar. Concentro-me em esculpir a abóbora mais legal da cidade. Dois dias antes do *Halloween*, a Casa da Abelha, nosso mercadinho local, esvazia o estacionamento, tira todos os carros estacionados e monta barracas para nelas se colocarem as abóboras. Todo mundo da cidade leva uma abóbora. O estacionamento parece uma grande mancha laranja, e algumas das abóboras são realmente incríveis. Ano passado havia uma com o centro da cidade esculpido nela. Estou querendo fazer uma coisa desse tipo. Coloco minha mão dentro da abóbora e começo a soltar as sementes. Tem que puxar bem forte para arrancar todas elas; e também tem que raspar em volta com a boca de um pote de geleia para deixar tudo limpinho.

Papai se senta na cabeceira da mesa e coloca os óculos de leitura. Ele folheia um Manual de Campo bem surrado chamado *Pássaros do Nordeste Americano*. Em seguida, levanta a cabeça e diz:

— E o nome científico do Cardeal é...

Eu jogo algumas sementes dentro de uma bacia com água que foi colocada no meio da mesa da cozinha, e respondo ao mesmo tempo em que Dawn diz:

"*Cardinalis cardinalis*". Lógico que essa é moleza. Não são todas assim tão fáceis, mas eu já decorei um monte até agora. Papai nos faz memorizar um novo nome a cada domingo. Nas outras noites da semana fazemos uma revisão do que já aprendemos.

Eu torno a enfiar a mão e jogar mais sementes na bacia. Dessa vez respinga um pouquinho, por acidente, e cai bem na página em que Dawn está escrevendo.

— Maple!

Ela me olha com a cara vermelha de raiva, levanta e começa a secar a folha com um jornal.

— Deus do céu, foi sem querer — eu começo a dizer, mas ela pega o diário e vai pro outro lado da mesa, perto do papai. Ele não levanta a cabeça. Continua folheando o livro. Está superenvolvido com a leitura.

— Mamãe, viu o que a Maple fez? Dawn se vira e mostra o livro na luz.

— Vai secar, Dawn. Você sabe que foi um acidente — mamãe diz, e eu fico rindo por dentro porque sei que tomou o meu partido. Fico olhando pra ela, pra onde ela está na cozinha, com o avental todo sujo de farinha. Está preparando alguma coisa que tem um cheiro muito bom. Acho que vai ser macio e doce, com uma cobertura tão gostosa que posso ficar lambendo os dedos depois. Ela trabalha a massa sobre o balcão e olha pra mim.

— Você quer me ajudar com a massa? — pergunta.

Jogo um pouco mais de sementes na bacia e limpo minhas mãos na camiseta. Mamãe faz cara feia. Vou até o balcão, e ela já colocou um banquinho para eu ficar em pé. Subo no banquinho e fico à frente dela. Seus braços me envolvem; posso sentir sua barriga grandona e o bebê chutando lá dentro. Mamãe costuma dizer que os bebês crescem mais saudáveis quando sabem que existem coisas boas esperando por eles aqui fora; por isso precisamos nos empenhar e falar muito com eles sobre isso. Coloco a mão e posso sentir o bebê por baixo da pele da barriga.

— Hora de fazer o bolo, neném — eu digo. E aí me viro pra ajudar mamãe.

— Faça assim — ela diz, e empurra a palma da mão sobre a massa. Aí ela me deixa tentar. Sinto a maciez da farinha em minhas mãos, mas logo a massa fica grudenta e temos que colocar mais

farinha. Mamãe salpica farinha sobre a massa e canta baixinho em meu ouvido:

*Descendo do céu em um halo,
Sobre a montanha eu vejo.
Vem mais perto que eu te falo
Da Senhora dos Desejos.
A Senhora dos Desejos
Sabe bem como ajudar.
No meio da tempestade
Recolha a água da fonte,
Água pura lá do monte.*

Mamãe vem me ensinando essa canção, um verso de cada vez, e eu já decorei praticamente a canção inteira. Coloco mãos à obra, trabalhando a massa e cantando ao mesmo tempo. Eu sinto a melodia da pontinha do pé até a pontinha dos meus dedos.

*Quando o revés aparece,
E você se vê perdido
A resposta ela conhece
O sucesso é garantido.*

— Maple! — Beetle diz. E eu nem reparei que ela tinha engatinhado até aqui, até sentir a ponta da cabaça tocando o meu pé.

— Beetle, não faz isso — eu digo, e dou uma empurradinha nela com o pé, mas ela olha pra mim sentada lá no chão, e começa a dar risada como se estivesse acontecendo alguma coisa hilária.

Eu posso sentir minha mãe rindo, e o bebê cutucando as minhas costas, mas continuo o meu trabalho, apertando os meus dedos contra a massa fofa.

*Pela força da água e do sol,
Mantenha a frente erguida,
Pois, do coração da montanha,*

*Virá seu conselho em seguida.
Amar, amor, outra vez amando,
Batendo palma e cantando.
Meia volta, volta e meia,
O círculo vai se formando.*

— Como é mesmo que continua mamãe? — eu digo. E mamãe cantarola com sua voz doce e melodiosa:

*Pela força da natureza,
A cura então acontece.
Poderes maiores se juntam,
Quando o amor nos fortalece.
Amar e amar, o amor mais puro.*

— Aff!

Dawn fecha seu diário, com força.

— Aqui está tão barulhento. Vou iluminar minha abóbora.

Eu continuo tranquilamente batendo a massa, enquanto Dawn pega o casaco do armário. Depois pega umas luvas e carrega sua lanterna de abóbora.

— Mamãe, posso pegar o isqueiro? — ela pergunta em pé na soleira da porta. E eu fico torcendo para mamãe não deixar, mas ela olha pro papai que se levanta da cadeira.

— Eu vou com você, Dawn. Vamos lá.

Papai tira Beetle das minhas pernas, veste um casaquinho nela, e os dois vão para a varanda.

— Mãe, posso... — e mesmo antes de eu completar a frase, mamãe já está limpando minhas mãos com um pano de prato.

— Vá lá, querida — ela diz.

Eu corro o mais rápido possível até o armário e pego o primeiro casaco que encontro. É uma das jaquetas de flanela vermelha do papai. Enfio meus braços pelos grandes buracos das mangas e vou para a varanda me juntar aos outros. As estrelas no céu estão visíveis e brilham como cristal.

Papai acende uma vela e a passa para Dawn.

— Agora, coloca a vela lá dentro, bem.

— Eu já fiz isso antes, pai — Dawn diz, e coloca a vela no interior daquela abóbora com cara esquisita. Quando a vela fica firme, ela recoloca a tampa da abóbora. Eu sinto cheiro de cera e abóbora queimada. Um brilho alaranjado tinge nossas faces e mãos, e me aproximo um pouco para tentar aquecer meus dedos.

Papai fica ereto prestando atenção a um som; então eu também levanto a cabeça e procuro com os ouvidos. Escuto algo bem longe. No começo é só um gemido, mas vai ficando cada vez mais alto. Coiotes! Um monte deles.

A gente fica escutando por um tempo, e então meu pai enche os pulmões e, quando solta o ar, sai um uivo diretamente de sua garganta para o céu estrelado. Está tão frio que sua respiração sai em longas ondas de som. No começo, acho a maior maluquice, depois começo a uivar também. Não sei por quê, mas é a melhor sensação do mundo quando você solta um grito para o céu e não tem certeza se é a sua voz que volta aos seus ouvidos ou se é alguma outra coisa ou pessoa que responde ao chamado. Beetle começa a agitar as mãozinhas e tenta repetir o som, mas ela é tão pequena que ainda não consegue fazê-lo direito. O som que ela faz parece mais aquele cachorro chato do Sr. Machetee, que mora mais para baixo na nossa rua. Dawn é dois anos mais velha que eu. Está com 11 anos e meio, e acho que ela se sente meio crescadinha pra ficar uivando, porque, ao mesmo tempo, ela vira os olhos e suspira.

Ah, deixa pra lá. Estamos todos uivando para o céu, e minha voz, ou coisa parecida, voa direto de volta pro meu rosto enquanto o Xereta apronta a maior confusão, trancado em casa. Eu consigo vê-lo na sacada da janela. Ele enfia o focinho contra o vidro que fica todo manchado e borrado, e sua pata arranha o vidro. Eu já o vi fazer isso antes, mas hoje tem alguma coisa estranha. Suas orelhas estão espetadas para cima, e seus olhos ficam se mexendo loucamente pra lá e pra cá.

Aí então eu ouço um barulhão, e papai corre tão depressa pra casa que não dá nem pra imaginar. Beetle vai balançando no colo

dele e, óbvio, começa a chorar. Papai a segura contra o peito e desaparece pela porta adentro. A gente fica ali na varanda, Dawn e eu. Dawn fica só olhando pra mim, os coiotes, ganindo, o Xereta, latindo, e eu posso ouvir os passos do papai para cima, para baixo e por toda a casa.

De repente, tudo fica quieto por um instante, e eu ouço a mamãe. Ouço minha mãe como se sua voz saísse de um longo túnel, o som começa como um gemido lento, e vai ficando mais e mais alto. Saio correndo, antes mesmo de sentir minhas pernas, porque eu também estou olhando direto para Dawn, e seus olhos me dão a certeza de que tem algo muito errado acontecendo. Acho que nunca nada me pareceu tão errado na vida. Dawn dispara na minha frente. As solas de seus sapatos piscam como a cauda aveludada de um cervo.

Eu entro correndo e vejo Beetle no chão berrando ao lado de minha mãe, que também está chorando. Sua barriga está estufada feito um enorme balão. Papai está segurando o rosto da mamãe entre as mãos, olhando pra ela, falando bem baixinho, mas com a respiração acelerada. Olhar para essa cena de forma tão abrupta faz minhas pernas tremerem e não sei direito o que fazer. Eu ainda estou respirando rápido por causa da corrida, agito as mãos, dobro os dedos dos pés, e meu coração bate no peito como um pica-pau no tronco de uma bétula.

Meu pai está falando alguma coisa comigo, mas não consigo escutar por cima das batidas fortes do meu coração. Sua boca se mexe, ele franze as sobrancelhas, e, bom, sei que ele está falando, entendo, mas não consigo fazer nada porque não sei direito o que está acontecendo. Mas Dawn também está prestando atenção e consegue ouvir alguma coisa porque ela corre até a outra sala e vem com o telefone na mão. Agora eu já peguei Beetle no colo e tento acalmá-la, porque as lágrimas escorrem pelas suas bochechas como

gotas de chuva em setembro. Eu afago seus cachinhos e dou um beijo na marca de nascença em sua cabeça¹.

De onde me sentei no chão posso ver o rosto da minha mãe bem de perto. Ela está fazendo uma careta parecida com a de quando está brava, mas, ao mesmo tempo, diferente. Seguro sua mão, que está branca e salpicada de farinha.

— O que aconteceu, mamãe? — eu pergunto.

— Nada, querida. Não é nada. São dores da gravidez — responde. Ela aperta minha mão, e lágrimas caem dos seus olhos e dos meus também. Coloco minha mão sobre a barriga da mamãe, para ver como está o bebê. Tumtumentum, como leves pancadas contra a palma da minha mão. Ainda não está na hora, eu penso. Afago sua barriga e tento acalmá-la, mas alguma coisa estremece e dá batidinhas nas pontas dos meus dedos. As batidas ficam leves, mais fracas. O que aconteceu? Eu penso. E me inclino, tentando escutar. O som é mais profundo quando aproximo meu ouvido da barriga da mamãe. Tumtumentum, tumtumentum, socorro, socorro. Estou ouvindo, eu penso, mas mãos me agarram por debaixo dos braços. E me colocam de pé.

— Esperem — eu digo, mas pessoas que eu não conheço me seguram, e minha voz fica trancada dentro de mim. Elas me viram para o outro lado e toda a sala parece girar e se inclinar. Levam-me para fora da sala. Mas eu fico por ali e me agacho, assim posso ver pelo cantinho do sofá.

Papai pega Beetle do chão e a envolve em seus braços. Seu rosto está molhado de lágrimas, e ele está falando com as pessoas que entraram na casa. Elas trouxeram uma maca e vieram de ambulância, fazendo muito barulho. Todo mundo age apressado. As pessoas de uniforme se agacham no chão e tiram as coisas do caminho. Uma cadeira bate contra a mesa e minha abóbora destripada pela metade oscila e rola de lado, esparramando uma

¹ No original, *angelkiss*, que é um tipo de problema na pele, chamado em português de mancha vinho do Porto [*nevus flammeus*], em referência a sua cor avermelhada. (N.T.)

meleca laranja sobre a mesa da cozinha. Dawn está chorando, Beetle está berrando, e mamãe está ofegante, como se estivesse com dificuldade para respirar. Antes que eu me dê conta, minhas pernas estão me levando para longe de lá. Elas me levam escada acima, até meu quarto cor-de-rosa. Só que agora não parece tão rosado. As luzes piscam nas paredes, tingindo tudo de azul e vermelho, e as cores enchem meus olhos.

Olho através da janela e os vejo levando mamãe pela calçada até a porta de trás da ambulância. Eu não sei se é minha imaginação, ou o quê, mas de repente minha atenção se volta para a tela à minha frente. Um par de asas bate na minha janela. Elas esvoaçam de vez em quando, e eu fico dura feito um pau tentando adivinhar que diacho é aquilo. Como já escureceu e estamos no fim do outono, o bom senso diz que deve ser um morcego. Mas olho para aquilo e vejo que é pequeno demais para ser um morcego, e que não bate as asas rápido o suficiente para ser uma mariposa. Isso só pode significar uma coisa. É uma borboleta. Tudo o que sei é que alguma coisa está muito errada quando a natureza não age do jeito que se espera.

Sinto um aperto na garganta, e não tenho muita certeza, mas parece estar quente demais aqui dentro para uma noite tão fria de outono. As asas da borboleta mudam de azul para vermelho, enquanto batem. Eu dou um pulo e me viro correndo. Pego meu ursinho Paddington de cima da cama e vou direto para o armário de roupa de cama me esconder entre os lençóis macios.

Está tudo escuro aqui. O ruído da sirene é mais baixo, e posso ouvir minha respiração. Os lençóis têm um cheiro bom que me consola. Frescor e limpeza. Eu me enrolo neles. E aí começo a chorar de novo, e só consigo pensar no bebê estremecendo na barriga da mamãe, aterrorizado. Minhas mãos estão formigando e consigo ver a marca dos pés do bebê impressa nas palmas. Em minha mente, eu o ouço chorar. Tumtumtum, tumtumtum, socorro, socorro.



CAPÍTULO 2

Estou acordada. Estou na minha cama. Deve ter sido um pesadelo. A última coisa de que me lembro é o armário de roupa de cama, mas agora estou no meu quarto rosa. O sol brilha através da janela, e estou escutando minha banda favorita, Creedence Clearwater Revival, girando no toca discos.

Eu canto junto, enquanto o Xereta se espreguiça na mancha de sol no chão. Ele não pode vir aqui para cima, mas adoro quando ele vem.

— Vem cá, garoto — eu digo, enquanto jogo longe as cobertas e piso com força no tapete. Xereta dá um pulo. Ele se sacode e se estica, e eu faço um carinho nele com as pontas dos dedos.

A gente sai do quarto e desce as escadas. Paro no meio da descida e agarro o Xereta, bem depressa pela coleira. Ele tenta descer à minha frente, mas eu fico parada onde estou porque tem alguma coisa acontecendo. Coloco a cabeça no vão do corrimão, a luz me denuncia e eu me agacho outra vez.

Vovó.

Por que será que ela está aqui em casa?

Coloco a cabeça outra vez no vão do corrimão para continuar minha busca. Ela está roendo as unhas, e seus olhos estão meio inchados, como se tivesse chorado a noite inteira. Ela põe o telefone no ouvido e bate na cabeça com a mão espalmada. Minhas pernas vão antes de mim, enquanto puxo o Xereta escada acima de novo.

Beetle está brincando com Playmobil no chão, e Dawn aparece na porta do quarto, esfregando os olhos. Ela toma o caminho mais curto para a escada. Eu a agarro pelo braço e lhe peço silêncio, colocando o dedo sobre os lábios. Ela faz cara feia, mas sei que me entendeu. Sinalizo em direção à extensão do telefone. Nós caminhamos na ponta dos pés, para que o ruído de nossos passos não denuncie nossa presença. Eu levanto o fone, enquanto Dawn coloca a mão sobre o receptor.

— ... complicações.

É o meu pai, mas sua voz soa fraca.

— O que isso quer dizer? Houve complicações? — minha avó pergunta, com a voz alta e desesperada.

Dawn está com os olhos arregalados, enquanto escutamos a conversa, e eu fico com o estômago embrulhado.

— A neném nasceu fraquinha, pequena. Não parece haver muita vida nela. Estamos rezando por um milagre.

Meus ouvidos começam a apitar.

Dawn tira o fone da minha mão e o coloca de volta no gancho. Todas as lembranças da última noite se misturam em minha mente como um bando de leões da montanha brigando. Umedeço meus lábios. Uma. Duas. Três vezes.

— O bebê nasceu nós temos uma nova irmãzinha, mas, mas — Dawn sussurra. Ela desaba sobre os joelhos e está chorando. Minha língua está dura feito um pau espetado no barro, e minha garganta vai se apertando. No fim das contas, minha voz escapa em um grito bárbaro. Quando me ouve, Beetle vai na onda. Rios de lágrimas, nariz escorrendo.

Nisso, chega a vovó. Ela pega Beetle do chão e a beija na bochecha.

— O que é isso, meninas, vamos lá embaixo tomar uma xícara de chá. Eu preciso conversar com vocês sobre uma coisa. Ela segura Beetle com um braço e começa a descer, e aí sua mão macia e enrugada segura a minha.

— Pare de chorar, criança, só um pouquinho — ela diz, e esfrega meus joelhos com os dedos. Mas minhas pernas não

conseguem se mexer, e vovó me puxa pela mão. Mexa-se, eu penso, não arrume mais problema. De repente, solto a mão da minha avó.

— Espera um pouco! — digo. Corro até o meu quarto, pego meu ursinho Paddington de cima da cama e rapidamente desço as escadas. Já na sala, a gente está amontoada no sofá como filhotinhos de ratos tentando se aquecer e proteger. Eu sei disso porque uma vez encontramos um ninho deles no buraco de uma árvore. Foi o que o papai falou. Eles se aconchegam uns aos outros para que se mantenham aquecidos e seguros. Então, aqui estamos nós, aconchegadas no sofá, Dawn e eu juntinhas, e Beetle no meio de nós duas. Paddington também está aqui.

— Meninas, escutem o que tenho a dizer — diz vovó, enquanto põe uma bandeja sobre a mesa. Sobre ela estão uma chaleira e duas canecas. — Sei que estão assustadas por causa do que houve ontem à noite, mas tudo vai ficar bem.

Vovó coloca chá em uma das canecas da Moranguinho e põe uma colherada grande de açúcar dentro. Depois mexe o chá tão rápido que espirra para fora da caneca. O líquido escuro escorre pelo rosto da Moranguinho.

— Sua mãe teve o bebê nessa manhã. Uma irmãzinha para vocês três. Lily Anne. Ela resolveu nascer antes do tempo, o que quer dizer que é meio pequena para a sua idade. Elas ficarão no hospital para que ela possa ser monitorada. Logo vocês poderão visitá-la.

— Ela está morrendo?

Dawn diz isso quase gritando, e eu tive vontade de socar a cara dela por ter dito isso. E em seguida ela pergunta bem baixinho:

— O neném está morrendo? Vovó engole em seco e ergue as bochechas. Eu faço o mesmo.

— O que é isso, Dawn, por que você está pensando em uma coisa como essa?

Vovó solta a colher e bate as mãos. Agora ela está empurrando a bochecha com a ponta dos dedos, e isso é um tique nervoso que eu já a vi tendo antes. Ela se abaixa até ficar a nossa altura. Cheira a

talco de bebê e biscoitos de açúcar. Depois chega mais perto e segura a mão da Dawn.

— Lily está... ela está... bem, está tudo certo. E a coisa mais importante que vocês podem fazer nesse momento é manter a cabeça erguida e arrumar tudo para quando ela vier para casa.

Vovó se levanta e eu olho pra ela. Sei que não está falando a Verdade. Papai disse que está rezando por um milagre. Vovó sai da mesa e vai para a cozinha.

Dawn se joga na poltrona, e eu posso ver a vovó guardando louça no armário. Ela começa a cantarolar baixinho e, me dou conta, estou cantando também. Só que é uma outra canção. É a música que a mamãe está me ensinando

*A Senhora dos Desejos
Sabe bem como ajudar.
No meio da tempestade,
Recolha a água da fonte,
Água pura lá do monte.
Quando o revés aparece,
E você se vê perdido,
A resposta ela conhece.*

E aí foi como se uma luz se acendesse dentro da minha cabeça. Comecei a me lembrar da história da Senhora dos Desejos, a Mulher Sábia da Montanha. Mamãe costumava nos contar essa história antes de irmos para cama à noite. Eu me ajeitava nos lençóis macios e ela começava:

— Era uma vez, há muito, muito tempo, quando o mundo abrigava tanto humanos quanto espíritos. Havia os espíritos da terra, os espíritos do ar, os espíritos da água e os espíritos do fogo. E acima de todos eles havia os espíritos de luz. Você ainda pode vê-los hoje em dia, meu amor. Algumas vezes, ao caminhar pela grama de manhã cedinho, você pode ver espíritos de luz brilhando no orvalho. Espíritos de luz são os que possuem o maior poder de cura.

A Senhora dos Desejos, também conhecida como Mulher Sábia da Montanha, foi, um dia, um espírito de luz.

— Você se lembra de quando a gente ia lá fora para ver as cores dançando no céu? Aquilo, Maple, é chamado de aurora boreal, ou luzes do norte. No tempo em que a Mulher Sábia da Montanha era um espírito de luz, ela era forte, com grande poder de cura; ela era parte da aurora boreal. Mas sabe, Maple, ela não gostava de sua morada no céu. Olhava para baixo, para a Terra, e via as pessoas que viviam aqui. Percebia que as pessoas sofriam e olhavam para o céu de vez em quando, implorando por conforto para suas dores. Ela sabia que podia abrandar o sofrimento delas, e queria muito poder ajudar mais. Então, depois de muitos anos, apenas olhando lá de cima, decidiu que já era tempo de deixar seu lugar no céu; então se jogou na floresta da Montanha Green. Foi um pouso tão violento que ela e a Terra se fundiram e emergiram como uma torre de pedra. Ela sentiu que sua verdadeira essência e seus poderes de cura se fortaleceram, e, por isso, verteu lágrimas de alegria. Essas lágrimas foram se acumulando em um lago abaixo dela. Pouco depois, os nativos de Vermont e mais tarde os colonizadores a encontraram. Eles descobriram que uma visita à Mulher Sábia poderia curá-los de qualquer enfermidade. Por isso passaram a visitá-la com frequência, e ela adorava a companhia deles e se sentia bem porque era capaz de ajudar as pessoas.

— Ela está lá até hoje, Maple, mas com as mudanças dos tempos e das crenças ela é cada vez menos procurada por pessoas, por isso cada vez mais recebe a visita de criaturas da floresta. Alguns dizem, porém, que ela mantém seus poderes curativos, que ainda pode fazer milagres. Tudo o que você deve dizer é:

*Mulher Sábia da Montanha,
Tem piedade de mim.
Conceda – me este milagre,
Pois com alma pura eu vim.
Realiza o meu desejo,
Eu te peço com fervor.*

*Realiza o meu desejo,
Que é feito por amor.*

Mamãe, então, tiraria os cabelos do meu rosto e diria:

— Eles apenas coletavam a água, seguravam rapidamente e liam a inscrição que se encontra no fundo do lago formado pelas lágrimas da Mulher Sábia. Faça isso e você terá seu milagre.

Tenho certeza de que se alguém pode fazer milagres, esse alguém é a Mulher Sábia das Montanhas. Agora só falta descobrir onde ela se encontra e como chegar até ela.

Fico esperando a vovó voltar da cozinha. Ela dá um grande bocejo e liga a televisão. A seguir, senta-se na poltrona reclinável e tira um par de agulhas de tricô de uma cesta.

— Ui, tenho que correr pro banheiro — eu digo.

Vovó concorda com a cabeça, eu me levanto e vou reto em direção ao banheiro. Mas, quando passo pelo escritório do papai, dou uma guinada pra direita e abro a porta bem devagar. Sei que sou proibida de entrar ali quando papai não está, mas sei também que ele não se importaria se soubesse o tamanho da emergência. Passo pela fresta e deixo a porta aberta, só um tantinho. Eu me viro, passo pela escrivaninha dele, pelo cesto cheio de mapas. Fico na ponta dos pés e estico o pescoço para enxergar a prateleira lá do alto. Tento lembrar o título do livro, mas simplesmente não consigo. Tem alguma coisa a ver com montanhas e suas histórias, ou contos de folclore, ou coisas assim. Passo os olhos com cuidado por uma prateleira, depois em outra, mas nada parece clarear minha memória.

Nesse momento, escuto ruídos atrás de mim, e uma voz esganiçada de bebê dizendo:

— Oiê!

Então giro sobre os calcanhares na certeza de que Beetle e Dawn estão paradas na porta.

— O que você faz aí? — pergunta Dawn sussurrando e entrando na pontinha dos pés. Beetle segura a mão de Dawn, enquanto vejo as duas se aproximarem.

— Onde está a vovó? — pergunto, com medo de que ela apareça a qualquer momento.

— Eu disse a ela que precisava pegar uma coisa — diz Dawn.
— O que está acontecendo? O que você está fazendo aqui?

Na verdade, eu não queria contar, mas sei que ela pode me ajudar a encontrar o livro que estou procurando. Intelectuais são bons em guardar e recuperar informações, e Dawn é uma intelectual, se é que eu já vi algum.

— Estou procurando um livro sobre o folclore da Montanha Green, ou suas lendas, ou coisa do tipo. Você sabe qual, é aquele com histórias sobre a Mulher Sábia da Montanha.

Dawn faz cara de quem não está entendendo nada.

— O que é que você quer com esse livro? — ela pergunta.

— Eu preciso de uma informação que ele pode me dar — eu respondo.

— Eu só digo o título se você me contar pra que quer o livro — ela diz.

Não acredito que ela resolveu bancar a teimosa logo agora, no pior momento.

Beetle fica balançando em volta dela, como se ouvisse música, e começa a puxar a mão da Dawn. Tenho certeza de que seremos descobertas, porque Beetle está fazendo barulho demais.

— Preciso de informação sobre como localizar a Mulher Sábia... para um projeto de pesquisa... da escola — acabo inventando.

Dawn fica me encarando como se quisesse ler meus pensamentos.

— O nome do livro é *Lendas da montanha* — ela diz, e vai passando à minha frente na estante com a Beetle pela mão. Ela procura nas prateleiras mais altas, e Beetle fica apontando os livros e fazendo que sim, com a cabeça.

— Eles estão em ordem alfabética — Dawn diz. — A letra A começa nas prateleiras de cima, então deve estar em algum lugar, mais ou menos por... — meu coração pula pra garganta quando escuto a vovó nos chamando lá da sala.

— Meninas! Meninas, onde estão vocês?

Beetle ouve a voz da avó e solta a mão da Dawn. Ela vai se balançando em direção à porta.

— Não vai não, mocinha — eu digo baixinho e agarro seu punho pequeno e gordinho. Ela começa a puxar, tentando se soltar e posso ver sua cara franzindo como quem vai começar a chorar.

— Vai logo, Dawn — eu digo entre dentes.

Dawn tenta encontrar o livro mais rapidamente. Seus dedos correm ao longo de uma prateleira, e depois outra.

— Xolta, xolta — Beetle geme e se contorce.

— Pssssiu — eu faço, mas criança pequena não sabe mesmo ficar quieta, e ela continua resmungando.

— Oh, deve ser em ordem alfabética por autor — Dawn diz, e dá uma batidinha nos dentes com as unhas.

Eu começo a pensar em todos os sobrenomes que conheço: Jones, Thompson, Arbuckle, Paterson, mas não me lembro de jeito nenhum do nome da pessoa que escreveu aquele livro.

— É Kendall.

Ela vai passando os dedos pela seção K. Depois exclama:

— Não é não. Beetle cai sentada e começa a espremer e me chutar.

— Você tem que andar depressa. Vovó está nos procurando — eu digo.

— Não fica me apressando, senão aí é que eu não lembro mesmo.

E sinto como se passasse meia hora, até que ela finalmente diz:

— Deve ser Perkinson. E começa a procurar no P.

Nesse momento, a Beetle dá uma risada alta e começa a engatinhar em direção à cadeira do papai. Eu tento agarrá-la, mas ela parece uma bússola pendurada em um gancho. E é mais rápida que galinha solta no terreiro.

— Beetle, fica quietinha. Vem com a Maple — eu digo baixinho, como que para compensar o barulhão que ela está fazendo.

— Ah, achei!

Agora eu me viro para Dawn e posso ver a beirada do livro, mesmo com ela tentando escondê-lo nas costas.

— E agora, vai me dizer o que você quer com esse livro? — ela pergunta.

— Já falei, preciso dele para um projeto de pesquisa — eu sussurro.

— Maple, você não está me dizendo a verdade. Eu ouvi você cantando, antes de entrar aqui. Era aquela canção que a mamãe tem lhe ensinado. Eu conheço a história de trás pra frente, e posso lhe garantir que é só uma lenda. Você não está pensando besteira, está?

— Não. — Ando em sua direção tentando calcular se serei rápida o bastante.

— Ah, que bom, porque você sabe que é só uma história né, Maple? — ela diz.

— Então me dá o livro — eu lhe digo, tentando puxar da mão dela. Então nós duas batemos contra a estante, e a vovó entra no escritório.

— Aí estão vocês, meninas — diz vovó. Ela franze as sobrancelhas quando nos vê espremidas contra a estante. Dawn segura o livro alto, o suficiente para eu não alcançá-lo.

— Vocês sabem muito bem que não podem vir aqui na ausência de seu pai — vovó diz, e se abaixa para pegar Beetle que conseguiu contornar a escrivaninha e está quase alcançando a porta.

— Desculpe vovó, a gente estava procurando alguma coisa pra ler — eu digo.

— Bom, tem um monte de livros tanto no seu quarto quanto no de Dawn. Por que não vamos procurar um bem legal e depois preparamos um lanche?

Ela abre bem a porta para a gente passar. Dawn põe o livro onde estava. Eu fico de olho nele e registro a informação: mais ou menos no meio da segunda prateleira. Agora, ninguém me segura mais.



CAPÍTULO 3

Vovó nos mantém ocupadas o dia inteiro. Estamos sempre lendo um livro ou brincando com jogos de tabuleiro. Jogamos Dora na Terra dos Doces; Rampas e Escadas; Cereja, Cerejinha e Jenga. Mesmo assim não me divirto nem um pouco. Tento voltar ao escritório do papai, mas toda vez que eu o faço a vovó está de olho em mim, ou Dawn está pronta pra dedurar o que quero fazer. Posso ver o jeito dela, de braços cruzados, com os olhos fixos em minha direção. Ela diz que a gente tem que obedecer à vovó, que os médicos vão conseguir cuidar bem do bebê. Mas, até agora, não parece que estejam conseguindo. Ainda não recebemos nenhuma boa notícia do hospital. Lily precisa de um verdadeiro milagre. Então, como sempre, estou por minha conta e risco.

Escrevo o bilhete antes de ir para a cama. O Sr. Crock costuma dizer que sou a aluna que escreve melhor na classe, por isso ponho as palavras no papel com cuidado e com o coração:

"Queridas Dawn e Beetle,

Estou saindo para tentar encontrar a Mulher Sábia. Não quero causar nenhum problema. Apenas tenho que ajudar o neném. Encontrarei a fonte e trarei a água milagrosa. Estarei em casa antes do pôr do sol. Aí poderemos ir ao hospital e levar a água para o bebê. Por favor, não se preocupem porque o papai me ensinou muitas coisas sobre como me virar na floresta e, por favor, não contem nada pra vovó. Não quero que ela fique preocupada. Digam

que eu fui dar um passeio ou que estou brincando no meu quarto. Vocês vão pensar em alguma coisa.

Com amor, sua irmã Maple T. Rittle"

Enfio o bilhete no bolso da calça que eu já tinha dobrado e colocado debaixo do travesseiro. Pego o guardanapo onde guardei algumas sobras do jantar — salsichão e chucrute —, e coloco no bolso direito da calça, ponho um biscoito no outro bolso, embrulhado em um lenço vermelho. Faço um nó com as quatro pontas do lenço. Abro o bolso da frente da minha mochila e enfio a comida dentro de um dos tênis. Daí vou até minha estante de livros. Bem no fundo, atrás de *As aventuras de Huckleberry Finn*, fica o lugar onde guardo meu equipamento de emergência. Mantenho essas coisas para o caso de uma de nós se meter em alguma grande confusão e eu ter de me mandar daqui. E, poxa, estou feliz de ter feito um esforço extra. Retiro o livro e vejo uma lata de castanhas caramelizadas. Hummm! Perto da lata, em um saquinho Ziploc, fica meu *kit* de emergência para fazer fogo. Pego as duas coisas e enfio no bolso da mochila, junto com os meus tênis. Então verifico novamente meus suprimentos. Tenho uma refeição de emergência. Uma lanterna Maglite para quando escurecer. Uma garrafa vazia para colocar a água milagrosa, e outra cheia de água para me manter hidratada. Tive de me esgueirar até o banheiro e encher a garrafa com água da pia, mas acho que água de pia é melhor que nada.

Levo também um casaco pesado, porque já dá pra sentir que vai ficar gelado até o sol aparecer. É difícil colocar o casaco na mochila, então eu o empurro pra baixo com o cotovelo e fecho o zíper com a outra mão.

Como o Huckleberry do livro, estou pronta pra partir. Empurro minha mochila para debaixo da cama e, enquanto estou ajoelhada, puxo de lá uma caixa onde está escrito "Chapéus para a cabeça funcionar". Esses são os chapéus que usamos nas reuniões das irmãs Rittle, quando precisamos colocar a cabeça pra funcionar. Cada uma tem o seu. Dawn tem uma cartola. Beetle tem um capacete de guerra, e o meu é feito com pele legítima de puma. Fico pensando que seria bom levar toda esperteza e coragem que eu

pudesse encontrar, por isso tiro meu chapéu da caixa e enfio embaixo do travesseiro. Então, pego a camiseta que eu mesma tingi no Acampamento Brookside no último verão. A gente faz um monte de atividades ao ar livre no acampamento, por isso acredito que essa camiseta possa me deixar de bom astral para estar na floresta. Ainda posso sentir o cheiro da fumaça da fogueira nela. Eu me enfio embaixo das cobertas. Acerto meu rádio-relógio para as 3 horas da manhã, ponho no volume mais baixo, e o coloco debaixo do meu ursinho Paddington.

Xereta entra no meu quarto, com a coleira balançando, pula na minha cama e se enrosca feito uma bolinha, encostado nos meus pés. Quando dou uma coçada atrás da sua orelha direita, percebo que minhas mãos estão tremendo um pouco.

— Como está, querida? — vovó pergunta em pé na soleira da porta. Eu engulo em seco:

— Tô bem, acho.

Ela entra e senta na beirada da minha cama. Então, ela vê o Xereta ali.

— Mas o que esse cachorro está fazendo aqui? Ele sabe muito bem que tem que dormir lá embaixo!

Ela afaga a cabeça dele; e ele põe uma pata sobre a perna da vovó. Xereta sabe negociar.

— Bom, acho que ele pode dormir aqui. Mas só hoje — ela diz.

— Obrigada, vovó — eu digo. — Tive mesmo um dia difícil.

Ela me dá um beijo na testa e afaga meus cabelos.

— Eu sei Maple, foi um dia complicado para todos nós. Mas tenho certeza de que amanhã será um dia muito melhor.

Vovó diz isso com os olhos meio fechados, e posso sentir suas mãos macias enquanto deslizam pelo meu cabelo até o meu rosto.

— Sonhe com os anjos, tá bem?

Em seguida ela me dá mais um abraço e puxa minhas cobertas até cobrir meu pescoço. Sinto o relógio esbarrar no meu braço e prendo a respiração, rezando para ela não perceber o fio que sai do relógio até a tomada. Depois ela se inclina e desliga o abajur da mesinha de cabeceira. E o quarto mergulha na escuridão.

— Boa noite, vovó — digo. — Eu te amo.

— Boa noite, minha pequena. Também te amo. — Ela sai e encosta a porta, mas fico feliz porque deixa uma frestinha aberta e a claridade lá de baixo consegue entrar. Ouço o uivo dos coiotes a distância. Olho para o céu todo estrelado e penso na Lily. Viro de lado e coloco o rosto sobre a palma da mão.

— Não se preocupe. Vou resolver tudo — digo baixinho no escuro. Torno a me virar. Xereta se mexe aos meus pés e caímos os dois no sono. Dou um pulo na cama. Ouço uma voz gemendo, "Bad, Bad Leroy Brown". O Xereta se levanta e fica fuçando com o nariz por baixo das cobertas. Minha mente está clara como o céu depois da tempestade. Coloco a mão sob os lençóis, até encontrar o plástico duro do relógio. Desligo o despertador. São 3 da manhã. O relógio balança e vira, enquanto tento me firmar. Durante o sono, devo ter aumentado o volume do alarme sem querer. Meus dedos se perdem naquele monte de botões. Eu aperto todos eles. "Baddestman in thewhole..." Finalmente o barulho cessa. Fico parada e escuto. Alguém deve ter ouvido o alarme. Conto até dez, esperando ouvir os passos da vovó, ou o choro da Beetle, ou a Dawn entrar correndo. Nada, apenas ruídos vindos de fora.

Meu quarto até que tem claridade, considerando-se que é de madrugada. A lua mancha o tapete com a sombra da janela, e, mesmo assim, eu preferiria que fosse o sol atravessando o vidro. Xereta vem deslizando sobre a barriga e dá uma lambida no meu rosto. Eu o empurro e coloco o dedo sobre os lábios.

— Você precisa ficar quieto, Xereta, senão alguém vai perceber que estamos indo.

Eu desço da cama, enfio a mão debaixo do travesseiro e puxo as roupas que coloquei lá. Minha pele dói e estou toda arrepiada; não está particularmente frio, mas a casa parece acordada entre sussurros e sombras. Fico de pé na claridade da lua e visto as calças, uma perna de cada vez. "Devagar, devagar, devagar", fico repetindo pra mim mesma. Visto um moletom com capuz sobre a camiseta. Pego meu chapéu de pele de puma e amarro as pontas sob o queixo.

Eu me abaixo e entro debaixo da cama na escuridão. Passo minha mão pelo carpete, até que encosto na alça da mochila. Dou um puxão, mas a mochila nem se mexe. Ela está bem instalada nesse lugar. Agarro a alça e tento abaixar a mochila, puxando com força. A mochila se solta de repente, e, então, bato com o cotovelo na estante de livros. Dói tudo, do cotovelo até o ombro. Tapo a minha boca para não fazer barulho. Se eu gritasse, estragaria tudo. Seco as lágrimas que querem brotar dos meus olhos, e reúno toda a minha coragem.

Eu mal consigo distinguir a silhueta do meu ursinho Paddington sobre a cama. Não posso ver nem seus olhos, nem sua expressão, mas alguma coisa me diz que ele quer ir conosco.

— Tá bem, — eu digo, e engancho o Paddington no meu braço. — Mas você vai ter que se virar sozinho, não vai dar pra eu ficar fazendo tudo pra você.

Ele parece entender; então, penduro a mochila no meu ombro e caminho em direção à porta do quarto. Ela ainda está com a frestinha aberta, mas não vem nenhuma claridade lá de baixo. Está escuro feito breu.

— Não fique com medo — eu digo a Paddington —, só está um pouco escuro, mas é exatamente a mesma casa que é de dia.

Estico as mãos para evitar obstáculos, e avanço devagar com os pés para não tropeçar em nenhum brinquedo que tenha sido deixado no chão. O quarto da Dawn fica bem em frente ao meu, e eu respiro aliviada quando percebo que sua porta está fechada. Depois colo meu ouvido na porta para ver se escuto algum barulho de movimento lá dentro, e não ouço nada além do ressonar de seu sono. Tiro o bilhete do meu bolso e o enfio por debaixo da porta, assim vai estar bem no seu caminho quando sair para tomar café. Eu me levanto. O corredor é longo e escuro. Vou deslizando a mão sobre a parede. Piso com um pé de cada vez, primeiro o calcanhar, depois os dedos. Vou devagar, pisando leve como uma raposa. Alcanço o alto do corrimão da escada.

A escada vai sumindo na escuridão. Paddington está tremendo, enganchado no meu braço. Xereta se levanta de onde está

sentado e começa a descer as escadas, como se fosse dia claro. Sua coleira balança como se fosse um milhão de sinos ressoando no escuro. Viro na direção do quarto da Dawn, agarro o corrimão com minha mão direita e paro. Fico lá parada por um minuto, pensando em uma desculpa no caso de ela abrir a porta, mas nada acontece. Quando olho de novo, o Xereta já desapareceu. Desço as escadas com bastante cuidado. Caminho como se estivesse sobre um lago congelado, onde o gelo fosse muito fino. Desço o último degrau, piso no assoalho e paro. As tábuas costumam ranger nesse pedaço, por isso levanto a perna bem alta e dou um superpasso na direção da sala de jantar. Abaixo o pé e faço a mesma coisa com a outra perna. Tudo quieto. Suspiro aliviada e deslizo a mão sobre a parede, na direção do banheiro. Quando estou quase lá, abro a porta do escritório bem devagar. Eu preciso daquele livro e do mapa, por isso sei exatamente para onde devo ir e o que estou procurando.

Papai gosta de ar fresco nos dias quentes de outono (e esse outono tem sido quente), mas ele se esqueceu de fechar a janela antes de ir para o hospital. Entra uma brisa fria e levanta umas folhas de papel que estão sobre a escrivaninha. Elas sobem, giram e caem no chão, bem aos meus pés. Um coiote uiva lá longe, mas seu ganido não parece amigável como na outra noite. Não tem graça nenhuma, e não se parece com os uivos que o papai tenta imitar. A sala está fria e coberta de sombras, e meu peito parece congelar dentro de mim. Minhas pernas recusam a se mexer.

"Silenciosa como o puma", eu repito pra mim mesma. "Silenciosa como o puma e esperta como a raposa". Desvio o olhar da janela, com medo de olhos brilhantes que possam surgir de repente. Encosto na escrivaninha e sinto a madeira fria tocando os meus braços.

— Fica aqui — eu digo a Paddington, e o ajeito perto de mim.

Sacudo os ombros para tirar a mochila das costas e procuro minha lanterna Maglite. Deslizo minhas mãos da ponta de metal até o cabo, procurando o botão de acender. Gorilas, monstros e enormes torres se insinuam para além do fecho de luz. Mas consigo enxergar

o caminho. Silenciosa como o puma. Esperta como a raposa. Silenciosa como o puma. Esperta como a raposa.

Fico virando a lanterna pra frente e pra trás, e o facho de luz desloca a escuridão de um lado para o outro. O que eu pensei ser um gorila se transforma em uma poltrona macia, o monstro em um aparelho de fax, e as torres em um monte de livros empilhados. "Eu conheço bem o escritório", digo a mim mesma, "é um lugar perfeitamente seguro".

A grande parede de livros se mostra; então, vou passando os dedos sobre os volumes. Segunda prateleira. Mais ou menos no meio. Procuro entre livros com macias capas de couro, bordas gastas e irregulares de papel, e lombadas duras e brilhantes que esfriam a ponta dos meus dedos. Levo uma eternidade para encontrar a letra P. Até que, finalmente, minha mão toca aquela capa dura e desgastada. Tenho que forçar a vista para tentar descobrir as letras gravadas na lombada: *Lendas da montanha* por Louis Kendall Perkinson. Puxo o livro da prateleira e me viro na direção de onde vim. "Silenciosa como o puma, esperta como a raposa." Digo isso a mim mesma, em um sussurro. Vou repetindo a cada passo, até alcançar o cesto onde ficam guardados os mapas. Eles estão lá, com suas bordas irregulares e totalmente brancas, como ossos de um esqueleto. No começo, tenho até medo de tocá-los, mas depois eu digo a mim mesma pra deixar de ser boba. Não existe nenhum cesto cheio de ossos no escritório do meu pai. Vou olhando os títulos. New Hampshire. Maine. Vermont. Washington County, Vermont. Stowe, Vermont. Mooreland, Vermont. Retiro o mapa de Mooreland e o enfio debaixo do braço. Viro a lanterna para o alto, procurando pelas paredes. O facho da lanterna para, quando encontra a bússola do papai. A brisa a alcança, e ela está balançando amarrada na ponta de seu cordão de couro.

Equilibro o livro, o mapa e a lanterna com um dos braços, e tiro a bússola do gancho com a outra mão. Passo o cordão pela cabeça, e a bússola fica pendurada em meu pescoço.

Devagar, bem devagarzinho, volto na ponta dos pés até a escrivaninha do papai. Um coiole solta um ganido, e a lanterna cai

direto da minha mão, até atingir o chão com um baque, e então a luz falha. Fico com a boca seca. Escorre suor do meu lábio superior, e seco o rosto com a manga do moletom. Por um momento tento entender como posso estar suando com a janela totalmente aberta para a noite fria. Sinto um calafrio. "Não seja covarde, Maple", penso, enquanto pego a lanterna do chão e torno a acendê-la.

Silenciosa feito o puma. Vou passando os pés pelo assoalho, até que meus dedos tocam a mochila. Enquanto guardo as coisas, vou dizendo a mim mesma que estou partindo em busca de um milagre. Vou salvar o bebê. Eu me curvo e puxo minha jaqueta de inverno. Visto uma das mangas, depois a outra. Tiro também meus tênis, ponho de volta o lenço vermelho com a comida dentro da mochila, e calço os tênis. Graças a Deus eles são de velcro, porque eu não poderia segurar a lanterna e amarrar o cadarço ao mesmo tempo. Verifico se tudo está bem arrumado na mochila. O mapa está de pé, e o papel dobra quando fecho o zíper suavemente sobre ele. "Está tudo pronto", penso. Agora só o que tenho a fazer é ir. Respiro profundamente, ajeito a mochila nas costas, coloco meu chapéu de pele de puma e enfio Paddington debaixo do braço.

— Vamos nessa, garoto — digo. Um passo de cada vez. Devagar e sempre.

Quando olho para cima, percebo alguma coisa se mexendo. Fico escutando, em pé no escuro. Procuro nas sombras. Sinto que não estou sozinha, e isso faz os meus dentes baterem uns contra os outros. Dou uma olhada pela janela e vejo o luar. Mas não tem nenhum olho brilhante me encarando. Giro a luz da lanterna pela sala, da janela para a parede e para a porta. Será um coioote? Um urso? Um puma?

É a Dawn.

O facho da minha lanterna está sobre minha irmã, parada na porta do escritório. Ela veste uma camisola comprida com babados nas mangas. Seus olhos estão semicerrados, e ela os desvia e protege quando lanço a luz sobre ela. Posso ver meu bilhete em suas mãos.

— O que você acha que está fazendo?

— Eu lhe disse no bilhete. Vou procurar a Mulher Sábia da Montanha.

— Você acredita mesmo nessa história estúpida, não é? — ela fala cruzando os braços.

— Tenho que ir andando — digo.

— Não posso deixar você sair. Você vai se perder, Maple!

— Pode ser, mas pelo menos eu estou tentando fazer alguma coisa — digo. E vou passando por ela. Xereta se junta a nós à porta do escritório e senta-se ao meu lado.

Dou uma olhada pros lados da sala, para o corredor dos fundos onde fica o quarto em que vovó está dormindo. Nenhum movimento. "Eu vou conseguir", penso comigo mesma. Vou na ponta dos pés até a porta. Sinto a maçaneta fria na palma da minha mão. Devo abri-la, mas não faço isso.

Espero um pouco e presto atenção aos ruídos, no outro lado da sala. Consigo ouvir a respiração da Dawn, de pé atrás de mim. "Vire a maçaneta, Maple", digo a mim mesma. Mas, bem na hora em que giro o punho para abrir a porta, escuto, lá de cima, a voz da Beetle e, um segundo depois, ela começa a berrar.



CAPÍTULO 4

Eu me jogo atrás do sofá, e a Dawn também mergulha ao meu lado. Seu nariz fica apitando na minha orelha, e eu abano a mão pra mostrar a ela que não quero seu bafo fedorento na minha nuca. Espreito pela beirada do sofá. Vovó sai apressada do seu quarto. Ela veste uma camisola branca, muito parecida com a que a Dawn está usando, com babados e tudo o mais. Eu estico o pescoço, e vejo minha mochila plantada, grande como um filhote de urso, ao lado da mesa da cozinha onde eu estava tentando escondê-la. Cruzo os dedos, torcendo para que vovó não a veja.

Agora ela acende a luz da sala, e eu ouço o creck familiar quando ela passa para a escada. Ouço também a coleira do Xereta balançando. Ele deve estar logo atrás dela.

— O que você faz acordado, garoto? Por acaso está tomando conta da casa? — vovó vai dizendo enquanto o ruído dos seus passos vai diminuindo.

Essa é minha única chance. Tento passar pela Dawn. Mas o espaço entre o sofá e a parede é estreito deste lado e ela entrou por último. Paddington e eu estamos cercados como um par de galinhas.

— Maple, a gente tem que conversar. Não dá pra você simplesmente se enfiar no mato no meio da noite. Você pode ser devorada — ela diz baixinho.

Os coiotes ainda estão uivando, e seus ganidos fazem minha pele pinicar e arrepiar. Um segundo depois, ouvimos as passadas da vovó descendo a escada, e Dawn e eu nos escondemos de novo atrás do sofá. A gente costumava construir fortes aqui atrás, mas agora o espaço não parece tão grande quanto era antes.

— Mana, mana.

— "Mayel" — Beetle resmunga.

— Coitadinha. Qual é o problema, criança?

Ouçõ a vovó dando beijos na Beetle, e, então, puff, ela se senta no sofá. E aparece um calombo bem na minha cara, no lugar onde o corpo da vovó empurra o estofamento para o outro lado. Enfio o Paddington entre as minhas costas e a parede, e me encosto em seus pelos macios. Dawn se enrola feito uma bola, e põe o queixo contra o joelho com a cara virada para o tecido xadrez.

A voz da vovó enche a casa.

Boi, boi, boi,

Boi da cara preta,

Pega essa menina que tem medo de careta!

Vovó fica repetindo a cantiga toda a vida. E nós, aqui, como passarinhos na neve, encolhidas e quietas, só esperando. Mas a vovó para de cantar, e o Xereta deve ter pensado que estamos todas acordadas nos divertindo, porque sua cabeça aparece de repente na lateral do sofá, e ele lambe o rosto da Dawn. Eu tomo um susto, e a Dawn seca o rosto com o braço.

— Xereta, o que você está fazendo fuçando aí atrás? — diz vovó, e o calombo no encosto muda de lugar.

Sua cabeça dá um tranco para trás, ao som do seu nome; ele se esgueira de volta e sua cara desaparece.

— Encontrou comida que as meninas deixaram cair? Deixe-me ver! O calombo desaparece do encosto do sofá. É o fim. Fecho os olhos e rezo.

— O que foi garoto? — ela pergunta.

A coleira faz barulho. Enterro minha cabeça entre os joelhos.

— Da! Maaaaaana. Beetle chia como se fosse um passarinho. Sempre a Beetle. Vovó dá um suspiro e o calombo torna a surgir.

— O que você quer criança, quer ouvir uma história? Quer querida? Tá bem! — diz vovó, e o sofá faz uns barulhos esquisitos como se ela estivesse balançando a Beetle pra frente e pra trás.

— Você é muito agitada para sua idade. Ahh, com certeza. Bem, que história você quer que eu conte?

Ela faz uns ruídos com a língua e, do nada, sua mão aparece no peitoril da janela onde três porta-retratos estão encostados contra o vidro. A mão da vovó toca a moldura dos porta-retratos. Um tem a foto da Dawn, eu e Beetle, outro é da tia Betty, e a outra foto é do meu tio-avô Meyers. Ela pousa a mão sobre o retrato do tio-avô Meyers e o pega da janela. Sua mão e o retrato desaparecem das minhas vistas.

— Ahh, quer que eu conte sobre seu tio-avô Meyers e a Mulher Sábia da Montanha? Isso, sim, é que é história.

Dawn vira e olha para mim com cara de interrogação, e eu dou de ombros, mostrando que também nunca ouvi essa história antes. Pois é, a mamãe está me ensinando a canção, e eu já escutei a história original da Mulher Sábia um zilhão de vezes. Mas essa história ainda não ouvi.

— A primeira coisa que você tem que saber a respeito do seu tio-avô Meyers é que ele tinha um velho cão de caça chamado Remington. Remi pra ficar mais fácil. Você ia gostar dele, criança, o cachorro mais fiel que conheci. Ele tinha grandes olhos caídos, sempre com cara de que estava perguntando alguma coisa. E olha, ele gostava mesmo do seu tio-avô Meyers. Estava sempre ao seu lado. Aonde quer que tio Meyers fosse, lá também estava o Remi.

A voz da vovó é doce e calma e, por um momento, eu paro de me preocupar com os coiotes para prestar atenção na história.

— O seu tio-avô já tinha perdido quase todos os seus entes queridos, por isso Remi era tudo o que ele tinha, e já era velho quando esse fato aconteceu. Ele já devia estar com 60 ou 70 anos de idade. Bem, considerando que seu tio-avô cresceu na floresta, ele não tirava da cabeça que aquele era o seu lugar no mundo. Não importava o quanto ele e Remington estivessem envelhecendo, nunca deixaram de fazer seus passeios pela mata.

— Certa manhã, eles já haviam passado pelos pinheiros e caminhavam em direção às árvores de bordo. Caminharam por um tempo, pisando as folhas secas de outono, que estalavam, e depois de umas duas horas de caminhada eles cruzaram com uma ninhada de filhotes de leão da montanha. Sabe criança, atualmente não se veem mais essas criaturas por aqui, mas pode acreditar, eles ainda estão por aí.

Eu dou um puxão no meu chapéu de puma e toco sua pele, porque puma e leão da montanha são nomes diferentes para o mesmo bicho. Passar a mão sobre a pele ajuda a me concentrar na voz da vovó e na história.

— Olha, querida, preste atenção, nunca é bom interferir na natureza das coisas, e seu tio-avô Meyers sabia bem disso. Mas Remington ficou curioso e começou a enfiar sua cabeça e seu nariz de caçador dentro da toca onde a ninhada estava enfurnada. E lá estava ele com sua língua rosada pra fora da boca, babando pelos filhotes. Sabe, criança, você não gostaria de ver uma mamãe leoa da montanha brava. É terrível. Ela se virou de repente e viu a cauda do Remi balançando loucamente. A seguir, deixou cair o pássaro que estava em sua boca e foi direto pra cima dele. A única coisa a favor de Remi, naquele momento, é que ele estava enfiado na toca até o pescoço. O pescoço é uma parte muito sensível, criança, e o Remi teve muita sorte porque a leoa não conseguia alcançá-lo. Mas ela enfiou a pata nas suas costas com força, e o pobre cão saiu voando da toca, sangrando muito.

Deslizo a mão sobre a lateral do chapéu e toco uma das garras de puma. Ela ainda é afiada, mesmo tendo sido aparada antes de ser dada a mim. Coitado do Remi, devia ter marcas de garras ziguezagueando pelas suas costas. Eu ficaria desesperada se o Xereta sofresse um ataque como esse. Então, solto depressa a garra e escondo minhas mãos em volta do corpo.

— Seu tio-avô Meyers amava aquele velho cão de caça. Como eu já disse, ele faria qualquer coisa para manter o cão ao seu lado. Bem, ele pensou que a melhor coisa a fazer seria se afastar dali. Por isso pegou Remi no colo o mais rápido que conseguia, e virou seu

corpo de barriga para baixo. A mamãe leoa não foi atrás dele. Ele afirma que foi porque ela viu o sofrimento em seus olhos; mas o fato é que ela lhe deu um aviso, ele entendeu e estava se retirando de seu território. Seu tio-avô Meyers carregou o velho cão por horas, mas ele não conseguia pensar direito vendo seu amigo tão machucado. Remi mal conseguia respirar, e também estava inconsciente. Seu tio-avô pretendia levá-lo para casa e ao veterinário, mas em pouco tempo percebeu que havia perdido o caminho. Isso era estranho para ele que conhecia aquelas matas como a palma de sua mão.

Minha perna está começando a ficar dormente, e tento mudar o peso do corpo para o outro lado, sem encostar-me ao sofá. Fico dobrando e esticando os dedos dos pés para tentar interromper as agulhadas que sobem pelas minhas pernas. E a vovó continua a contar a história.

— Começou a escurecer, criança, e seu tio-avô achou que seria melhor deitar o Remi e construir um abrigo para os dois passarem a noite.

Então ele depositou o cão na fenda de uma rocha, protegendo-o no caso de uma ave de rapina estar rondando e atacar, enquanto ele buscava os galhos de árvore. Ele deitou o cão e chorou. Chorou e chorou, mas como chorou aquele velho homem, pensando que seu amigo estivesse morto e que não havia nada que ele pudesse fazer. Mas é estranho como as coisas acontecem. Muito estranho. Seu tio-avô Meyers colocou Remi em uma sombra, debaixo de uma placa de rocha, e da pedra escorria água. Remi continuava deitado lá, com a língua de fora, caída de lado, e Meyers estava certo de que ele havia morrido. Mas a água que escorria da pedra pingou justamente sobre a língua do Remi. E tão certo como estou sentada, aqui e agora, o cão despertou. Ele se levantou devagar — com apenas um olho aberto — e olhou para seu tio-avô. Choramingou um pouco, sabe criança, mas não conseguiu se mexer. O pobre cão havia perdido muito sangue. Quando seu tio — avô olhou para o céu para agradecer por seu velho amigo ainda estar com ele, viu a silhueta de uma mulher saindo da lateral da montanha. É lógico que

o rosto era feito de pedra, mas era a própria Mulher Sábia, observando aquela triste cena e se compadecendo dela.

Tentei olhar para Dawn para ver se ela estava prestando atenção ao que a vovó estava contando sobre a Mulher Sábia, que acabava de realizar um verdadeiro milagre. Mas, do jeito que Dawn estava sentada, seu rosto ficava virado para o outro lado, e ela não olhou pra mim, nem deu de ombros, nem nada. Mesmo assim, ela parecia estar acordada, então devia estar ouvindo.

— Seu tio-avô e Remington ficaram com a Mulher Sábia por três dias, enquanto seu tio cuidava das feridas do cão e o trazia de volta à vida. E, acredite se quiser, seu tio-avô e aquele velho cão de caça saíram juntos da floresta. Remi viveu por mais cinco anos, e tinha 24 anos quando morreu. Agora me diz se não foi um verdadeiro milagre o que aconteceu.

Vovó estala a língua e fica em silêncio por um tempo. E apesar da câimbra nos pés e da dor nos joelhos, eu me sentia feliz e confiante com a minha missão.

— E esta é a história de seu tio-avô Meyers, do velho Remington e da Mulher Sábia da Montanha. E você, criança, já caiu no sono. Essa história funciona sempre — diz vovó.

O calombo no encosto do sofá desaparece, e posso ouvir os passos da vovó indo escada acima. Descruzo minhas pernas e me apoio no encosto do sofá. Sinto dores dos pés até os joelhos, e faço um pouco de massagem. Pouco depois, ouço a vovó descendo as escadas. Escuto um clique e a luz que entrava pelas laterais do sofá desaparece. Sinto um calafrio enquanto a escuridão me envolve. Os passos da vovó desaparecem na direção do quarto de hóspedes.

Minhas pálpebras estão pesadas de sono e, quando olho para Dawn, ela já tinha se virado para mim e estava branca feito um fantasma. A seguir faz uma careta, enquanto descruza as pernas.

Eu me levanto e me sinto como se fosse um bezerro recém-nascido, que ainda não consegue ficar em pé direito. Pegó o Paddington, e Dawn e eu damos a volta no sofá. Eu me encosto no braço da poltrona. Dawn fica me encarando. Depois se vira e vê

minha mochila. Ela, então, espia a janela, sobre o meu ombro, e fica olhando a claridade do luar.

— Maple.

— O quê? — eu digo baixinho.

— Ai, meu Jesus. Meninas! — Meu coração salta como um coelho fugindo de uma raposa. Vovó está de pé no fundo do corredor com um copo nas mãos.

— O que vocês estão fazendo fora da... ainda são 4 horas da manhã!

Ela me olha de cima a baixo e sinto minhas bochechas vermelhas.

— Maple, por que você está toda vestida?

Eu tiro rápido o chapéu da cabeça e o escondo e ao Paddington por trás das costas.

—Pra cima, vamos, pra cima, agora mesmo! — ela disse bem brava. — Vocês vão me explicar tudo direitinho pela manhã. Mas agora todo mundo precisa dormir um pouco nesta casa. Vamos, vamos.

Dawn e eu vamos nos arrastando escada acima, de cabeça baixa, com a vovó bem atrás da gente. Tiro meus sapatos, e a vovó me ajuda a tirar a jaqueta. Ela vê a bússola pendurada em meu pescoço e revira os olhos. Eu retiro o cordão e coloco-o ao lado da minha cama. Ela joga a jaqueta sobre a cadeira, enquanto subo na cama e tento pensar em alguma desculpa.

— Conversamos, amanhã, quando eu estiver um pouco mais descansada, certo?

— Tá bom, vovó — eu concordo.

Ela fecha a porta com força, e o Xereta sobe na minha cama e lambe minha mão.

— A gente não conseguiu, garoto. Pelo menos não dessa vez.

Mergulho nos lençóis e encosto a cabeça no focinho macio do Paddington. Um coiote uiva lá fora. Mas eu estou aqui dentro, quentinha.

Confortável. Segura. Só que, por algum motivo, isso não me consola. Viro de lado e me afundo mais nas cobertas. Daí, viro de

novo para o outro lado. Tento afofar o travesseiro, deito minha cabeça e tento dormir.



CAPÍTULO 5

Eu conto até duzentos duas vezes seguidas e depois tento pensar em coisas bonitas como o arco-íris ou um dia de sol; mas, no mesmo instante, começo a pensar em Lily outra vez, imaginando se ela vai ter oportunidade de guardar esse tipo de lembrança para as noites em que não conseguir pegar no sono. Eu me viro de lado e dou uma olhada no rádio-relógio: 4h15m. O céu ainda está escuro, mas a lua ilumina o orvalho prateado que congelou em torno da minha janela.

Estou pronta pra me levantar, quando ouço um taptaptap suave vindo do outro lado do quarto. Por um instante, mergulho sob as cobertas pensando que é outra borboleta mal-assombrada batendo contra o vidro da janela, quando deveria estar dormindo bem longe daqui; mas aí escuto o ruído baixinho outra vez e percebo que vem da porta do meu quarto. Eu saio das cobertas e vou na ponta dos pés sobre o carpete. Xereta está junto de mim e fica fuçando o chão. Abro a porta só um pouquinho e coloco um olho pela fresta para poder enxergar na escuridão do corredor. Não consigo enxergar direito a Dawn, mas posso ouvir sua respiração feito um apito, e por isso sei que é ela. Acho que ela vem se desculpar por impedir minha viagem e atrapalhar os meus planos.

- O que você quer aqui? — eu digo baixinho.
- Me deixa entrar — ela sussurra de volta.
- Por que deveria? — digo.

Ouço um barulho de papel amassado e estico os olhos pra ver o que ela está carregando. Vejo a silhueta de um mapa enrolado debaixo do seu braço, e um livro e um caderno em suas mãos.

— O que é isso? É o meu mapa? — abro depressa a porta e ela entra correndo. Xereta dispara para o corredor.

— Maple, o que eu queria lhe dizer, é...

Sento na beirada da cama e fico esperando ela falar de uma vez.

— É que... eu não acreditava naquela história até a vovó contar o que aconteceu com o Remington. Desculpe-me, eu quero ajudar.

Pulo da cama imediatamente. Não acredito que ela queira ir junto. Dou um abraço bem forte na Dawn. No fim das contas, vamos conseguir o milagre antes de amanhecer. Dou a volta e fecho a porta bem devagar pra não acordar a Beetle de novo. Quando me viro, vejo que Dawn tinha puxado a caixa com os chapéus de pôr a cabeça pra funcionar e colocado sua cartola. Vou até a cama e puxo meu chapéu de pele de puma de debaixo do travesseiro onde o enfiei depois que a vovó saiu do quarto. Enfio o chapéu na cabeça e amarro o cordão embaixo do queixo.

— E aí? — Dawn fala enquanto abre o mapa de Mooreland. — Que caminho você pensou em pegar? Ela pega uma mini-Maglite de dentro da manga e acende a lanterna.

— Bom, eu só ia pensar nisso depois que já estivesse na estrada e tivesse uma chance de olhar o mapa — digo.

Dawn começa rir.

— Poxa, que sorte que eu te alcancei. Você ia ficar perdida antes mesmo de o sol nascer.

— Não ia, não. Papai me ensinou como usar uma bússola, e sei me localizar em um mapa — digo a ela. Tenho certeza de que ia conseguir. Além do mais, pedi sua ajuda durante o dia anterior, e ela não quis me ajudar. Por isso não era culpa minha se estava partindo sem um plano definido. Era culpa dela.

— Você sabe, pelo menos, onde fica a Mulher Sábia da Montanha?

— Não, quer dizer, eu sei que fica em Vermont — respondo.
— Eu ia procurar primeiro no livro e depois localizar no mapa. Eu não tinha outra escolha, se é que você se lembra. — Falo essa última parte projetando meu queixo em sua direção para que ela entendesse a indireta, mas não entendeu. Em vez disso, ela pega o livro que trouxe. O facho da lanterna ilumina o título, *Lendas da montanha*. Ela deu um jeito de pegar minha mochila e se serviu à vontade dos meus suprimentos. Cruzo os braços intencionalmente, enquanto ela corre o dedo pelo índice. Depois vira algumas páginas e começa a ler. Tento chegar perto para ver o que ela está lendo, mas ela não deixa. Ela me futuca com seu cotovelo ossudo.

— Ai! Dou um empurrão no seu braço, mas ela simplesmente me ignora.

— Aha! — ela faz.

— O quê?

Dou uma cotovelada nela para tentar olhar, mas ela me empurra de volta.

— Pare, chegue pra lá e escute. "A Mulher Sábia está localizada no Península State Park, desde a mais antiga era explorada geologicamente."

Península State Park. Eu já ouvi falar desse parque. Acho até que fui lá no ano passado em uma aula de campo da classe da professora Yetti. Puxo o mapa, e assim que Dawn o ilumina com a lanterna eu vejo o nome.

— Aqui está: Península State Park — digo e mostro com o dedo. Dawn procura com os olhos e tira minha mão do mapa, como se fosse uma mosca em cima de um sanduíche.

— Precisamos descobrir onde estamos em relação ao parque. Mas não adianta nada só saber onde é — ela diz.

Olho as linhas do mapa, passando o dedo por cima de montanhas e vales, mas assim que parece que estou quase chegando lá, a lanterna pisca e desliga.

— Lanterna estúpida — diz Dawn, e bate a Maglite na palma da mão. Puxo o mapa para a mancha de luar que cobre o chão e continuo procurando. Enquanto Dawn fica lá mexendo na lanterna

dela, meus olhos batem direto no nome da nossa rua: Canton Creek Turnpike. Coloco novamente a ponta do dedo sobre o mapa e fico só esperando a Dawn tirar outra vez, mas ela não tira. Em vez disso, ela chega mais perto e olha o mapa. Depois coloca a lanterna sobre a escala, como se fosse uma régua.

— Cada centímetro equivale a um quilômetro — ela diz. Daí ela pega a lanterna e coloca uma das extremidades sobre Canton Creek Turnpike, e a outra na direção do Península State Park. A gente tem que mover a lanterna umas duas vezes para cobrir toda a distância. Ela suspira e a deixa cair.

— São quase 50 quilômetros daqui. Você nunca teria conseguido sozinha. Na verdade, nós duas juntas não conseguiríamos. Não dá pra acreditar que estou ouvindo isso.

Não dá pra aguentar.

— Quem sabe a gente leva o Millament junto? — pergunto. Se eu e a Dawn viajarmos montadas no touro, não ficaremos tão cansadas, afinal ele é grande e forte para carregar coisas. Ele não vai nem sentir nós duas em suas costas.

— Ele é lento demais, imbecil. Nós levaríamos dias para chegar até o parque — ela diz.

Eu odeio que me chamem de imbecil. E a Dawn está sempre me chamando assim. Ela pensa que é muito esperta e que pode resolver qualquer problema, mas de vez em quando ela poderia pelo menos prestar atenção a uma das minhas ideias. Começo a me lembrar de um monte de situações em que ela tentou ser melhor que eu. Se a Beetle começa a chorar, é ela que tem que cuidar. Se tenho dúvidas com a lição de matemática, lá está a madame tagarelando no meu ouvido. Quando estou brincando lá fora e tentando pegar uma rã ou uma salamandra, lá vem a Dawn me ensinar um jeito de conseguir mais fácil. Ou é porque eu preciso ficar quieta ou tenho que manter minhas mãos onde a rã não possa ver. Estou dando apenas alguns exemplos. Mas tem um milhão deles. Fui eu que tive primeiro a ideia de salvar o bebê, e agora ela quer passar na minha frente bancando a chefona.

— Você realmente tinha que ter planejado melhor as coisas — ela diz. — Temos que começar do zero.

Então ela pega o caderno e puxa um lápis que está enfiado na parte de cima dele. Ahh, assim que a vejo escrevendo, derrubo o lápis da mão dela. Rola tudo no chão, lápis e caderno, com as folhas batendo umas contra as outras e se dobrando. Fico torcendo para que algumas folhas se rasguem. Aliás, eu é que devia ter arrancado o caderno dela e rasgado em dois. Veja só quantas ideias brilhantes ela vai pôr no papel agora. Ela estica o braço e pega tudo de volta.

— Nunca mais faça isso! — ela fala com raiva e eu sei que está louca pra me dar um soco. Mesmo só com a claridade da lua posso ver suas bochechas ficando vermelhas de raiva.

— Então, nunca mais me chame de imbecil — respondo tentando não falar alto. Eu me levanto e, por um instante, fico mais alta que ela, mas aí ela se levanta, também, e fica me futucando com o lápis.

— Maple, estou tentando te ajudar, mas se tudo o que você sabe fazer é ser rude comigo, então esquece, tá bom? — Sinto o tumtumentum da borracha sobre minha camiseta.

— Acho melhor você parar de me futucar com essa droga desse lápis — sussurro o mais alto possível.

Ela aperta os lábios e faz cara de quem está dizendo "me faz parar". Então eu faço. Eu arranco a porcaria do lápis da mão dela e o jogo no chão e, antes que eu me dê conta, a gente já está se pegando. Mas é a primeira vez que a gente briga no meio da noite. É uma luta silenciosa e cruel, sem gritos, nem gemidos. Aperto bem os lábios e me preparo para receber os socos. Mas soco ela também. Fico balançando os braços e ela me golpeando. Suas unhas arranham meus braços e pernas. A gente está em pé uma hora, e na outra está no chão, rolando. Em um minuto estou batendo com a cabeça nos pés da cama, e no outro sinto a madeira dura da estante batendo em meu ombro. Ficamos rolando no chão, à luz do luar, depois na escuridão perto da porta, e voltamos para dentro outra vez. Fico xingando e bufando, tentando mostrar um bom desempenho na luta, quando escuto um som horrível.

Kwiiissshht.

Dawn e eu paramos de repente. Primeiro, acho que é a Beetle ou a vovó acordando de novo. E penso que dessa vez está tudo acabado. A gente se separa, estamos as duas ofegantes. Olho para a porta, mas ela ainda está fechada.

— Ah, não — ouço a Dawn dizer, e me viro pra ela. Ela olha o mapa, desolada, e eu entendo rapidinho o porquê. O lápis está enfiado no mapa com a ponta para baixo. Uma longa linha corta o papel.

— A gente é mesmo muito burra. O papai vai matar nós duas — digo. Mas a Dawn está examinando o mapa bem de perto. Ela quase encosta o nariz no papel e vai passando o dedo por cima da linha cortada. Depois retira o lápis devagar e fecha o buraco, olhando para o mapa como ele deveria estar: inteiro.

— O rio — ela fala tão baixinho que não entendo. Parece as asas de um beija-flor. Você não escuta, até que ele já se foi.

— O quê? — também falo baixinho.

Com uma das mãos, Dawn mantém unidas as duas partes rasgadas, e mostra o traçado que fazem. O rasgo corre sobre uma linha azul que serpenteia ao longo do mapa.

— A gente tem que ir pelo rio. Ele corre direto até o Península State Park. A gente pega o rio até um pedaço do caminho e faz a pé o último trecho. Como é que não pensei nisso antes? O papai e eu já andamos de canoa rio abaixo. Deve ser logo depois da casa dos Tooleys.

— É mesmo, o rio — digo. — A gente vai pelo rio.



CAPÍTULO 6

O sol já está surgindo no horizonte, no momento em que Dawn, eu e Xereta cruzamos a varanda e descemos para o pátio.

— Eu lhe disse pra deixar ele lá dentro — Dawn diz.

— Você sabe tão bem quanto eu que ele estaria latindo feito louco se visse a gente sozinha aqui fora — respondo.

— Tá bem, que seja.

Dawn revira os olhos fazendo aquela cara enquanto andamos pelo gramado. Eu sorrio por dentro, porque sei que agora ela não vai conseguir deixá-lo para trás. Já foi apavorante ter que abrir aquela porta uma vez, sem ser pega.

A porta do barracão range, e o orvalho congelado nos batentes brilha quando a porta balança sob a luz da manhã. O brilho me faz pensar na Mulher Sábia e em seus poderes de cura. Ele aquece e acalma meu coração.

Dawn tira da parede o *kit* de primeiros-socorros e me dá para segurar. Tiro a mochila das costas e jogo o *kit* lá dentro. Daí, nós duas olhamos para a canoa.

— Pega desse lado — Dawn diz. Então ela contorna a canoa e segura do outro lado. Coloco minhas mãos por baixo e tento erguer a canoa com toda a minha força. Ela mal sai do chão, até que a Dawn também a empurra por cima de mim. Tombo para trás e ouço

o mapa sendo amassado quando caio com força por cima da mochila.

— Maple, você tem que erguer a canoa e caminhar ao mesmo tempo. Não pode ficar em pé parada. Por acaso você acha que a canoa vai chegar até o rio sozinha? — ela diz.

Tenho vontade de dizer a ela pra simplesmente calar a boca, mas, em vez disso, trato de levantar aquela droga do chão; depois começo a caminhar de costas. Ela acha que é só ela que sabe lidar com a canoa, mas não é. Sou tão boa quanto. O mato vai sendo amassado sob meus pés, à medida que chegamos à margem. Está tudo congelado, mas o gelo começa a derreter sobre os meus sapatos e posso sentir os pés começando a esfriar e encharcar. Finalmente conseguimos colocar a canoa na margem do rio.

— Prontinho, vou pegar os coletes salva-vidas.

Dawn diz isso e volta ao barracão. Nesse momento vejo Millament saindo do celeiro e caminhando em direção à cerca. Assim que Xereta vê o touro, sente vontade de saudar o dia. Coloca o nariz para cima e começa a uivar. Então eu o agarro e seguro o seu focinho. Mas aí o Millament começa a virar a cabeça de um lado para o outro, fazendo tanto barulho quanto um touro consegue fazer, mugindo e balançando o sino em seu pescoço.

— Shhhhhhhh! — eu faço, mas ele não tem a menor ideia do que isso quer dizer.

Xereta está se contorcendo nos meus braços e, com a confusão, estico o pescoço e dou uma olhada na casa. E aí acontece o pior. Uma luz se acende lá dentro. É a lâmpada do quarto de hóspedes onde a vovó está dormindo. Imediatamente envio um SPIR. Um SPIR é um sinal de perigo das irmãs Rittle, e vem na forma de um assobio de pássaro. Eu sou muito boa na imitação de *Poecile atricapillus*, o chapim-da-cabeça-preta. Fiiiifu, fiiiifu. E, assim que eu assovio, vejo a cabeça da Dawn surgir à porta do barracão.

— O quê? — ela pergunta.

Eu aponto em direção à casa e posso ver que a vovó saiu do quarto de hóspedes. Daí, posso vê-la atravessando a sala. Ela para,

boceja e se espreguiça. Daí ela olha direto para o pátio. Eu olho pra ela e ela olha pra mim. Franze a testa e limpa os olhos como se não acreditasse no que está vendo.

Então, é como se uma lâmpada se acendesse dentro da sua mente. Ela fica com os olhos arregalados e começa a caminhar para a porta da frente.

— Corre! — Eu grito e vejo a Dawn desembestar em minha direção, como se fosse um trem descarrilado. Ela vem aos pulos. Joga um salva-vidas para mim e, ao mesmo tempo, atira os remos no fundo da canoa. Eu finalmente solto o Xereta e ele começa a latir feito louco. Dawn e eu empurramos a canoa até a beira do rio. Posso ouvir o fundo batendo contra as pedras à medida que ela desliza até a água.

— Vai, vai, vai! — Dawn grita.

Dou um salto como um sapo-boi. Perco o rumo, caio sentada no meio da canoa e quase bato o queixo na lateral. Depois, ouço a vovó gritar:

— Maple Tessa Rittle!

Vovó sai correndo pelo gramado, enquanto Dawn empurra a canoa para longe da margem com as pernas. Xereta late para a vovó, depois se vira e dá um grande salto até o barco. Na aterrissagem suas patas sujas arranham minha jaqueta. O barco balança de um lado para o outro. Empurro-o pra longe, levanto-me do fundo da canoa e me sento. Dawn salta e entra no barco com perfeição, prontinha para remar. Ela consegue pular justamente quando a vovó está quase alcançando a margem.

— Meninas, o que vocês estão aprontando agora? Parem esse barco nesse instante! Vovó consegue chegar até nós, mas a correnteza é muito forte e a gente desliza pelo rio sem esforço.

Vovó está descalça na grama gelada. Ela também não está usando um casaco, e, pela cara que ela faz, nunca que eu pararia o barco, nem se pudesse.

— Nós voltaremos em poucas horas, vovó — grito para ela.

Tento demonstrar confiança ao olhar pra ela. Mas vovó se vira e corre de volta para casa.



CAPÍTULO 7

Não me recordo de estar tão assustada antes quanto me sinto agora, sacolejando pra cima e pra baixo nas ondulações do rio. Aliás, nem consigo me lembrar de ondas neste rio. Pelo menos não eram tão fortes quando o papai conduzia a canoa. De toda maneira, aqui estamos nós saltando para cima e caindo em seguida. Eu me sentei ao contrário na canoa, de frente para Dawn, e estou grata por isso porque assim não vejo a água borrifando rio abaixo.

E tanto eu como a Dawn seguramos a coleira do Xereta com uma das mãos. Um dos remos está com a ponta para cima e esbarra na minha mochila, que fica dando pulos como se estivesse se preparando para mergulhar, e o outro está preso no cotovelo da Dawn.

A gente fica subindo e descendo como crianças em uma gangorra. Meu estômago desce até o pé e depois sobe até a garganta. Pé. Garganta. Pé. Garganta.

— Só tem mais uma grandona! Segura firme!

Dawn grita pra mim e solta o remo para segurar o Xereta. A lateral do barco balança, daí é engolida pela correnteza e cuspidada logo abaixo. Dawn mantém os olhos bem apertados.

A gente sacoleja o tempo todo. Ouço um barulho esquisito e, logo depois, sou jogada do meu assento. É duro admitir, mas nessa hora gritei feito um bebê coiole perdido no meio do trânsito. Dawn e

Xereta resvalam para trás, e eu sou derrubada para frente tentando não cair da canoa. As unhas do Xereta rangem tentando agarrar o fundo do barco. A próxima coisa de que me lembro é de voar por cima do banco e deslizar, caindo de qualquer maneira na outra ponta. Dawn e Xereta caem por cima de mim. Um segundo depois, para tudo. O barco fica estável com um pouco de água no fundo, que molha minha mochila, minhas costas e meus pés. É a água mais fria do mundo, e, ainda por cima, o sol mal desponta no horizonte. Dawn se levanta tremendo, e eu estou tremendo também, enquanto tento voltar para o banco da canoa.

— Deus do céu!

Uma voz soa por cima do barulho da correnteza e imediatamente sei que se trata do Sr. Tooley. Eu viro a cabeça e consigo vê-lo perto do seu caminhão. O capô está aberto, e ele está de graxa até os cotovelos. Eu devia ter adivinhado que ele estaria ali fora trabalhando em alguma coisa. O Sr. Tooley só pensa em trabalho. De dia e de noite ele corta madeira, passa o arado, conserta o caminhão. Do nascente ao poente, o Sr. Tooley é o cara mais atarefado que eu conheço. Quando a gente passeia de canoa com papai, temos que ancorar aqui. O Sr. Tooley sempre mostra ao papai uma coisa nova que ele mesmo fez, ou uma cerca que ele ergueu, ou um campo que ele plantou, e a Sra. Tooley sempre nos dá biscoitos. Mas, neste momento, não quero saber de biscoitos e certamente não quero ancorar o barco. Aliso meu cabelo e torno a colocar meu chapéu encharcado na cabeça. Gotas de água gelada caem sobre o meu rosto e basicamente congelam minhas ideias.

— Olá, Sr. Tooley — diz Dawn, e acena para ele como se fosse totalmente normal estarmos cruzando o rio sozinhas e em alta velocidade. Mas na hora me pareceu uma boa ideia agir com naturalidade, então vou na onda da Dawn:

— Não está um lindo dia para um passeio de barco, Sr. Tooley? Tenho certeza de que o senhor também acha, e tenho certeza de que o meu pai vai achar também quando encontrarmos com ele 5 quilômetros rio abaixo, no parque. O senhor compreende, não é? Ele vai nos encontrar lá. — Depois, termino mostrando todos

os dentes e as gengivas, como em um sorriso que parece uma fatia grande de melancia, mas sem tanta semente.

— Esperem aí, crianças, eu consigo pegar vocês, não se preocupem — diz o Sr. Tooley, enquanto pega um galho de árvore na beira do rio.

— Talvez devêssemos remar — digo a Dawn. E mesmo morta de frio, e pensando o quanto seria bom entrar e nos aquecer ou tomar um chocolate quente, fico feliz quando percebo que o Sr. Tooley não consegue alcançar a lateral do barco. O galho acaba caindo na correnteza e nós nos afastamos dali.

— Esperem, crianças, tentem remar de volta — diz o Sr. Tooley. — Segurem o galho. — Ele tenta mandar o galho em nossa direção, mas escorrega e cai pra trás na beirada do rio.

— Vai! — eu digo, e Dawn começa a remar. Ainda consigo ver o senhor Tooley se levantando.

— Meninas, vocês precisam parar o barco! — ele grita e começa a correr ao longo da margem. — Vocês têm que sair daí! Estão indo direto para o Caldeirão do Diabo.

O Sr. Tooley continua avançando na mata, mas suas pernas não têm mais força para acompanhar a velocidade da correnteza, e nós o ultrapassamos.

— Vocês estão indo direto para o Caldeirão do Diabo! Por favor, me escutem! Dawn para de remar e seus olhos ficam arregalados. Mas já estamos longe demais correnteza abaixo. Dawn se vira para olhar para ele. Mas o Sr. Tooley já está de costas, correndo para casa.

— Harriet, Harriet, levante-se! Ligue para a guarda-florestal — o Sr. Tooley está gritando. — As meninas dos Rittle estão descendo o rio!

Entramos em uma curva do rio, e a água se torna calma e tranquila, mas isso não ajuda a melhorar meu estado de ânimo: de uma hora para outra me sinto com frio, tremendo e muito nervosa.

Prosseguimos contornando grandes pedras, como se estivéssemos no fundo de um desfiladeiro. O dia fica escuro, apesar de que, a esta hora, já devesse estar claro e quente. Sombras se

dobram sobre si mesmas e em torno de nós. A água está escura. Eu seguro meus joelhos juntos e tento me certificar de que não tem nada pendurado nas laterais da canoa. Procuro por crocodilos, mesmo sabendo que eles não existem em Vermont. Dawn está remando e, quando enfia o remo na água, ele mal vence a superfície, como se ela estivesse com medo de que o remo escapasse de suas mãos.

1. — Dawn? — digo a ela.
2. — Oi?
3. Ela tira o remo da água e o coloca dentro da canoa.
4. O que será que o Sr.Tooley quis dizer? O que é o Caldeirão do Diabo? — pergunto.
5. — Eu ia perguntar a mesma coisa a você. Mas o nome é familiar, não é? — Dawn responde.

O nome parece mesmo familiar, e começo a pensar que estou me lembrando do que se trata, mas como nunca fomos para além da casa do Sr. Tooley, fica difícil imaginar o lugar.

Dawn abre o zíper da minha mochila, pega o mapa e o livro *Lendas da montanha*. Depois vai virando as páginas, até a que está marcada. Seus olhos ficam mexendo pra lá e pra cá na página enquanto ela procura. Xereta põe o focinho pra cima. Seu olhar se fixa na margem ao nosso lado. Tento encontrar o que ele está olhando, mas a mata está escura e coberta de sombras, e não consigo ver nada nem ninguém que pudesse deixá-lo agitado. Ele levanta as orelhas, e sua boca se transforma em um O, à medida que ele uiva com a cabeça voltada para o céu.

— O que foi, Xereta? — digo, segurando a sua coleira. — O que está acontecendo? — E ele fica ainda mais agitado e uivando. Em seguida aponta com o focinho, mas eu olho e não consigo ver nada. Nada além de árvores fininhas e raízes penduradas, nada além de musgo molhado e pedras pontudas, que são lisas demais para serem escaladas. Fico olhando para as paredes de pedra e para a água escura, e pensando que, mesmo se quiséssemos, não teríamos como escapar dali.

— Ai, meu Deus! — ouço a Dawn dizer, e, quando olho para ela, sei o que está pensando: que descobriu alguma coisa que preferiria não ter descoberto.

Aperto meus lábios:

— O quê? O que foi, Dawn? — pergunto mesmo não querendo saber a resposta.

— O Caldeirão do Diabo se localiza no Península State Park.

Dawn começa a ler, mantendo o livro a sua frente.

— "É respeitado por praticantes de caiaque e canoagem do mais alto nível.

Mas tanto navegadores experientes quanto iniciantes devem ficar alertas; depois de uma queda d'água considerável, o rio continua a correr em turbilhão, em uma série de corredeiras."

Ela olha pra mim com os olhos arregalados e continua a ler.

"Para dizer o mínimo, este é um trecho imprevisível. Seu nome, Caldeirão do Diabo; foi dado por Herman P. Quincy, um aventureiro que costumava desafiar as corredeiras diariamente para visitar alguns amigos rio abaixo. 'Nunca encontrei corredeira mais forte ou mais imprevisível', declarou Quincy." Ela faz uma pausa e vira a página rapidamente. "As rochas emergem da água como se fossem as garras de Satã, tentando agarrar e jogar você para longe. É por isso que o chamo de Caldeirão do Diabo."

Minha boca fica seca de repente.

— Você quer dizer que estamos indo direto para uma forte corredeira? — pergunto.

— É, é isso mesmo que quero dizer. Ela abre o mapa e mostra:

— A gente está aqui.

Debruço por cima do Xereta para ver melhor o mapa. Está tudo nas sombras, e a fina linha que descreve o rio parece desbotada.

— E o Caldeirão do Diabo fica... — ela aperta um pouco os olhos, e move a ponta do dedo uns cinco centímetros... — aqui.

Sento ereta outra vez. "Pensa, Maple. Trate de pôr a cabeça pra funcionar".

— Então — digo, tentando arrumar minhas ideias — então, sei lá, vamos supor que o Caldeirão do Diabo esteja a poucos quilômetros de nós. Vamos supor que essa parede de rocha continue por mais alguns quilômetros. Vamos supor que as pedras sejam íngremes e lisas como essas em volta de nós. Como, o que é que podemos fazer para escapar disso?

— Não sei — Dawn diz — eu... eu não sei se é possível a gente escapar.

Como assim, não sei se é possível a gente escapar? A água escura se agita e o Xereta solta um gemido bem baixinho.

— Tudo bem, Xereta — digo e passo a mão em sua cabeça quentinha. Ele dá uma lambida em minha mão e geme outra vez. Mais alto. O vento açoita o meu rabo de cavalo e as pontas do cabelo chicoteiam meu rosto. Agora não. Por favor, agora não. Mas o céu se acende com um relâmpago e se quebra em um trovão, em um rugido de leão, e uma nuvem gigante passa sobre nós. Xereta responde ao chamado do céu, seus pelos estão eriçados e seus dentes arreganhados. Tudo que conseguimos fazer é olhar uma pra outra e eu agarro a borda do barco como se isso me fizesse mais forte. A água lambe meus dedos como labaredas de fogo. O céu fica ainda mais escuro. As sombras mudam de cinza para azul-escuro. Folhas mortas rodopiam no ar para cima e para baixo. Vai cair uma tempestade.



CAPÍTULO 8

— Jogue a corda! — Dawn grita ao vento.

Nós alcançamos uma clareira. E agora, no lugar de paredes lisas a nossa volta, existem bancos de areia e árvores nos dois lados; mas a correnteza é rápida, e nos suga para dentro de um redemoinho de pedras. Estamos nos movendo muito depressa para que seja possível dominar a canoa ou nos agarrarmos em alguma coisa.

— Você tem que jogar a corda, Maple! Está no fundo do... — A voz da Dawn desaparece no torvelinho. A corda. Lógico, a corda. Olho para baixo. A corda está esparramada sob os meus pés. Tento alcançá-la, mas o barco bate em alguma coisa, e sou jogada para frente. A Dawn está gritando e o Xereta está uivando. Meu coração bate feito um tambor.

— Depressa! — Dawn diz, e vem para o meio da canoa. Eu atiro a corda, e ela agarra uma das pontas. Ela a enrola em torno do corpo e amarra uma de suas pontas, formando um laço. O barulho continua muito alto, o barco balança o tempo todo, e o Xereta quase cai da canoa. Aí a Dawn derruba a corda e o pega.

— Joga logo! Atira naquela árvore! — Dawn grita.

A canoa se move muito rápido, e não tenho certeza de que sou capaz de acertar em alguma coisa. Mas, então, dou uma olhada rio abaixo, e não sei se é minha imaginação, mas juro que vejo ao longe pedras que se elevam das águas, pontudas, escuras e terríveis. Um relâmpago corta o céu, e as águas se transformam em chamas.

Jogo a corda. Ela cai na água e dá pulos como um touro bravo. Emergindo e afundando.

— Puxa e tenta outra vez! — Dawn está gritando.

Olho novamente rio abaixo. Minha boca ficou seca. Estamos cada vez mais perto. Puxo a corda até o barco e tento lançar outra vez. E novamente ela cai muito perto, esparramando água, só que dessa vez acontece uma coisa. O barco dá um tranco, e somos jogados para trás. Caio por cima do Xereta e da Dawn.

— O que houve? — Dawn pergunta, e nos desvencilhamos para verificar o que aconteceu. Dawn segura a corda e começa a puxar. Coloco uma das mãos na frente da sua mão direita e a outra atrás, e vamos puxando a corda. Conseguimos, pouco a pouco, nos mover rio acima. E logo posso ver que a corda enroscou em uma pedra. Puxando com esforço, estamos quase conseguindo. Limpo os cabelos do meu rosto e vejo as ondas revoltas do rio. A pedra onde a corda está presa é pequena e, assim que consigo vê-la, percebo que a areia em torno dela está cedendo.

— Isso não é bom! — Dawn grita.

— A gente tem que pular fora, agora! Sair desse rio — digo. "Por favor, só mais um pouco. Por favor, deixa a pedra segurar só mais um pouquinho!" Peço a Deus e a todos os deuses e deusas dos mitos e lendas de que já ouvi falar. Olho para a água, olho para o céu. Mas não preciso olhar para as ondas para saber que a corda se soltou. Caio para trás, no fundo da canoa. Bato com o quadril direito no assento e, tentando me aprumar, agarro a borda áspera da canoa. Farpas penetram a palma da minha mão esquerda.

O céu se ilumina novamente. Dawn e eu recuamos como se isso fosse nos salvar de um relâmpago. O céu se abre, e a chuva começa a cair. A gente se deixa levar por um segundo. Estamos mortas. Nunca deveríamos ter seguido pelo rio. Mergulho a cabeça em minhas mãos e ajoelho no meio da canoa. Vamos morrer. Hoje. No Caldeirão do Diabo. Olho por cima da borda. Rumamos para a catástrofe. As pedras são pontudas e ameaçadoras, e cada vez que o céu se ilumina revela a água que borbulha adiante. Cada vez mais perto, cada vez maior. Não consigo falar nem gritar nada. Não

consigo acreditar. Dawn se senta no meio da canoa e nos abraçamos, com o Xereta se sacudindo e tremendo entre nós duas.

— Desculpe-me — digo, mas minha voz se perde no vento, e por isso nem tenho certeza se realmente disse aquilo.

Fico esperando o baque. Imagino o barco explodindo em mil pedaços. Fico esperando. Nada acontece. A gente sacode e balança, e meu estômago está revirado. Parece que mal saímos do lugar. Pisco os olhos. Belisco o braço. Olho para trás, para as pedras, mas parece que elas estão se afastando, e nós vamos sacudindo e balançando cada vez mais perto da beira do rio. Bem devagar. Será que é um sonho? Fico me virando, tentando enxergar através da chuva. Será que o Sr. Tooley veio e nos puxou para a margem? Mas não tem ninguém aqui. Dawn também procura. Um segundo depois, ela está remando rio acima para alcançar a beira do rio.

— É um redemoinho! — ela grita feliz. Sinto o barco vibrar, enquanto desliza para a margem.

— O que aconteceu? — pergunto.

— Ficamos presas em um redemoinho! — Dawn repete e agita os punhos para o céu.

"Redemoinho", penso, tentando me lembrar do que é isso. Eu ia perguntar, mas ela está olhando para cima, a chuva desce sobre a sua cartola e cai em cachoeira sobre seu rosto.

— Ajude-me a levar o barco para debaixo das árvores — ela diz.

Coloco a mochila nos ombros. Dawn enfia o remo debaixo do braço e começamos a mover a canoa. Ela puxa, eu empurro. Meus braços estão queimando, minhas mãos estão ardendo, mas faço força com as pernas, e, finalmente, a canoa desliza sobre a areia. A gente empurra direto para dentro da mata. Começo a pensar em todas as coisas que papai nos ensinou sobre tempestades com raios: Não seja o ponto mais alto em um descampado, não fique a céu aberto, não permaneça perto da água.

— Vai dar tudo certo — digo. Fico repetindo isso pra mim mesma, para as árvores, para Dawn e para a minha irmãzinha no hospital. — Vai dar tudo certo.

A chuva está desabando do céu, encharcando minhas roupas e espetando minha pele. Xereta fica choramingando e tremendo, encostado em minha perna.

Vamos penetrando na floresta, com a canoa se movendo com facilidade sobre as agulhas de pinheiro. A chuva é menos intensa aqui, e as gotas caem ruidosamente no solo.

— Vira a canoa contra o tronco dessa árvore — Dawn diz.

Cada uma de nós segura de um lado e viramos a canoa. Sinto meus braços pesados, como galhos de árvore cobertos de neve, mas demos um jeito de colocar a canoa de pé sobre sua lateral, encostada no tronco de um grande pinheiro. Aquilo iria nos servir de abrigo.

— Entra aqui — Dawn diz. Vou engatinhando no escuro, até me encostar no Xereta, e a Dawn engatinha atrás de mim. A gente se ajeita como pode. Ninguém fala nada.

Xereta se enrosca aos nossos pés. Eu ajeito meu pé debaixo da sua barriga. Então eu e a Dawn nos abraçamos como se só tivéssemos uma à outra nesse mundo. Ouvimos o som de um trovão, ou a luz de um relâmpago clareia o interior da canoa, de repente, e fico rezando para não ser derrubada por um raio.

Permaneço parada prestando atenção ao meu corpo; meu coração está pulando feito um potro antes da tempestade. Meus braços e pálpebras estão pesados. Sinto-me, ao mesmo tempo, completamente exausta e totalmente alerta e amedrontada. Mas, de repente, começo a pensar que as coisas não aconteceram exatamente como eu planejava. E começo a imaginar mil coisas:

"E se algum bicho entrar na canoa? E se um raio acertar nós duas? E se vier uma enchente e carregar a gente rio abaixo?" Pulo assustada, e é quando cai um relâmpago e surgem sombras piscando com a breve claridade. Fico dura de medo, procurando nas sombras uma criatura esvoaçante, quando cai outro relâmpago. Então, vejo um lindo par de asas pousado no interior da canoa. *Danaus plexippus*. É só uma borboleta monarca tentando se esconder da tempestade. Não faço ideia do porquê de essa borboleta estar me perseguindo, mas ela está sempre em volta. Olho para ela e vejo que está tremendo. Eu também estou. Lembro-me de o papai

me contar que elas tremem assim pra se aquecer e poder levantar voo novamente. Talvez aconteça o mesmo com a gente. Estou torcendo para que isso funcione; só assim poderemos retomar nossa aventura. Fico observando a borboleta por um longo tempo, e talvez seja a falta de sono, ou os trancos e barrancos do rio, ou a coragem que tive que ter para superar esta manhã, de qualquer jeito. Agora meus olhos começaram a se fechar de sono enquanto ouço o tamborilar da chuva. Apesar de estar com frio e tremendo, enroscome na Dawn e no Xereta e logo caio no sono.



CAPÍTULO 9

Passarinhos cantam na copa das árvores. Abro os olhos devagar. O que tinha acontecido? Meus olhos vão ganhando foco e vejo o interior da canoa em volta de mim. O bebê, a vovó, o Sr.Tooley e a tempestade se misturam na minha cabeça. Tento me mover para sentar e quase bato contra um galho em cima de mim. Minha cabeça está girando e caio de lado novamente. Sinto dor no corpo inteiro. Rolo por cima da Dawn, até o chão da floresta e a nesga de sol. Encosto do outro lado do tronco do pinheiro e examino minhas mãos. Encontro sete farpas enfiadas na carne. A pele está lisa e brilhante, como se estivesse começando a inflamar. Fecho os dedos e me apoio no pinheiro.

O ar ainda está frio, e começo a tremer de novo, sem o corpo da Dawn pra me aquecer. Minha jaqueta está úmida e minhas calças estão duras de água e frio. O Xereta surge entre as árvores, e seus pés desaparecem sob folhas vermelhas e alaranjadas e agulhas de pinheiro. Ele para e fareja o chão. As árvores são separadas umas das outras nesse trecho, e parece que ele está em cima de uma antiga trilha feita de toras. Ele fareja e lambe um pouco da água de uma poça que se formou. Daí ele me vê e vem saltitante em minha direção, com um sorriso na cara.

— Você tá todo feliz solto na mata, não é, garoto? — digo-lhe enquanto ele chega e se deita ao meu lado.

— Ai, que horror — escuto a Dawn dizer, enquanto sai debaixo da canoa. — Parece que eu fui atropelada por um trem. —

A seguir, esfrega a mão no rosto. Folhas de pinheiro caem, enquanto ela tenta se equilibrar pra ficar em pé.

— Também me sinto assim — digo —, mas pelo menos estamos vivas.

— Sem brincadeira, eu estou congelando — ela diz, enquanto caminha até onde estou, devagar, esfregando os braços com as mãos.

— Eu também. Você acha que dá tempo de acender uma fogueira?

— Eu acho que não temos outra escolha, Maple. Não vou conseguir ir muito longe tremendo do jeito que estou. Tremer tanto assim consome um monte de energia. Acho que devemos acender o fogo para tentar nos aquecer e colocar as ideias em ordem. Vou pegar alguns gravetos. Você trouxe fósforos?

— Lógico — digo, enquanto ela se embrenha na mata.

Puxo a mochila e enfio a mão lá dentro, até o cotovelo. Está tudo encharcado. Estico algumas peças de roupa no chão e penduro outras nos galhos. Abro o *Lendas da montanha*. As folhas do livro estão enrugadas, por isso eu as estico contra o tronco da árvore. Pego o mapa e o desdobro lentamente. Ele está úmido e corre o risco de se rasgar de alto a baixo, mas consigo dar um jeito de abri-lo sem estragar.

Abro o zíper da frente da mochila e pego o saquinho Ziploc, onde guardei meu *kit* de fazer fogo. Os fósforos estão secos e funcionando. Foi o papai que me ensinou esse truque. Mantenha sempre fósforos e uns fiapos de tecido dentro de uma bolsa plástica, e você será capaz de rapidamente fazer fogo. Dawn joga os gravetos perto de mim e some outra vez para pegar mais lenha.

Retiro um chumaço de fiapos da bolsa plástica e coloco uns gravetos bem fininhos ao redor. Coloco também umas agulhas de pinheiro, secas e mortas. As hastes de pinheiro não queimam por muito tempo, mas vão funcionar caso tudo o mais esteja úmido. Dawn retorna com pedaços maiores de galhos e começa a quebrá-los, até ficarem do tamanho do meu braço. Coloco os pedaços de pé, uns contra os outros, como se fosse uma barraca.

— Encontrei uns galhos mortos. Era pegar ou largar, mas decidi arriscar porque alguns estão bem secos. Vai dar pra começar, até conseguirmos fazer fogo de verdade — Dawn diz isso, enquanto pega a caixa de fósforos de dentro do saquinho. Ela risca o primeiro e enfia por baixo da barraquinha de galhos, até encontrar os fiapos de tecido. O chumaço se acende e brilha, e eu sopro bem devagar de um lado e do outro. As agulhas de pinheiro começam a queimar, e a fumaça começa a subir. Fecho os olhos e continuo assoprando o fogo.

— Tá quase pegando — exclama Dawn, enquanto nos revezamos para alimentar a fogueira. Com as duas trabalhando, os gravetos se queimam e o fogo começa a se alimentar dos galhos mais grossos. Faz muita fumaça, mas já é alguma coisa. Meu rosto parece descongelar, quando me aproximo do fogo. Se a gente conseguir se aquecer agora, logo o sol vai brilhar e nos manter secas e aquecidas por toda a viagem. Sento-me, então, sobre os calcanhares.

— Maple, temos que voltar pra casa. Eu acho que isso não vai dar certo.

A gente quase morreu pra chegar até aqui — Dawn vai dizendo, enquanto coloca mais uns gravetos na fogueira.

Suas palavras são um tapa na cara pra mim. Por que passar por todas as dificuldades e depois dar meia-volta? Mas estou cansada demais pra discutir agora. Minha cabeça parece que vai estourar, e fecho os olhos pra conter as lágrimas.

Dawn continua a falar: — Talvez devêssemos fazer sinais de fumaça. Mesmo fechando os olhos com toda força, as lágrimas conseguem sair e escorrem pelo meu rosto.

— Não — digo limpando o rosto —, eu preciso continuar.

— Não dá. A gente nem sabe se isso vai dar certo. Nós...

— Pare, Dawn — digo — eu também estou dolorida e machucada. Mas o bebê precisa do milagre. Ela não está bem. O papai disse isso ao telefone. Você também ouviu. A gente não pode desistir agora. Eu acredito na Mulher Sábia da Montanha. Se ela

curou o Remi, também vai curar nossa irmã. Por favor! A gente está quase lá.

Dawn deixa cair os ombros e sua cabeça tomba para frente.

— Eu não gosto nada disso. Sou sua irmã mais velha e devo manter você em segurança; e escuta bem o que eu digo essa não é uma boa ideia. Papai e mamãe não vão gostar de saber.

— Bem — digo — você pode ser minha irmã mais velha, mas eu também sou uma irmã mais velha. E é meu dever fazer alguma coisa. Tenho que ir em frente. Se você quiser voltar, pode ir. Mas eu não volto sem a água.

Dawn suspira tão alto que mais parece um grunhido, e seus olhos estão brilhando quando olham para mim.

— Não tem a menor chance de eu deixar você sozinha. Você pode se perder e até mesmo acabar sendo morta.

— Pode ser, mas se conseguirmos a água e voltarmos sãs e salvas vamos curar o bebê — digo, com o rosto banhado em lágrimas. — É a única chance que ela tem, Dawn.

Dawn não diz nada por um momento. Apenas sentamos juntas perto do fogo. O sol começa a aparecer por trás dos galhos pontudos e pelados das árvores de outono. Esfrego meus braços e pernas para fazer o sangue voltar a correr.

— Você trouxe um espelho ou alguma coisa com que a gente possa sinalizar se for preciso? — Dawn pergunta.

Mas ela não está prestando atenção em mim. Está olhando para o céu, procurando aviões.

— Eu já disse que não volto pra casa sem a água — digo.

— Mas não é seguro — ela responde.

Queria dizer-lhe que não é tudo o que ela entende. Ela acha que é a criatura mais esperta do mundo, mas não é. Queria dizer a ela que não admito que fale mais assim comigo. Eu já tenho idade suficiente para tomar minhas próprias decisões. Mas, em vez disso, meus músculos ficam tensos, eu me levanto e pego sua cartola de dentro da canoa. Ela fica só virando os olhos.

— Você se acha tão esperta que nem escuta o que eu tenho a dizer! Parece que a única coisa que é importante é o que você acha que é importante — grito pra ela.

O tecido da velha cartola ainda está úmido de chuva, mas eu seguro firme pela aba e a chuto com força, arrancando o topo da droga da cartola. Ele se rompe facilmente, e minha perna fica enfiada até a altura do joelho. Eu arranco aquilo da minha perna e atiro no chão.

Ela avança pra cima de mim, antes que eu possa respirar. E aí, já estamos rolando pelo chão, por cima das agulhas de pinheiro. Meu chapéu voa da minha cabeça, e ela tenta alcançá-lo rastejando pelo chão da floresta. Mas eu a agarro pelas pernas e soco com força a batata de sua perna. Ela parece nem sentir meus golpes. Então tenta me bater no rosto, mas eu me protejo com as duas mãos e começo a empurrá-la com as pernas. Ela cai pra trás, mas suas unhas afiadas se enterram na minha perna. Minha pele enruga, e sinto como se tivesse uma tartaruga brava mordendo a minha canela. Eu começo a berrar e a chutar, e ela me solta e quase rola por cima da fogueira; mas para pouco antes, ofegante.

Permaneço lá, quieta. As hastes de pinheiro se encravam nas minhas costas. Sinto minha cabeça zumbindo. Deito no chão e esfrego minhas pernas. Xereta agarra meu chapéu com os dentes e o traz para mim.

— Valeu, garoto — digo-lhe, fazendo um carinho nele. — Sabia que a gente devia ter vindo sozinho.

Disfarço e olho pra Dawn pra ter a certeza de que ela me ouviu, mas ela está distraída com a cartola na mão e olhando para baixo, como se estivesse segurando um animal ferido ou coisa parecida. Permanece virando aquilo para cima e para baixo, como se tentasse descobrir um jeito de oferecer uma nova chance de vida à cartola.

— Não acredito no que você foi capaz de fazer — ela diz, e sem mais nem menos começa a chorar, segurando a cartola. Então, naquele momento, alguma coisa dentro de mim se agita como um galhinho de árvore durante a tempestade.

— Foi o vovô que me deu!

Depois ela me dá um tapa no braço e se afasta de mim, retorcendo a cartola entre os dedos.

Só agora me lembro de que ela ganhou do vovô Jake. Lembro-me dele dizendo que, se ela quisesse ser a mais sabida da escola, deveria usar a cartola para estudar em casa. Fico tentando me livrar da sensação ruim na boca do estômago, mas não consigo. E aqui estou eu tentando salvar uma irmã e magoando a outra. Tento imaginar o que mamãe ou papai diriam em uma situação como essa.

— Dawn! — minha voz sai forte e grave. — Nós temos que trabalhar juntas! Então ela para de caminhar e se vira para mim.

— Maple — ela faz uma pausa — você não está entendendo. Estou tentando mantê-la longe de encrenca...

— Tudo bem, acho legal, mas não sou eu que estou encrencada, Dawn, só estou tentando resolver o problema; então vamos parar de tentar me tirar de problemas e agir para tirar nossa irmã do problema!

Minha voz vai subindo de tom e no fim estou quase gritando.

Ela não responde, mas também não vai embora. E não volta pra brigar comigo de novo. Senta-se, eu me sento e a gente fica sem conversar por um tempo. Tiro os sapatos e os coloco bem abertos perto da fogueira. Limpo a sujeira da barra da minha calça, tiro a jaqueta e a penduro em uma árvore. Ela é que vai demorar mais tempo pra secar. Eu começo a criar minha estratégia e fico tentando descobrir uma forma de convencer a Dawn a me apoiar.

Mas eu não consigo ir muito longe antes que ela fale:

— O Sr. Tooley disse que ia chamar a guarda—florestal. A gente vai o mais longe possível, até topar com eles. Uma de nós carrega a mochila, a outra carrega a bússola e será o guia; depois trocamos. Eu vou guiar primeiro.

Então, ela tira os sapatos e os coloca perto do fogo. Daí, tira a jaqueta e a pendura ao lado da minha.

Então pego o mapa. Vou seguindo o rasgado, localizo o Caldeirão do Diabo e coloco um dedo sobre ele. Procuro montanhas

e vales. Encontro a Mulher Sábia e coloco um dedo sobre ela também.

— Temos que rumar para o norte — Dawn diz, e percebo que ela se inclinou sobre o mapa para olhar também. A seguir coloca o indicador e o polegar sobre a escala do mapa, e depois mede a distância entre os meus dedos.

— É isso aí, são uns 15 quilômetros. Vamos jogar mais lenha nessa fogueira.

Ponho mais uns galhinhos no fogo e estico as pernas em direção ao calor. Dawn pode não estar a meu favor, mas também não está contra mim. O melhor que pode acontecer é que a viagem seja rápida e que a gente não dê de cara com os malditos guardas.



CAPÍTULO 10

— Vem por aqui — Dawn diz, enquanto cruzamos a mata. Ela faz isso tantas vezes que eu acho que é pra eu saber que ela é que está no comando, que ela sabe aonde está indo. Mordo os dentes e vou atrás dela. A mochila está machucando meus ombros e, de vez em quando, dou uma olhada em minhas mãos. Estão começando a pinicar. Eu coço com as unhas e fico pensando em como seria bom passar a pomada do *kit* de primeiros-socorros, mas já perdemos muito tempo.

Nossas roupas secaram bem rápido, mas as jaquetas ainda estão um pouco úmidas. Eu enfiei a minha de volta na mochila, e a Dawn amarrou a dela em volta da cintura. O dia está começando a esquentar, e as camisetas são suficientes para não sentir frio. Mas eu vesti o capuz para manter minhas orelhas longe do frio.

O sol começa a aparecer, e tudo indica que vai fazer um dia bonito. A gente já sente aquele friozinho de outono no ar. Na sombra ainda faz frio. Então, a gente tenta evitá-la, caminhando pelas áreas onde o sol consegue penetrar. Fico torcendo para chegar a uma área de sol e, ao aproximar-me dela, já escolho a próxima para caminhar. Quando me canso disso, começo a pensar na Lily, e fico torcendo para que ela possa ver o sol do seu quarto no hospital. Torço para que ela possa sentir o cheiro das folhas de outono.

Enfim, chegamos a uma grande área ensolarada, e começo a assoviar. Dawn vira para trás e me diz para parar com isso; então, assovio um pouco mais. Não vejo por que não posso assoviar quando estou com vontade.

— Quieta, garota! — Dawn diz, quando alcançamos uma fileira de pinheiros em uma clareira.

Daí eu assovio um pouco mais alto, só pra mostrar que eu sei que a irrita.

— Eu disse calada! — Dawn diz, enquanto rasteja no mato.

Eu imito o canto do *Poecile atricapillus* e tenho certeza de que um chapim-da-cabeça-preta me responde do alto das árvores. Eu me viro para chamá-lo outra vez e ele responde ao meu chamado.

— Fique quieta. Você não está ouvindo alguma coisa? — Dawn pergunta.

— Estou, é um chapim — respondo.

Dawn me agarra pelo braço e me puxa para baixo, junto com ela.

— Pare! — reclamo, e ela tira a mochila das minhas costas. Ainda bem, era a vez dela de carregá-la. Mas ela deixa escapar um assovio agudo entre os dentes, e o Xereta logo vem pra perto de nós.

— Segure ele — ela diz.

— O que está acontecendo — pergunto, e reparo nas gotas de suor que apareceram em sua testa.

— Quieta! — ela diz, e me olha feio. Dessa vez eu fecho a boca e abro os ouvidos. Daí, escuto mesmo alguma coisa. Como se fosse um ronco baixo. É tão baixo que parece que eu sinto, antes de escutar.

— O que será? — pergunto baixinho.

— Não sei! — ela fala e pega os binóculos. Depois os coloca sobre o rosto e se deita de barriga pra baixo. O Xereta começa a querer escapar.

— Quietinho, garoto — digo baixinho para ele. Sinto o chão vibrar debaixo do meu corpo, e o ronco fica um pouco mais alto.

Prendo o Xereta debaixo do braço e olho para Dawn. Ela está de queixo caído.

— O que foi? — pergunto deitada de barriga pra baixo ao seu lado. Ela põe os binóculos no meu rosto e aponta.

Tem um jipe andando bem devagar pela clareira. Guarda florestal. Ótimo. Olho para Dawn. Por que será que ela não correu acenando para eles?

— Qual é o seu problema? — pergunto.

— Dá mais uma olhada — ela diz.

Eu olho outra vez e focalizo no jipe. Um motorista. Um passageiro. O jipe vem chacoalhando pelo campo e vira bem em nossa direção.

Trevor Collins. O arqui-inimigo da escola da Dawn. Li sobre ele milhões de vezes no diário dela. E agora me lembro de que o pai dele é o guarda-florestal do Península State Park. Trevor está sempre se gabando de sair pra trabalhar com o pai na floresta.

Então me encolho mais nos arbustos. Dawn está vermelha feito um pimentão. E está fazendo cara de que está com raiva. Em seguida ela solta os binóculos e tento descobrir o que ela está pensando.

O Xereta vê os dois, e percebo que ele está a ponto de começar a latir. Então, seguro seu focinho com a minha mão.

— Quietinho, Xereta — digo baixinho —, confia em mim.

Ele se deita sobre as patas e a minha mão.

— Você não falava que ia desistir quando o guarda-florestal chegasse? — perguntei quase resmungando. — Você podia muito bem ter ido com eles. Era só dizer que eu tinha me perdido!

— Nem morta que eu vou ser resgatada pelo Trevor Collins — ela diz, e olha pra mim como se eu fosse uma aberração da natureza a qual ela nunca tivesse visto na vida.

O barulho do jipe fica mais alto, e a gente se encolhe ainda mais nas sombras.

— Você consegue vê-las, filho?

É a voz do Sr. Collins.

— Não, senhor, mas é melhor que a gente as encontre logo. Elas não vão durar muito por aqui — Trevor responde.

A Dawn quer cuspir no chão de raiva. Suas narinas estão vibrando.

— É verdade, filho — responde o Sr. Collins concordando.

— Só mesmo duas garotas para pensar que poderiam cruzar o rio — diz Trevor. Quase solto o Xereta pra procurar uma pedra pra atirar naqueles dois.

— Não — Dawn diz olhando pra mim —, você não iria querer estar no mesmo carro que ele por todo caminho de volta até a cidade. Pode acreditar.

— Ele se acha tão sabido. Aí, não aguento...

— Shhh — Dawn faz. E o barulho dos pneus fica ainda mais alto, mais lento, e tenho certeza de que eles estão a alguns metros de nós. O Xereta enlouquece, tentando ver o que está acontecendo. Eu o seguro com mais força contra o chão, mas sua coleira ainda faz um barulhinho, enquanto ele se esforça para escapar.

"Sossega, Xereta, sossega", penso, tentando mandar essa mesma mensagem com os olhos, mas um segundo depois ele dá um puxão, e a coleira machuca a palma sensível da minha mão. Eu acabo soltando a coleira, e ele sai correndo pelo descampado.

— Olha só! Olha pai! — Trevor dá um grito.

É o fim pra nós duas. Fico deitada de barriga pra baixo, tentando enxergar alguma coisa por entre a folhagem. O Xereta está lá no meio, dando razão ao seu nome. Fareja os pneus e, assim que os dois descem do jipe, começa a cheirar suas mãos.

— Tá com as meninas? Tá, garoto? Trevor pergunta ao Xereta.

— Cadê elas, hein? Cadê elas, garoto?

— Bem, acho que é isso, né — digo.

A Dawn resmunga e diz:

— Só por cima do meu cadáver é que nós, as irmãs Rittle, vamos entrar naquele carro com Trevor Collins. Tenho certeza de que no fim ele vai ganhar até medalha por ter nos resgatado, e a gente nem sequer precisa de resgate.

— Mas eu pensei que...

— Esqueça o que eu disse e fique quieta. Agora não é hora.

Então tá, eu fico quieta, mas não consigo impedir que um sorriso se forme em meus lábios.

— Vou verificar o perímetro, filho, vê se consegue fazê-lo farejar algum rastro delas. Você viu de onde ele veio? Foi dali? O Sr. Collins caminha exatamente em nossa direção. Seus passos fazem o barulho de pés se enroscando no mato e pisando folhas mortas. Enfio meu rosto no chão. Dawn está arqueada, e nós duas tentamos ficar o mais perto possível do arbusto, sem que os espinhos nos espetem. Dá pra ver a ponta da sua bota através da folhagem. Marrom e coberta de lama. Daqui, quase posso sentir o cheiro delas. Prendo a respiração, e Dawn morde os lábios.

— Parece que tem umas pegadas...

Schoo-schoo-schoo.

Não sei quem soltou os assobios, mas, no mesmo instante, um bando de perdizes alvoroçadas sai voando pelo campo. O Xereta sai feito louco atrás delas; vai latindo e desaparece entre as árvores.

— Mas hein! Não deixe ele fugir, filho. Agarre ele!

O Sr. Collins está gritando. Suas botas dão meia-volta no mato e posso vê-lo se afastando. As botas são pesadas demais para correr, e ele corre desajeitado como uma novilha ferida.

— Nós precisamos do cão para ajudar a rastrear! — ele vai praguejando e desaparece na mata atrás do seu filho.

A perna da Dawn está encostada na minha, e posso sentir sua risada. Eu não consigo me controlar e começo a rir também.

— Você viu o jeito que ele corre? — ela fala e dá risada.

— Parecia um animal ferido — digo, e dou um tapinha nas costas dela. Por um tempo, a gente permanece lá, sentada. Minha barriga dói de tanto rir só de me lembrar do velho Sr. Collins gritando atrás do filho. Mas, então, lembro-me do Xereta.

— E se eles não conseguirem agarrar o Xereta? E se ele ficar perdido? — pergunto.

— Ah, qual é! Aquele cachorro consegue achar o caminho de volta pra casa até da China, se for preciso, mas provavelmente vão conseguir pegá-lo, e ele vai estar em casa antes do jantar.

— Acho melhor irmos andando, se a gente quiser encontrar com ele lá. Você decidiu vir comigo?

Ela dá uma risada:

— Estou disposta a ir até aonde for possível, pra não ser capturada por aquela dupla horrorosa.

— Tá combinado...

— Se — ela completa — você pedir desculpas por ter arrancado o fundo da cartola que o vovô me deu — ela faz outra pausa. — O chapéu que eu usava o tempo todo e que é a única coisa que tenho dele.

— Foi muito feio o que eu fiz. Desculpe — digo — eu não devia ter feito aquilo. Mas tenho certeza de que posso compensar quando a gente voltar pra casa.

Dawn concorda com a cabeça:

— Vou achar legal, Maple.

Nós duas nos levantamos do chão e olhamos em direção às montanhas. O sol faz sua escalada no céu, desde que saímos do rio, e parece que a gente está só começando.

— Quinze quilômetros até o milagre — digo.

— Talvez um pouco menos — Dawn diz, e prosseguimos abaixadas ao longo da linha das árvores, até que o maldito jipe esteja longe de nossa vista e de nossa mente.



CAPÍTULO 11

A jornada nos levou a densas florestas, onde não havia um caminho a seguir, mas que depois se transformavam em campos abertos com nenhuma outra pegada além das nossas. Eu fiquei pensando há quanto tempo nenhum ser humano passava por aqui. Nós percorremos algumas estradas de terra, mas Dawn disse que provavelmente já estivessem desativadas há algum tempo, uma vez que tinham sido transformadas em parque estadual:

— Provavelmente só são utilizadas pelo Sr. Collins.

E acho que ela tinha razão, porque eu tenho certeza de ter visto umas marcas de pneu ao longo da estrada.

Creio que algumas pessoas ainda vêm até aqui para ver a Mulher Sábia. Sei que minha mãe disse que cada vez menos gente procura por ela, mas, com certeza, ainda deve vir um ou outro visitante, por isso continuo esperando cruzar com um companheiro de viagem.

Caminhamos sobre agulhas de pinheiros e pisamos todo tipo de folhas mortas. Nós nos revezamos para carregar a mochila e também permanecemos com olhos e orelhas abertas para poder perceber a presença de um jipe da guarda florestal. Fico tentando ouvir o barulho da coleira do Xereta balançando a distância, mas só o que ouço é o som de pássaros, o ruído de esquilos ou de outro bichinho qualquer correndo atrás de alguma coisa.

— Maple, você está com fome? — Dawn pergunta, e eu agradeço a Deus porque estou morta de fome.

Chegamos ao topo de uma colina que se estende por um campo plano. Encontramos um bom lugar próximo à linha das árvores, para o caso de termos que nos esconder novamente. Caio de joelhos e puxo nossa garrafa d'água. Estou com tanta sede que parece que meu cérebro é feito de algodão. Bebo um grande gole e passo o cantil para Dawn, que bebe também.

Tiro uma camiseta da mochila e seco o suor do rosto com ela. O tecido gruda na palma da minha mão, e parece que ouço um chiado, como se houvesse bichos se mexendo sob a minha pele. Minha mão está vermelha, e terrivelmente dolorida. Dawn dá uma olhada, e eu escondo a mão rapidamente. Não quero que ela perceba como está inchada... ela provavelmente iria começar a falar sobre como a mão precisa de tratamento e decidir que seria melhor a gente voltar para procurar ajuda ou qualquer outra coisa estúpida do tipo.

— Bem, deixe-me ver. Temos feijão, salsicha e chucrute — digo.

— É um bom lanche. Vai nos dar energia suficiente para o restante da jornada — Dawn diz. E não consigo deixar de sorrir quando a ouço dizer "o restante da jornada".

— Maravilha — respondo.

Pego nossa comida de emergência, que ainda está embrulhada no meu lenço, e passo a lata de feijão para Dawn. Daí, começo a tentar desfazer o nó. Consigo sentir o cheiro do repolho, mesmo antes de abrir o pacote. A aparência não é grande coisa, mas parece que não estragou.

Dawn olha pra mim e arqueia as sobrancelhas, quando me vê jogando fora o chucrute. Ela coloca a lata de feijão no chão e começa a abrir o seu canivete suíço. Logo sinto o cheiro de feijão, doce e apetitoso, que encobre o cheiro do repolho, e faz meu apetite voltar com toda força. Eu não gosto de feijão cozido e frio. O jeito que eu mais adoro é quando a vovó prepara um feijão fresquinho. Mesmo assim, minha boca se enche d'água. Eu nem tinha percebido que estava com tanta fome!

Desembrulho o salsichão e dou uma supermordida em uma das pontas. Ele está tão bem temperado e delicioso que já me sinto mais forte.

Dawn pega uma colher própria para acampamento — parece que é um garfo e uma colher ao mesmo tempo — e enfia na lata de feijão.

— Quer um pouco? — ela pergunta e me passa a lata. A gente troca e eu como um pouco do feijão. Ele está frio, e o sabor não é tão bom quanto o da salsicha.

— Vou dar uma olhada no mapa pra ver onde estamos — ela diz, e puxa o papel de dentro da mochila. O pedaço que ficou pra fora já está completamente seco. Ela desenrola o mapa com cuidado, e eu coloco minha mão que está boa por baixo da parte que ainda está úmida, para garantir que não se rasgue.

Dawn olha as horas.

— A gente já está andando, bem, contando o episódio lamentável com o imbecil do guarda-florestal, já estamos caminhando há umas duas horas e meia.

— Não dá pra acreditar!

— Então, já não era pra gente estar lá? — pergunto enquanto tento fazer os cálculos de cabeça.

— Lógico que não, Maple. A Mulher Sábia fica a cerca de quinze quilômetros ao norte do Caldeirão do diabo, lembra — ela diz e olha para o céu. — A gente ficou enroscada com aquele guarda-florestal. Perdemos muito tempo com aquilo. Além do mais, estamos doloridas por causa do acidente com a canoa.

Ela gira os ombros e o pescoço, e eu estico meu braço machucado e abro e fecho a mão.

— E estamos em uma subida — ela continua. — É lógico que a gente está indo mais devagar. Com tudo o que aconteceu, provavelmente ainda faltam uns nove ou dez quilômetros até lá.

— Não pode ser — digo. Olho o mapa mais de perto. E detesto admitir, mas não tenho muita certeza do que estou procurando. E a Dawn deve ter percebido que estou perdida.

— Bem — Dawn diz —, se estamos andando três quilômetros por hora e já caminhamos por umas duas horas, então estamos em algum lugar por aqui.

Dawn coloca o dedo sobre o local onde supostamente devemos estar.

— Olha, este foi aquele primeiro campo pelo qual passamos e, se estiver certa, esse é o campo onde estamos acampadas agora.

Ela está apontando um pequeno círculo verde, não maior que a ponta do meu polegar, mas o que diz faz sentido.

— O que quer dizer que ainda temos um longo caminho pela frente.

— Tudo bem, já entendi — digo —, a gente tem que acelerar o passo.

— Seria ótimo — Dawn responde. — Exceto que a subida vai ficar mais íngreme, antes de suavizar, e isso pode fazer a gente ir ainda mais devagar. E também temos que calcular a fadiga.

— Nada disso me interessa. Só quero chegar lá e depois voltar.

— Tá legal. Isso significa que a gente tem que ir andando.

Levanto a cabeça para olhar pra ela, e minha voz fica presa na garganta, mas sai dos meus lábios o canto do chapim-da-cabeça-preta, porque, logo atrás de seus olhos azuis, vejo um par de olhos castanhos grandes e redondos, e com um nariz que fareja feijões em conserva ou um anel de salsicha. Um urso preto. Grande e faminto.



CAPÍTULO 12

Deus do céu. Nunca na minha vida estive tão perto de um animal selvagem. Bem, uma vez encontrei um alce, mas nunca uma coisa com dentes tão grandes. Agarro Dawn pelos ombros, e nós duas damos um pulo e ficamos de pé como se tivesse brotado fogo do chão. Ursos pretos não devem gostar de movimentos rápidos, porque ele se mexe como se estivesse se preparando para correr. Eu também tenho vontade de sair correndo.

— Não se mexa — Dawn fala baixinho pra mim.

Eu me esforço para dizer às minhas pernas para ficarem quietas, mas elas ficam tremendo como sementes de não-me-toques. A mochila, o mapa e a bússola estão largados no chão, perto da enorme pata do urso preto. Sinto vontade de ir lá pegar tudo, deixar tudo comigo para podermos encontrar a Mulher Sábia. A Dawn deve ter percebido que eu estava de olho nas coisas.

— Não faça nenhum movimento brusco. Vem, vamos nos afastar bem devagar — ela sussurra.

Tento me lembrar de coisas que sei sobre ursos pretos, por exemplo, se eles atacam pessoas e as devoram como almoço.

— Ursos pretos não comem carne — digo. O urso dá um passo na nossa direção e eu dou, nervosamente, um passo para trás.

— Comem, sim — Dawn responde. — Ursos pretos são onívoros.

Deus do céu. Isso não está acontecendo. O pelo do urso é lustroso, e seus olhos brilham. Ele está nos encarando e seu nariz começa a farejar loucamente, virando pra lá e pra cá, como se sentisse o cheiro de carne fresca humana.

Ele se aproxima mais um pouco e posso ver suas garras debaixo dos pelos. São longas, e negras, e afiadas. "Ursos se alimentam de frutas silvestres e de grama antes de hibernar", digo pra mim mesma. Mas minhas pernas não param de tremer. Meus dentes não param de bater uns contra os outros, como se tivessem vida própria. Posso ouvir a respiração ofegante da Dawn. Vejo também o mapa e o conteúdo da mochila se espalhando pelo chão. Sinto a brisa tocando o meu rosto e, de repente, alguma coisa esvoaça nas sombras. Como se tivesse surgido do nada. A borboleta monarca. Ela bate as asas com graça e revoluteia pelo ar. Então, pousa seu pequeno corpo, bem em cima da bússola. Aposto que é a mesma borboleta que vi hoje de manhã. E sem mais nem menos eu me lembro da nossa missão. Lembro—me do porquê de estarmos aqui. Se Davy Crockett² era capaz de abater um urso, eu posso, pelo menos, tentar assustar esse.

Lembro—me do chapéu de pele em minha cabeça, e o enfio com força para dentro dela. Encaro o urso direto nos olhos. Ele se aproxima mais um pouco. Sua língua rosa descansa pra fora da boca, e seus dentes brilham ao sol. Os passarinhos param de cantar, as folhas param de farfalhar, e os esquilos parecem imobilizados. Tudo que ouço é um zumbido nos ouvidos.

Meu corpo se move sozinho. Minha garganta solta um som que é metade um grito selvagem e metade um rugido. Eu não corro, mas bato as pernas fazendo barulho contra o chão com meus pés. Bato um pé no chão e depois o outro. Minhas pisadas correm pelo meu corpo, e meu grito corre pelos meus ouvidos, fazendo um barulho tão alto quanto um trovão.

² Davy Crockett, político, militar e herói nacional norte-americano, foi um caçador de ursos, famoso pela precisão no uso do rifle. (N.T.)

O urso cambaleia para o lado, e corre tão rápido que parece que vai deixar os pelos para trás. E balança frouxamente ao se afastar. Sua pata traseira cai sobre o mapa que se rasga, enquanto o urso se vira em outra direção. A lata de feijão está derramada, mas ele consegue abocanhar o salsichão, antes de correr campo afora. Meu grito vai morrendo à medida que o urso se afasta de nós, e minhas pernas parecem desabar. Posso ouvir minha respiração. Posso ouvir Dawn respirar. E posso ouvir a mata despertar e os animais voltarem a cantar.

— Ele se foi — Dawn diz. — Ele se foi! — ela grita de alegria.

Daí, ela começa a dar risada, e eu começo a dar risada, risos altos, alucinados e descontrolados. Mas quando começo, sinto um aperto no coração e desando a chorar. Estamos rindo e chorando ao mesmo tempo. Feito desvairadas, de puro alívio.

— Bem, a comida se foi — Dawn diz secando os olhos.

— Pois é — respondo. Meu estômago reclama, enquanto olho para o mapa rasgado e todo sujo de feijão. Meu pai não iria ficar contente com isso. Meu olhar passeia do mapa até a linha das árvores, logo a nossa frente. Olho à esquerda e vejo o sol bem em cima de nós, talvez até já se voltando para oeste.

— É melhor a gente ir andando — digo, e tento limpar o feijão grudado no mapa.

— Também acho — Dawn responde.

— Você está pronta? — pergunto.

— Estou, sim — ela diz respirando fundo e com os olhos perdidos na distância.

— Tenho certeza de que a esta hora ele já está longe daqui — Dawn fala como se estivesse lendo meus pensamentos. — Na velocidade que saiu, ele já deve estar a mais de um quilômetro.

— Com certeza — digo, e fico repetindo pra mim mesma.

— Vamos embora!

Dawn recolhe a lata de feijão derramada. Só ficou um pouco no fundo.

Eu pego de volta a bússola. A monarca já se foi agora. Não vi quando ela voou, mas não está mais por aqui. Seguro a bússola e

vou girando, até que a agulha aponte para o norte. Olho na direção que ela aponta. E, enquanto caminhamos, não consigo deixar de pensar no bebê, na borboleta e, também, em como esse dia está sendo estranho.



CAPÍTULO 13

Enquanto caminhamos, raspo o que resta de feijão na lata, e Dawn a coloca de volta na mochila. Saltamos um riacho que corre pela montanha, e afasto um galho de pinheiro que atrapalhava a passagem.

— Dá pra acreditar, Maple? *Ursus americanus*. Um urso preto ao vivo e em cores. Não dá pra acreditar. Quer dizer, estamos no fim do outono e eu achava que os ursos já estivessem hibernando. Queria tanto que tivéssemos uma câmera! Papai e mamãe não vão acreditar quando a gente contar.

E ela continua tagarelando.

— Lembro-me de ver todos os ursos que existem no Museu Fairbanks, e o urso preto era, talvez, o menorzinho deles. E, mesmo assim, é enorme. Ainda estou tremendo. Uau. Não vejo a hora de contar para a d. Sykes.

Dona Sykes é professora da Dawn. Ela adora essa professora, e está sempre falando dela como a pessoa mais sabida do mundo. Basicamente, acho que ela quer ser a d. Sykes quando crescer.

A vegetação é bem mais densa nesse trecho, e a gente vai abrindo nosso caminho através da mata fechada. Dawn pega um galho e fica segurando até eu passar, para ele não bater em mim. As agulhas dos pinheiros arranham minha mão, e tenho vontade de gritar de dor, mas fico de boca fechada porque não quero que a Dawn perceba nada disso. Mesmo assim, acho que eu deveria dar

uma boa olhada no machucado. Eu tento olhar a mão disfarçadamente, mas, a todo instante, lá vem a Dawn com uma novidade sobre o urso preto.

— Por acaso você sabia que eles possuem um senso espacial mais desenvolvido que os humanos? Que eles enxergam colorido e que seu olfato é muito superior ao dos seres humanos?

Apesar de prestar atenção e estar aprendendo muito sobre os ursos pretos, minha mão começa a pinicar. Dou uma esfregada na palma.

— Dawn, preciso fazer uma "pipistop".

— Tá bem, deixa que eu fico de guarda contra os ursos.

Caminho para longe dela, embrenhando-me entre as árvores.

— Maple, não vai muito longe — ela diz.

— Eu estou bem aqui, Dawn — respondo. Mas entro um pouco mais na mata, para o caso de ela decidir vir me vigiar. Ando até que só consigo enxergar a mochila lá longe, e aí me agacho pra ficar fora da vista dela. Desdobro os dedos devagar. A palma da minha mão está vermelha e inchada. Tiro um dos espinhos e sai uma coisa meio branca de dentro da pele. Limpo aquilo e procuro alguma coisa pra cobrir o ferimento. Eu queria que fosse a minha vez de carregar a mochila. Tiro outro espinho e fico pensando se não seria bom fazer um curativo com barro ou outra coisa qualquer.

Quando estou olhando em volta para procurar a lama, ouço um barulhinho. Vou em sua direção, achando que talvez seja o Xereta. Mas fico agachada, para o caso de não ser ele. Vou pisando com cuidado entre as árvores. Um minuto depois, já estou na borda do campo. Eu me abaixo e me escondo em uma moita para ver o que é. E de cara vejo o motivo do barulho. Há três veados castanhos bem a minha frente. Os veados são muito bonitos e esses parecem ser uma família. Tem um que fica lá parado, imponente como um rei, com galhadas que quase alcançam o céu. A fêmea tem olhos gentis e uma linda pelagem, como se fosse uma noiva, e o filhote tem manchinhas brancas por todo o corpo. Eles parecem aveludados e macios. A fêmea enfia o focinho no chão e mordisca a grama. Shhhhhh—tuf. Um som corta o silêncio, e eu congelo de medo. A

fêmea e o filhote erguem suas caudas e disparam para dentro da floresta. O macho dá uns passos e se dobra. Eu fico olhando pra ele. Uma flecha atingiu a lateral de seu corpo.

"É temporada de caça", digo a mim mesma, secando as lágrimas dos meus olhos. É a temporada de caça. Quero ir embora dali, mas ouço o SPIR da Dawn através das árvores:

"Tweettweet.Tweettweet." O canto do *Cyanocitta cristata*, o gaio-azul.

Digo a mim mesma para ficar parada. Permaneço atenta, olhando em torno e verificando o perímetro do campo. Daí, consigo ver a Dawn, que está logo a minha esquerda, escondida em um arbusto. Mal posso ver sua figura, mas acho que ela colocou o dedo sobre os lábios. Um segundo depois ela já se abaixou dentro do arbusto, e eu faço o mesmo, agachada e quieta no meu lugar.

Dois homens caminham pelo campo. Eles estão vestindo roupas camufladas, e a cara deles está pintada de verde e preto. Eles têm anéis escuros em torno dos olhos. Um deles segura um arco e o outro carrega uma faca. Eles não conversam, apenas fazem sinais um para o outro.

E, de repente, eu percebo o que está errado: a caça é proibida dentro do Península State Park. Eles são bandidos. O que estão fazendo é caça ilegal. Então tampo a boca com a mão para abafar o susto.

Os bandidos se aproximam lentamente do veado macho. Ele se mexe e tenta ficar de pé, ainda não totalmente morto, tampouco vivo. Seus olhos estão esbugalhados e se movem freneticamente. Escorre saliva pela sua boca e por seu pelo aveludado.

Eu nunca tinha presenciado a morte de um animal antes. É lógico que, durante a estação de caça, eu já tinha visto veados pendurados de cabeça para baixo pela porta do celeiro, e também já vi perdizes mortas sendo depenadas, e já vi até um guaxinim morto, uma vez. Mas com certeza eles já tinham ido para o céu quando os vi. Além do mais, não desperdiçamos nada deles. Papai fez pra mim um tambor com a pele do veado, e mamãe e papai prepararam bifés de veado e também carne-seca. Mas esse animal estava tão cheio de

vida, ainda há pouco, e agora se debate em um estado entre a vida e a morte. O homem com a faca levanta a cabeça dele.

— Oh, não! — digo em um sussurro. "Silenciosa como o puma", penso comigo mesma. "Silenciosa como o puma. Quieta, quieta, quieta".

Tento ir embora, mas não consigo. É como se minha cabeça estivesse sendo mantida parada à força. Meus olhos estão arregalados. O homem solta uns grunhidos, enquanto força a faca contra o peito do animal. Espirra sangue sobre sua mão, e o veado estremece, agita-se e finalmente para de se mexer. Sinto um aperto tão grande no estômago que parece que vou explodir. Viro o rosto para não ver a cena e deito a cabeça sobre o chão, tentando me concentrar apenas em manter minha respiração. Os homens não falam, mas devem estar se movendo através da clareira. Suas passadas batem no chão com força e são tão altas ribombando no solo que parecem pegadas de gigantes.

Fico assim largada na sombra por um tempo que parece uma eternidade. Finalmente, um dos homens diz alguma coisa em um sussurro. Levanto a cabeça para olhar.

O homem com o arco preso às costas arrasta o corpo do veado pelo campo. Agora, suas entranhas já estão expostas, com as vísceras deixadas para trás para os pássaros e roedores. Atrás da carcaça se forma uma trilha vermelha, feita de grama amassada e sangue. Os homens estão quase chegando à linha das árvores. Estão quase desaparecendo, deixando espaço para a gente escapar, continuar nossa jornada, mas, assim que chegam à borda do campo, ouço Dawn arremessar alguma coisa para o alto. Os homens param.



CAPÍTULO 14

Eles caminham, como predadores, um de cada lado da clareira, e fechando o cerco. Meu coração bate forte contra o chão, e tenho certeza de que a Dawn está sentindo a mesma coisa. Duas coisas muito importantes passam pela minha cabeça. A primeira é que eles realmente acreditam que Dawn é um bicho, e eles vão atacar pra matar quando a alcançarem. E, segundo, é que se eles a encontram e veem que é uma garota sozinha e não um animal, ela vai estar encrencada do mesmo jeito. É claro que bandidos não gostam de serem descobertos. Eu sei disso porque uns amigos do papai e o guarda-caça, Sr. Dogwood, uma noite foram surrados quando tentavam impedir bandidos. Meu estômago dá voltas, enquanto eles caminham em direção a minha irmã. O homem que está mais perto de onde estou passa bem ao lado da moita, onde estou escondida. E eu fico dura como uma pedra. Ele limpa a faca na manga da camisa, mas fica com ela na mão. Ele faz um sinal para o outro homem: dá de ombros e aponta para o arbusto onde a Dawn está escondida. Eu não consigo vê-la. Fico pensando se ela conseguiu sair de lá. O outro homem dá de ombros, também. Mas os dois continuam indo em sua direção. Fico tentando bolar um plano. E aí penso dez coisas ao mesmo tempo: será que corro e me jogo nas costas de um deles? Será que jogo uma pedra pra tentar derrubar um deles? Devo gritar para a Dawn correr dali? Eles estão cada vez mais perto, e eu não consigo ter nenhuma boa ideia.

Eu não consigo ver a Dawn, mas tudo o que consigo pensar é que ela está logo depois da linha das árvores, escondida atrás de um tronco e prestes a ser esfaqueada. Procuro um pedaço de pau ou uma pedra, mas não tem nada ao meu alcance.

Os homens andam mais devagar, à medida que se aproximam. Eles sinalizam um pro outro com o dedo sobre os lábios. "Fica quieto", é o que eles estão querendo dizer. Se esgueirando para matar. Um dos homens se abaixa e coloca a mão sobre o arbusto, aquele arbusto atrás do qual eu sei que a Dawn está se escondendo. Sua mão está prestes a agarrar as folhas. Sinto um aperto na garganta, e parece que meu sangue sobe todo para a cabeça. Não há nada que eu possa fazer a não ser fugir. E é isso que eu faço. Vou me arrastando para trás, para longe da clareira, e aí vou me esgueirando como um puma entre as árvores.

— Tem coisa ali! Vai atrás, Leroy. Vai ver o que é!

Mal consigo enxergar o caminho de tão rápido que me movo. Vou me esquivando de árvores e saltando sobre troncos caídos. Ouço o barulho dos homens vindo atrás de mim. Uso a densidade da mata a meu favor, pulando entre os galhos e correndo no meio de moitas espessas. As mangas do meu moletom vão se rasgando e começo a sentir arranhões na minha pele, mas está funcionando. Eles estão vindo atrás de mim.

— Dá pra ver, Leroy? — ouço um dos homens gritar. — Que tipo de criatura é essa?

— Num sei. Mas dá pra ver que tem pelos — o outro responde.

Meu chapéu de pele de puma. Eles acham que eu sou algum tipo de bicho.

— Vou atirar uma flecha, Leroy.

Minhas pernas ganham vida própria quando escuto essas palavras. Nunca na vida corri tão depressa, é como se elas mesmas se impulsionassem para frente. Eu só acompanho. Olho à direita e à esquerda, entre as árvores e fico rezando para que alguma coisa aconteça. Que alguém apareça, que outro animal se interponha entre nós. Procuro um lugar pra me esconder, nem que seja o oco de uma

árvore, mas juro por Deus que procuro por toda parte e não acho nada.

Shhhhhh—tuf. A flecha acerta uma árvore, assim que passo por ela. Meu coração parece que vai se incendiar dentro do peito. É a coisa mais idiota que já fiz na vida. Fico pensando que, talvez, se eu gritar e me render, eles não atirem em uma menina pequena. Mas quem pode garantir? Outra flecha passa zunindo perto da minha cabeça. Tuf. Consigo ver uma clareira logo adiante. Imagino que, se eu sair desta mata densa, eles vão ver que sou eu. Vão ver que é uma pessoa, não um bicho. Passo pela linha das árvores e assim que me dou conta de que a clareira é um charco, o chão desaparece debaixo dos meus pés e começo a cair. Gravetos espetam meus braços e pernas, e um galho de árvore me atinge bem embaixo do olho esquerdo. Daí, mergulho na escuridão e vou cair em uma poça d'água, tonta e ofegante.

Ouçó o barulho de um galho se partindo, e depois de alguém chapinhando na lama, e meu coração quase me deixa surda de tão alto que está batendo. Mesmo assim consigo escutar:

— Pr'onde é que foi? Ocê tá vendo, Leroy?

— Num tô vendo nada, Jim.

Então, uma coisa acontece. Um ruído surdo alcança meus ouvidos: tap, tap, como uma folha de papel ao vento. Quase imediatamente percebo

o que pode ser. Olho em volta e parece que estou dentro de um iglu feito com galhos de árvores. Só aí é que tudo faz sentido. Estou no interior de uma casa de castor, e o barulho surdo é a cauda do castor batendo contra a superfície da água. Ele está dando um aviso.

— É um castor, Jim.

— Bom, ele tá logo ali. Mira nele, Leroy.

— Ele tá enfiado lá debaixo.

— Atire, seu idiota. Eu consigo ver o rastro. Ouçó uma flecha batendo contra a água e meu corpo inteiro estremece.

— Muito fraco, Leroy. Ocê tem que aprender a mirar direito. Tem que saber aonde o bicho vai, e não onde estava antes.

- Mas tava se mexendo muito rápido. Oê num faria melhor. As vozes começam a desaparecer em outra direção.
- É certeza de que fiz melhor até agora.

Fico sentada, esperando, até que não consiga mais ouvir seus passos. Daí passo a mão pelo rosto. Está sangrando, naturalmente. Além do meu braço e de um grande arranhão que corre pela perna. Pouco tempo depois, percebo que estou choramingando e acho isso uma idiotice, porque tenho que ser corajosa e ir até o fim pra conseguir a água para o bebê. É só que ainda não tenho certeza se os bandidos já se foram. Não tenho certeza onde está a Dawn. E não tenho certeza de como vou fazer pra me encontrar de novo com ela. E sinto vontade de berrar e de gritar seu nome, mas essa não é uma boa opção, já que eu não quero receber uma flechada.

Eu me ergo e fico de joelhos. Ajeito meu chapéu de pele, que deslizou para o lado da cabeça. Daí eu penso que, se a Dawn estivesse aqui comigo, ela teria uma ótima ideia de como encontrá-la outra vez. Mas estou por minha conta.



CAPÍTULO 15

"Concentração, Observação, Análise, Planejamento e Execução C.O.A.P.E. — é o que você deve fazer em caso de emergência". Papai nos ensinou essa sigla para nos ajudar a lembrar como nos comportarmos em situações de "sinal vermelho". A situação que vivemos nesse momento certamente se enquadra na categoria.

C representa Concentração: papai diz que não dá pra fazer muita coisa quando se está em pânico; e que se apavorar representa, também, um grande gasto de energia. O primeiro passo é se acalmar. Deve-se concentrar na respiração, inspirando profundamente e expirando lentamente para tranquilizar corpo e alma. Estou arrepiada, mas me sinto um tantinho melhor, apesar de não estar nem perto de me sentir bem.

O representa Observação: papai diz que se deve levar em consideração o ambiente em que se encontra. Olho a minha volta. Estou na toca de um castor. Ela parece ter sido construída metade na borda e metade na água rasa. Estou ajoelhada, e a água cobre quase todo o meu joelho. Posso ver um buraco que desemboca em uma água escura; e me recordo de uma coisa chamada AAF - Aprendizado Ambiental para o Futuro — ou qualquer coisa do gênero que aprendi na escola. Casas de castor como essa são construídas com a entrada debaixo d'água, e assim o castor pode entrar e sair pelo lago. É um tipo de túnel secreto submerso. Além

do mais, eles constroem suas tocas com um monte de mato e barro, para mantê-las bem fechadas e aquecidas. Dou uma olhada mais de perto, e é isso mesmo, tem lama seca, mato, gravetos e até pedrinhas na estrutura das paredes. De qualquer modo, não sei como vim cair bem aqui. Olho em volta mais um pouco e percebo que a parte de trás da toca é puro barro, é feita só de terra mesmo. Isso significa que a toca é construída sobre uma saliência da borda. Tive muita sorte de cair direto sobre essa parte. Um metro a mais para a direita ou para a esquerda e eu teria caído bem no meio do lago. Estaria totalmente visível e provavelmente já teria levado uma flechada.

Olho através do buraco que fiz quando caí, e vejo um passarinho voando lá em cima. Mantenho os ouvidos em alerta e consigo escutar os sons da floresta. Eu sei, porque prestei atenção, que, enquanto estávamos correndo, os pássaros pararam de cantar; provavelmente pra ver o que estava havendo. Agora recomeçaram. Estão piando, cantando e voando por aí, o que significa que estão à vontade outra vez. E isso provavelmente quer dizer que os bandidos já se afastaram um pouco dessa área. Agora que já completei minha observação, vou para o passo seguinte:

A representa Análise: papai diz que a gente deve se fazer algumas perguntas básicas: eu estou em perigo imediato? A situação em que me encontro tem potencial para se tornar perigosa? O que preciso fazer para me manter a salvo? Não estou em perigo imediato. Tudo bem. Estou em uma situação, porém, com potencial para se tornar perigosa. O castor pode retornar e ficar furioso ao me ver ocupando sua casa, ou os bandidos podem voltar e tentar me pegar. Mas tem uma coisa ainda pior. Como os bandidos se foram, isso quer dizer que estão voltando direto para o lugar onde deixaram o veado, que foram para a clareira. E isso significa que a Dawn pode estar em perigo imediato. O que significa que eu tenho que me mandar dessa toca de castor imediatamente, o que me leva diretamente à letra P.

P representa Planejamento: qual é o meu plano? Bem, primeiro: sair da toca do castor. Segundo: encontrar a Dawn. Dois passinhos básicos.

E, por último, mas não menos importante, a letra E, que representa Execução. Tenho que colocar meu plano em execução. Então, tenho que sair desta casa de castor. Não dá pra fazer isso pela entrada, porque ela está debaixo d'água, e provavelmente é muito pequena para eu me espremer e sair por ali. Vou engatinhando até a lateral e começo a empurrar os galhos, mas a toca é bem construída e forte nas laterais. Como não quero estragar mais ainda a casa do castor, eu paro de bater e começo a pensar em outro modo de sair. Olho pra cima e fico pensando se dá pra sair pelo mesmo lugar em que entrei, sem ficar toda arranhada de novo.

Dá pra ouvir o castor batendo a cauda na água, e ele também está fazendo outros ruídos, por isso sei que está por perto. Eu acho que ele não vai entrar, porque sente meu cheiro e sabe que estou aqui. Mas juro que não faço a menor ideia do que pode acontecer, e fico imaginando aqueles dentões e no tamanho dos galhos que ele consegue mastigar. Daí, olho pro meu braço, e é lógico que não é tão grosso quanto a maior parte do material com o qual ele construiu essa toca.

Olho para o alto da toca. Fico em pé, e o teto está a uns cinco centímetros acima da minha cabeça. Agarro o galho mais grosso que encontro, e provavelmente é o mesmo que acertou meu rosto quando caí, bem embaixo do olho. Daí, faço força para cima. Já tinha subido em um monte de árvores, mas tem uma coisa diferente dessa vez. Não dá pra apoiar o pé em lugar nenhum. Eu simplesmente tenho que fazer força com o corpo, até sair do buraco. Eu queria ter tido uma barra no meu quarto para que eu tivesse a oportunidade de praticar exercícios para uma situação como essa.

Empurro o corpo para cima para poder colocar minhas axilas nas beiradas do buraco, e fico lá, pendurada por um tempo, tentando recuperar o fôlego. Coloco toda a força sobre as palmas das mãos, e tento puxar o corpo, mas aí um galho se quebra e meu braço escorrega pra dentro, até a altura do cotovelo e minha mão machucada vai sendo arranhada pela casca grossa; então volto à posição inicial e fico pendurada outra vez.

Ouço o barulho do castor, olho para baixo e o vejo deslizando para a água. Pode ser impressão, mas ele parece um pouco agitado e um pouco confuso. Tão confuso quanto eu, acho. Digo a mim mesma para segurar firme. Digo a mim mesma para me mover depressa, ou vou cair lá dentro de novo. Faço um pouco mais de força, e dessa vez consigo sair do buraco até a cintura. Daí, escuto um estalo e me jogo por cima da borda; depois rolo pela lateral da casa do castor.

Caio no lago e fico colada à beirada para o caso de ainda haver algum bandido nas redondezas. Sei que tenho muita imaginação. Dawn vive dizendo isso, mamãe e papai também. Até mesmo o professor Crock diz a mesma coisa quando conto certos casos pra ele. Mas, nessa hora, nem eu seria capaz de inventar nada pior acontecendo. Fico lá, sentada sob o sol, quando vejo o castor botar a cabeça pra fora da água; então o meu coração dispara outra vez.

A flecha vem flutuando em minha direção, e eu a agarro e tiro da água sem pensar duas vezes. Aponto a flecha para o castor.

— Já estou me mandando — digo a ele. Só para ele ter certeza de que pode ir dormir sossegado porque, quando ele acordar, eu não vou mais estar aqui. Parece que ele entendeu porque logo em seguida mergulha e desaparece.

Olho a minha volta. Acho que o melhor que tenho a fazer é tentar seguir minhas pegadas para trás, de volta para a floresta, mas aí vou estar indo exatamente na mesma direção que os bandidos. "Não importa", penso, e coloco a flecha debaixo do braço, esse é o caminho até a Dawn. E, de repente, estou andando mais rápido. Coloco os lábios um contra o outro e chamo através das árvores, Fiiiifu, fiiiifu.

Não tenho nenhuma resposta. A única coisa pior que um SPIR é o silêncio, quando devia haver uma resposta. Eu sigo adiante.



CAPÍTULO 16

Vou saltando sobre galhos de árvores e troncos caídos. Fazendo, assim, eu me sinto retorcida. Mas minha mente não está retorcida, está enlouquecendo de preocupação com a Dawn. Vou mais devagar à medida que me aproximo da clareira, segurando a flecha com força em minha mão. Se eu cruzar de novo com aqueles bandidos, não vou pensar duas vezes antes de enfiar a flecha em um braço ou uma perna. Olho para o campo e vejo o sangue do veado ficando escurecido, misturando-se com as folhas vermelhas que cobrem o chão. Mas o animal abatido já foi levado da borda da floresta, e os homens também já se foram. Corro em volta da beirada do campo.

— "Fiifiu, Fiifiu", eu assobio, mas nenhum som responde ao meu chamado. Corro até encontrar nossa mochila. A boca está aberta e o conteúdo espalhado pelo chão. Corro direto até ela, e começo a verificar o que está faltando: mapa, livro, cartola, roupas. A maioria das coisas ainda está aqui. Acho que é melhor eu ir andando.

Olho para baixo e vejo pegadas que, com certeza, são da Dawn. Começo a segui-las em uma direção, e vou parar de novo na borda da clareira. Posso ver onde ela se escondeu — o mato em volta ficou todo amassado e as folhas, que estão todas secas, viraram

pequenos flocos. Eu também vejo vômito, e por isso sei que foi ela e não um cervo que esteve aqui.

Fico observando as trilhas. Elas fazem uma volta e depois seguem em outra direção; posso ver também que ela se movia depressa porque suas pegadas são confusas e rasgam o mato aqui e ali. Ela deve ter ido atrás de mim, me procurar. Então, como eu não me encontrei com ela quando vim do lago?

Tem tanta coisa passando pela minha cabeça que não consigo pensar direito! Por isso dou uma parada e tento fazer o C.O.A.P.E. outra vez. Sinto meu peito subindo e descendo, enquanto respiro fundo. Assim que faço isso, minha mente parece clarear. Mamãe costuma dizer que, se você quer saber o que tem no solo, deve procurar o que tem em cima.

Pego a mochila e procuro os binóculos lá dentro. Mas não consigo encontrar. Dawn deve tê-los levado com ela.

— "Fiifiu, fiifiu", tento chamar outra vez. E desta vez parece que ouço o canto de um gaio azul, mas não tenho cem por cento de certeza. Espeto a flecha no chão, coloco o pé no ramo mais baixo de um pinheiro e começo a subir. A casca da árvore faz minha mão arder, e tenho certeza de que está vazando pus dos lugares que já estavam machucados. Entretanto, neste momento, não é essa a minha principal preocupação. Estou preocupada em subir o mais alto possível pra ver se consigo enxergar a Dawn em algum lugar lá embaixo. Também quero verificar se os bandidos estão à vista, quero ter certeza de que não estão por perto. Por isso vou cada vez mais alto. Alguns ramos são da largura do braço do meu pai, e outros são fininhos como os dedos de um bebê. Procuro evitar os mais finos, mas às vezes sou forçada a apoiar o pé em um deles para impulsionar meu corpo para cima. Faço de conta que sou leve como uma pluma.

Estou começando a ficar sem fôlego e, por isso, jogo o corpo sobre um ramo mais grosso e sento. Olho na direção da clareira. Não tem nada lá. Nem gente, nem bicho. Tem dois corvos investigando o cenário, mas ainda não se decidiram a pousar. Eles fazem círculos no céu, e eu penso que gostaria de ter a visão deles.

Viro para o outro lado e observo entre as árvores densas para enxergar o chão da floresta. Só dá pra ver uns pedaços de chão através dos galhos, mas eu estou procurando pelas cores da roupa que a Dawn está vestindo. Olho da base da árvore até um lugar limpo onde imagino que seja o lago. Vejo alguns esquilos brigando por causa de uma noz, e também vejo um ninho abandonado em um galho mais adiante.

1. "Fiifiu, fiifiu", assobio com toda força desta vez. Chamo uma vez, duas vezes, três vezes em seguida. Daí, prendo a respiração e escuto.

2. Tweet, tweet. Dessa vez tenho certeza de ouvir um gaio azul. Eu me viro na direção de onde o som parece vir. Mas não dá pra ver nada entre os galhos. Mudo de lado, subo um pouco mais e estico o pescoço pra todo lado.

3. "Fiifiu, fiifiu". Torno a assobiar e espero seu chamado. Quando ele chega, tenho certeza de que estou olhando na direção correta.

Aí, então, lá longe, na direção do lago, percebo uma árvore se mexendo, balançando as folhas. Sei que tem alguma coisa lá porque não está ventando. Fico de olho nela e quase solto uma gargalhada quando vejo o cabeção da Dawn aparecer no meio das folhas. Em minha vida inteira, nunca fiquei tão feliz de ver minha irmã, com certeza. Lógico que ela também tinha subido na árvore. Por isso eu não conseguia enxergá-la! Eu estava olhando pro lugar errado. Dawn acena para mim e aponta para o chão. Dou a ela um sinal de OK e começo a descer da árvore.

Assim que chego ao chão fico pensando se seria uma boa ideia chamar por ela, mas, em vez disso, eu assobio e ela assobia de volta, até que a gente se vê frente a frente. Ela me puxa e me abraça:

— Maple, você foi muito corajosa! Você é doida e fez a coisa mais estúpida que podia fazer, mas foi corajosa!

Ela me solta um instante e aí faz aquela cara de preocupação que eu já conheço. Ela toca o meu olho machucado, que dói como se um dardo penetrasse minha cabeça até o fundo do crânio.

— Meu Deus, Maple, o que houve com você? Parece que você veio do meio dos destroços de uma batida de carro! Minhas roupas estão em farrapos e dá pra sentir meu rosto machucado.

— Caí na toca de um castor — falo baixinho.

Dawn fica me olhando por um tempo.

— Bom, graças a Deus foi só isso — ela diz e coloca seu braço em torno do meu ombro. Mas, de repente, ela se vira em direção à clareira.

— Maple, a gente tem que tratar do seu machucado, mas acho melhor a gente se afastar um pouco mais daqui. Sabe o que quero dizer. É para o caso de os bandidos voltarem. Faço que sim com a cabeça e olho para o céu. Eu estou acabada. Mas o sol já começou a apontar para oeste, e as sombras começam a ficar mais compridas sob as árvores.

— Eu tô legal, Dawn, vamos de uma vez até a Mulher Sábia, e depois damos o fora daqui.

Mas Dawn não está exatamente prestando atenção. Ela está recolhendo todas as nossas coisas e jogando de volta na mochila. Depois tira os binóculos do pescoço e os coloca sobre os olhos. Tira bússola do meu pescoço e a coloca no dela. Finalmente vê a flecha que eu finquei no pé da árvore e seus olhos ficam arregalados.

— Onde é que você conseguiu isso, Maple?

— Eles atiraram em mim, Dawn, e como estava com medo de voltar, eu tirei a flecha do lago e a trouxe comigo. Dawn se levanta e me puxa pela mão que não está machucada.

— Meu Deus, Maple. Eu ouvi um som, mas não tinha certeza do que era. Eu não sabia — Dawn diz. Ela puxa minha cabeça para perto da sua e começa a me abraçar de novo. De um jeito que a mamãe ou a vovó me abraçariam, do jeito que eu abraçaria Beetle ou o bebê. O tipo de abraço protetor dado por uma pessoa mais velha. Então eu relaxo e descanso minha cabeça em seu ombro, feliz por me sentir segura no momento.



CAPÍTULO 17

Agente vai se esquivando através da mata, e Dawn continua a olhar para trás e a observar as sombras. Percebo que ela tenta sair bem rápido daquele lugar, então começamos a subir uma colina, mas parece que dou um passo pra frente e dois pra trás. Juro que dá pra sentir minha pulsação em cada corte e ferimento que tenho. Meu corpo estremece como o de um passarinho amedrontado. À medida que subimos, meus pulmões parecem pegar fogo, e minha boca se resseca. Tenho que ficar lambendo as bochechas por dentro para que elas não grudem nos meus dentes. Dawn está na liderança agora, carregando a mochila e a bússola, e a cada passo ela se afasta mais de mim.

— Dawn, "peraí" — digo ofegante. Dawn para e volta até onde estou. Ela coloca o braço em torno da minha cintura e subimos juntas a colina. Quando alcançamos o topo, eu paro e apoio meu corpo no dela. E ela me sustenta, apesar de eu sentir que seu braço treme um pouquinho.

— Caramba, Maple. Parece não restar nenhuma energia em você!

Eu concordo, mas não é tão ruim assim.

— Só estou com muita sede e meio destruída. Tenho certeza de que vou me sentir melhor se a gente der uma parada — digo.

Dawn dá uma olhada em volta e vamos em direção a uma área plana. Acampamos sobre uma grande placa de rocha. Olho para cima na esperança de ser a pedra da Mulher Sábia.

— Pronto! — exclama Dawn, tirando a mochila das costas. — Vamos colocar um pouco d'água nesse corpo desidratado.

Restam apenas uns goles no cantil. Tomo dois goles e meu corpo inteiro parece despertar instantaneamente. Fico olhando dentro do cantil o último golinho.

— Toma um pouco também — digo passando o cantil para Dawn.

— Não precisa, estou bem — ela responde e me devolve o cantil para que eu beba o restinho.

A seguir, pega o estojo de primeiros-socorros e começa a limpar o arranhão debaixo do meu olho. Dói quando ela faz isso. Mas o algodão está coberto de sangue, fresco e seco.

— Bem, pelo menos não é muito profundo, Maple, mas está começando a inchar em volta. Dá pra sentir como se tivesse uma bolsinha d'água debaixo dos olhos.

— É melhor fazer um curativo para os germes não entrarem mais. Não ia ser bom se isso ficasse pior do que já está.

Então ela coloca um pouco de pomada, um pedacinho de algodão e veda. O esparadrapo vai de um lado ao outro do meu rosto, da bochecha até o olho. E ainda bem que não estou dando risada, senão ia descolar tudo.

Sei que alguns gravetos conseguiram penetrar o tecido da minha camiseta e das calças. Por isso a gente verifica se meus braços e pernas estão arranhados. Mas não há nada demais, só uns arranhões como se eu tivesse derrapado com a bicicleta.

— Tem mais algum machucado doendo, Maple?

Eu não pretendia fazer aquilo, mas, sem pensar, estico minha mão. A palma da mão está vermelha e inchada e ainda está saindo pus, apesar de eu achar que tinha espremido tudo enquanto tentava sair da toca do castor.

— Deus do céu, o que aconteceu com sua mão? — Dawn fala, enquanto olha pra ela.

— Maple, quando foi que machucou a mão? Parece que esses espinhos já estão supurando.

Tento pensar em alguma coisa pra falar, mas de repente conto toda a verdade.

— Machuquei a mão quando a gente ainda estava no rio. Eu me segurei na beirada do barco que estava irregular e cheia de farpas. Não falei nada antes porque achei que, se você visse, iria tentar voltar pra alcançar o guarda-florestal.

Dawn cerra os dentes.

— Você tem toda razão, eu provavelmente fosse atrás do guarda-florestal pra levar a gente de volta. E aí teríamos sido poupadas dos caçadores ilegais e também do encontro com o urso. Além do mais, você teria escapado de quase ser morta na toca de um castor e eu de ter que explicar ao papai e à mamãe toda essa confusão. Só não voltamos agora mesmo porque estamos quase lá.

Não tenho vontade de escutar sermão, por isso descanso a cabeça sobre o pó e as pedras. Coloco meu braço bom sobre os olhos para bloquear o sol, mas percebo que quase não tem mais sol. Quer dizer, ele ainda não se pôs totalmente, mas está mais escuro a cada segundo.

— Dawn, a gente tem que ir andando! — eu digo.

— Não, primeiro vamos colocar um pouco de gaze nessa mão.

E ela já está com o estojo de primeiros-socorros de novo, limpando a minha mão.

— Ficar exposto à sujeira o dia todo não ajudou muito o machucado. Você devia ter colocado um pouco de creme antisséptico e coberto com gaze, assim que alcançamos a margem do rio.

Ela põe de lado a pomada e pega um rolo de gaze. Daí embrulha minha mão, corta a gaze com os dentes, enfia a ponta por baixo do curativo e prende com um pedaço de esparadrapo.

— Obrigada — digo tentando fazer cara de quem realmente está interessada no curativo. Tô me sentindo bem melhor, muito mesmo. Agora, vamos andando.

Dawn coloca o estojo de primeiros—socorros outra vez na mochila, e ele vai deslizando até encostar na flecha, que está enfiada no fundo com a ponta saindo pela abertura. Dawn joga a mochila nas costas e fica virando a bússola até conseguir uma leitura do norte.

— Não tenho a menor ideia de como vou poder explicar isso pro papai e pra mamãe — Dawn diz.

— Pode deixar que eu mesma conto. Mas agora, vamos continuar — respondo.

Dawn não fala nada, e acho que está tentando me dar um tratamento de silêncio. Ou então, finalmente, percebeu como sou sabida e como tenho razão no que digo. Retomamos nossa marcha através das árvores, e fico tentando distrair minha mente. Tento pensar em cachoeiras e arco-íris. Mas isso me faz perceber como estou com sede, e então fico mesmo pensando em um copo d'água delicioso ou em um chá gelado. Entramos em um campo aberto, puxo um talinho de capim e começo a mastigar a ponta. Só que está seco e tem gosto de palha. Cuspo no chão e continuo andando atrás da Dawn, desejando loucamente que a Mulher Sábia esteja na próxima curva do caminho.



CAPÍTULO 18

Puxo o capuz do moletom sobre a cabeça e tento cobrir minhas orelhas.

— Tem que ser depois daquela colina — Dawn diz com esperança.

Nunca imaginei que meu corpo pudesse ficar tão dolorido. Os meus pés parecem que estão pegando fogo. Sinto meus braços e pernas mais pesados a cada passo. E meu estômago começa a roncar como um cachorro bravo.

Olho para Dawn que está liderando a caminhada, e posso ver que está cansada porque sua marcha está mais lenta, suas pernas estão frouxas e, mesmo assim, ela consegue se afastar de mim.

— Dawn, me espera! — digo-lhe me apoiando em uma árvore para ajudar a me impulsionar para frente.

— Tá bem, Maple. Dawn para e se afasta para eu passar.

— Então... vai você... na frente — ela diz. — Assim... a gente pode ir... no seu ritmo.

Ela provavelmente vai começar a reclamar porque a gente está indo muito devagar, mas, quando passo por ela, percebo que ela está preocupada de verdade, por isso continuo andando, e ela vai atrás acompanhando a minha marcha.

Estamos quase no topo da colina, e cruzo os dedos. Meus olhos tentam enxergar antes de mim, esperando ver a Mulher Sábia. Esperando que ela surja do chão, mas, quando alcançamos o topo,

meus olhos vagueiam de um lado para o outro. Nada. Nada além de outro morro pra subir.

- Estou cansada, Maple — Dawn diz, após recobrar o fôlego.
- Sei lá, toda essa subida... estou começando a ficar preocupada.

Nós duas olhamos para o horizonte. O sol se aproxima dele. Fica mais perto a cada minuto.

— A gente precisa de alguma coisa pra distrair — digo, e continuo andando.

- Pois é, mas o quê? — Dawn responde.
- Um jogo de adivinhação, como "Vejo uma coisa rosa..."
- Não, detesto esse jogo — Dawn diz.

Começamos a caminhar sobre uma área plana e pedregosa, enquanto tento lembrar algum jogo interessante.

— Tá legal. Vamos fazer outra coisa. "Pensa, Maple. Pensa". Já sei: qual é o nome científico da garça-real-americana?

— *Ardea herodias* — ela responde, antes mesmo de eu acabar de falar.

1. Bico-grossudo-norte-americano?
2. Uhm... *Coccothraustes vesp... vespertinus*.

Tento visualizar o velho guia de pássaros do papai e vou virando as páginas em minha mente.

- Pombo? — digo.
- *Columbalivia*. Próximo.
- Beija-flor?
- *Selasphorus*, o que mesmo? *Selasphorus*. . .

— *Rufus* — eu completo para ela. Começamos uma subida acentuada. Essa aqui quase se parece com uma trilha. Quase dá pra ver que já andou gente por aqui, faz muito tempo, mas quem sabe um dia já foi um caminho muito usado. Tem mais pedras que nos outros. Tento não colocar minha mão no chão, mas é difícil me equilibrar. Tenho que usá-la de vez em quando. A gaze fica toda suja, mas estou feliz porque é o curativo e não a minha pele.

— Legal. Agora é sua vez. Picoteiro-americano? — Dawn pergunta.

— *Bombycilla Cedrorum*. Gosto desse aí porque o nome soa como um tambor, começa com bomm e termina com rummmmmmm.

— Certo. Tordo-eremita?

— *Catharus. . . guttatus* — respondo. A resposta vem mais rápida à medida que caminhamos.

— Graúna-da-asa-vermelha?

Nunca consigo pronunciar esse nome direito. — *Angeli*.

— Não, *Agelaius Phoeniceus*. Sem o n — Dawn diz.

— É mesmo. Sempre esqueço. Rola-carpideira?

— *Zenaida Macroura* — Dawn diz.

— Coruja-das-torres?

— Essa é fácil — ela diz, e falamos ao mesmo tempo: — *Tyto Alba*.

Tento andar depressa, na frente da Dawn. Mas é muito íngreme, minhas pernas estão queimando e já estou com os bofes pra fora.

— Faisão? — Dawn diz.

— *Phasianus Colchicus*. — Fico tentando acertar as palavras, enquanto meu pé escorrega debaixo de mim. Caio, meu quadril bate em uma raiz e escorrego até onde a Dawn está: uma avalanche humana. As pedras arranham minhas pernas. Posso sentir o ardor sob a calça *jeans*. A Dawn olha pra mim com os olhos arregalados.

— Cuidado! — digo, tentando frear com os calcanhares. Vou levantando poeira e pedras junto comigo.

— Para! — Dawn dá um grito e tenta desviar, mas a gente não está tão longe uma da outra, e eu vou deslizando como um trenó na neve gelada. Meu pé bate na canela dela, e ela desaba em cima de mim. Até parar, eu não percebi que tinha usado minha mão machucada como freio. Começa a doer muito e eu começo a berrar. Dou uma olhada no estrago. O curativo agora é só um fiapo que cai frouxamente pelos dedos. Minha mão está toda trêmula, e a Dawn está segurando seu tornozelo.

— Aiiii — ela diz e, sem perceber, deito no chão. Eu estou acabada, ela está acabada. Estamos as duas uivando de dor, como um bando de coiotes, e, desse jeito, não seria nenhuma surpresa se a

gente acabasse levando um tiro, caídas na beirada do morro. Estamos machucadas e fracas, e não acho que eu seja capaz de dar mais nenhum passo.

Dawn se vira e puxa a mochila das costas. Ela joga a bússola lá dentro e eu a vejo escorregar profundo da mochila, quando ela puxa o estojo de primeiros-socorros. Depois abre o estojo e pega uma bolsa de gelo e mais gaze. Passa a gaze pra mim e quebra o pacote de emergência.

— Meu Deus do céu — digo, enquanto limpo a sujeira da minha mão. Desfaço o curativo e começo outra vez, enrolando a mão e passando a gaze entre o polegar e o indicador.

Dawn respira fazendo aquele barulho de apito. Fica mais alto quando ela está aflita e, nesse exato momento, ela parece uma chaleira fervendo. Estou a ponto de falar com ela pra parar com isso quando percebo, com o canto dos olhos, uma coisa brilhar. É a borboleta monarca. Eu já tinha até me esquecido dela, mas olha ela aqui esvoaçando em volta de nós. Então, ela pousa bem no meu ombro. Corto a gaze com os dentes e enfio a ponta pra dentro. A borboleta bate as asas e voa do meu ombro. A seguir, começa a voar trilha acima e eu me levanto.

— Vamos, Dawn. A gente realmente tem que ir andando. Está escurecendo. Você consegue andar?

— Sei lá, acho que torci o tornozelo — ela diz, e fica virando o pé de um lado pro outro. — Acho que vou ficar bem. Deixa eu ver a sua mão. Parece que o curativo está frouxo. A borboleta sai voando para o alto da colina.

— Eu estou legal — digo e pego a mochila do chão para colocar nas costas.

— Maple, você está escondendo alguma coisa. Deixa eu ver — insiste Dawn.

Mas eu já estou subindo a trilha atrás da borboleta. E ela logo desaparece acima da colina. Mas eu continuo indo atrás, continuo subindo o morro com a sensação de que logo depois dessa colina vou encontrar o que vim procurar. Vou me arrastando pela trilha, engatinhando de joelhos. Eu rastejo feito um puma e vou me

movendo depressa sobre o solo acidentado. A gaze fica imunda, rapidamente, mas eu nem ligo, continuo subindo, um passo depois do outro. Algumas pedras rolam sob meus pés e eu escorrego, mas enfio o pé com força na terra e vou em frente.

— Maple, espere! — Dawn grita pra mim, mas não posso parar. Se eu parar não consigo voltar a andar.

— Espere aí mesmo, eu já volto — grito de volta sobre os meus ombros. Meu coração bate forte e meus olhos estão cheios de lágrimas. Mas eu tenho que chegar, antes do anoitecer. Temos que voltar pra casa. Finalmente minha mão alcança o espaço aberto.

Tento me equilibrar, no topo da colina. Olho em volta, procurando pela Mulher Sábia. Pelo lago com a água milagrosa. Mas não tem nada aqui. Nada além de uns arbustos e um salgueiro chorão, com os ramos tocando o musgo aos seus pés.



CAPÍTULO 19

— Não! — Eu arranco a mochila das costas e a jogo no chão. Ela rola, e cai tudo lá de dentro: o mapa, o livro, a flecha. O livro sai girando e virando as páginas.

— Não é justo! — grito bem alto e saio em disparada, mas alguma coisa me prende, e o mundo começa a girar como um carrossel de árvores. A mata gira e gira, verde e dourada. As cores piscam. Meu corpo gira. E o mundo desaparece lentamente.

A primeira coisa que escuto quando acordo é o plic plic plic da água. Por um momento, penso que estou sonhando. Mas, quando vejo as copas das árvores, lembro onde estou. Em uma jornada fracassada, é aqui que estou. Coloco a mão no musgo onde caí. Levanto-me, cambaleando. O vale se enche de sombras e reflexos dourados do pôr do sol, e eu encosto o corpo no salgueiro chorão para me firmar de pé.

Balanço a cabeça, tentando tirar o barulho da água dos meus ouvidos, mas ele fica lá. Então, meu coração salta no peito. "Não fique tão animada", digo a mim mesma. Pode não ser nada, como tem acontecido o dia inteiro. Mesmo assim, começo a me mexer, seguindo o som da água. Perdi os sapatos e meu pé enterra no musgo, e sinto a umidade entre os dedos. Contorno o salgueiro, passo por trepadeiras e altos arbustos, e percebo o musgo gelando os meus pés. Quando me viro, dou de cara com ela. Um rosto que sai direto da terra, feito de pedra. O sol está se pondo e lança longos

raios de luz laranja sobre as copas das árvores e sobre seu rosto. É ela. A Mulher Sábia.

Levo minha mão machucada à testa e avanço sem me dar conta. Estou pisando um musgo fofo, meu pé afunda e me desequilibra. Trepadeiras se emaranham e emolduram seu rosto como cachos. E de algum modo isso me faz pensar na mamãe.

Nunca vi uma pedra chorando antes, mas ela está aqui, com a água rolando sobre sua face, como lágrimas que são recolhidas no que parece um par de mãos gigantesco.

Eu me aproximo e coloco minhas mãos nas mãos dela, com as pontas dos dedos tocando a água. A água não é como eu imaginava. Na minha cabeça, a água refletia uma luz difusa como as luzes do norte: como raios de quartzo rosa e opala. Mas não, a sensação era a mesma da água do lago, a aparência era a mesma também. A diferença é que essa fonte acumula algas. Um lodo verde e nojento escorre pelas laterais. Mas eu faço de conta que não vejo, afinal eu nunca tinha visto uma água milagrosa antes, e talvez elas sejam assim mesmo.

— Estou tão feliz por encontrar a senhora — digo-lhe em um sussurro.

O sol lampeja no horizonte e o rosto da Mulher Sábia cintila como vaga-lumes sob sua pele de pedra. Inclino-me e faço uma reverência.

— Meu Deus — ouço a Dawn dizer, quando ela surge por detrás do arbusto. — Quando vi nossa mochila no chão, eu não podia imaginar que você estava aqui. Eu... estava... morta de medo.

A mochila aberta está pendurada em seu braço. Com a outra mão, ela ainda está segurando a bolsa de gelo. Mas, quando ela vê a Mulher Sábia, para de repente e deixa cair a mochila e a bolsa de gelo no chão.

— A gente conseguiu mesmo? — ela sussurra e se ajoelha ao meu lado.

— É — respondo — nós conseguimos.

— Conseguiamos — ela repete. Ela se vira e pega a mochila. Tira de lá uma garrafa vazia e a passa para mim. A seguir coloca os

braços em volta dos meus ombros. E ficamos lá sentadas, na fonte da Mulher Sábia.

Exaustas, machucadas, tremendo. Mas juntas e inteiras, e prontas para preparar o milagre para a nossa irmãzinha. Eu fico pensando naquele longo dia, no meu corpo dolorido e em como tudo terá valido a pena quando a gente conseguir voltar para casa e entregar essa garrafa ao bebê. Imagino o sorriso da mamãe para mim. Papai me dando tapinhas nas costas. Beetle me dando um abraço carinhoso. Imagino o bebê ficando mais forte. Penso nela correndo conosco pelo quintal, respirando o saudável ar da montanha. Penso em festas de aniversário, feriados e em todo tipo de celebração. No verão, vou mostrar a ela os arbustos de framboesa e os vegetais crescendo na horta. No outono, vou mostrar a ela as folhas de diversas cores e também onde fica o melhor lugar para encontrar as árvores mais brilhantes. No inverno, vou ensiná-la como deslizar na neve, sem cair, e também vou levá-la para um passeio bem legal de trenó. E na primavera, vou mostrar a ela como se faz um xarope de bordo bem puro, do mesmo jeito que papai e mamãe mostraram para mim. Vou ficar olhando a carinha dela quando o provar pela primeira vez. Há tanta coisa a nossa espera. Então, mergulho a garrafa na fonte. A água está gelada.

— Já estamos indo, Lily, estamos indo — digo bem baixinho.

Daí, lembro—me da mamãe me colocando na cama à noite; então as suas palavras brotam na minha alma:

*Mulher Sábia da montanha,
Tem piedade de mim.
Concede — me este milagre,
Se com a alma pura eu vim.*

— Essa água é para nossa irmãzinha. Ela está frágil e muito doente, e desejamos que ela se torne forte e saudável. Por isso, Mulher Sábia, por favor, pedimos por esse milagre. Faça com que nossa irmãzinha sobreviva.

Tiro a garrafa da água. Um pouco das algas conseguiu entrar, e elas ficam rodopiando enquanto o conteúdo se ajeita dentro da garrafa.

Dawn está prestando atenção, e depois olha pra mim com as sobancelhas retorcidas para o meio da testa. Não pergunto em que está pensando, mas ela me conta assim mesmo:

— Essa água não me parece boa. Tem aparência ruim, de que pode lhe passar uma doença — ela diz.

— Pode ser — respondo — mas Remington não ficou mais doente, ele melhorou. Deixa de se preocupar com a aparência da água. Dawn belisca os lábios com os dentes e assente com a cabeça.

— Está bem — ela diz.

— Mas ainda tem uma coisa que deve ser feita!

Fico lembrando-me da mamãe me contando a história. Seguro a garrafa com força em minha mão e olho para o fundo da fonte:

— A gente tem que ler o que aparece escrito no fundo das águas! — digo.

Dawn faz uma careta e coloca a mão na água. Ela desliza sua mão pelo fundo, e um monte de algas se desprende e gruda no seu pulso.

— Nossa, que beleza! — ela diz.

A água fica turva com uma névoa verde e marrom. Coloco gentilmente a garrafa no chão ao meu lado, e deslizo minha mão no fundo pra ajudar. Pego um monte de alga e jogo no chão. Faço isso mais de dez vezes, e a Dawn também ajuda, e eu fico pensando que seria ótimo ter uma daquelas redes que a metida da Lauren Roberts tem para limpar a piscina da sua casa. Mas não temos, e por isso continuamos o trabalho com as mãos mesmo.

— Está escrito "Leia e compreenda" — Dawn diz, enquanto aproxima os olhos para ver melhor. A seguir enfia a mão de novo no fundo da fonte e a luz que ainda resta balança e se reflete nos seus braços. Sua mão parece branca como giz, quase azulada, debaixo d'água.

— Não consigo ler o resto — ela diz.

A água não tem mais algas, mas as palavras parecem cortadas, como se fossem ruínas ou, na verdade, como se fossem mais do que palavras.

*Amar e o amor,
curas das do homem.*

Amar e amar, o mais puro amor, garante milagre.

— Não consigo decifrar algumas palavras — digo.

Dawn tira a mão da água e chacoalha pra secar, e eu arranho um pouco os espaços em branco, para ter a certeza de que não tem nenhuma alga ali atrapalhando a leitura. Os espaços em branco continuam do mesmo jeito.

— "Curas das do homem" — pode ser a segunda frase — digo.

— Essa frase é sem sentido — Dawn diz. Faço força para não virar os olhos por causa da bobagem que ela falou.

— A última linha diz "garante milagre" — Dawn diz.

— Isso também não deve estar certo — digo. Ela põe a mão no queixo.

— Bem, até agora, o que temos é "Amar e o amor, cura das do homem. Amar e amar, o mais puro amor".

— "Garante milagre". — Dawn franze as sobrancelhas. — Bem, isso é tudo o que conseguimos, e nós estamos perdendo tempo.

Pego de volta a garrafa. Eu e a Dawn seguramos juntas e erguemos a garrafa acima de nossas cabeças. Os raios rosados do sol brilham através da mata e refletem feixes de uma luz sobrenatural no rosto da Mulher Sábia.

Então, repetimos juntas:

— "Amar e o amor, cura das do homem, amar e amar, o mais puro amor, garante milagre." Nada acontece, só algumas algas flutuam no interior da garrafa.

— Você acha que funcionou? — Dawn me pergunta.

— Não sei dizer — respondo. — Mas já temos a água, e é isso que precisa para o milagre. Lembra a história do Remi e do tio Meyers?

— Está legal, vamos indo, então — Dawn diz.

— Tudo bem — digo. — Obrigada, Mulher Sábia. Desculpe-me por essa visita tão curta, mas a senhora compreende, a gente tem que voltar pra casa... antes que seja tarde demais.

Dou um beijo na beirada da sua mão de gigante, e Dawn faz o mesmo, só que ela mal encosta a boca.

— Tá pronta? — Dawn me pergunta.

— Com certeza — respondo. Olho mais uma vez o rosto da Mulher Sábia. Ela também olha para mim. No momento em que olho, seu rosto tem um reflexo vermelho que, de repente, vai ficando mais escuro, nas sombras. O tempo esfria. Olho através das árvores até o horizonte. O sol desaparece, deixando uma linha escura, como uma ruga, na silhueta das montanhas. Um passarinho assobia a última canção do dia no alto das árvores. "Cuidado", diz a canção. "Cuidado".



CAPÍTULO 20

Encosto no salgueiro chorão e coloco meus sapatos de volta, um de cada vez. Há uma bolha no meu calcanhar direito, e ela estoura quando enfio o sapato. A ferida aberta parece maior do que realmente é. As folhas são levadas pelo vento, e o som que fazem ao deslizar pelo solo é o mesmo de pés correndo, perseguindo-nos. Tento amarrar o sapato, mas estou com problemas para controlar meus músculos. Os dedos ficam tremendo e pulando, tentando dar a laçada no cadarço. Respiro fundo fazendo força para ficar calma. Finalmente consigo fazer o laço e dou um nó por cima.

Dawn enfia a mão dentro da mochila e pega a Maglite. Ela acende a lanterna e posso ver o ar quente de sua respiração no facho de luz. Ela sai mancando para pegar o *Lendas da montanha* do lugar onde está caído. Pega-o e o enfia na mochila; daí, pega o mapa e passa-o para mim.

O vento aumenta um pouco, e puxo o capuz do moletom sobre a cabeça e me encolho toda. "Eu não estou com medo do escuro", fico dizendo para minha alma em pânico. Pelo menos, lá em casa não tenho medo. Já aqui, no meio da floresta, o sol se põe, e a noite chega vibrante com seus ruídos.

— Acho que temos duas escolhas — Dawn diz. — Ou ficamos aqui e fazemos uma fogueira...

— Ou prosseguimos com a caminhada — completo. Meu corpo todo grita para ficar ali. Mas a água milagrosa está nas minhas mãos e, mesmo não sendo do jeito que eu achei que fosse, ela ainda me faz lembrar do bebê, que está no hospital, esperando. Ela deve estar sofrendo muito.

— A gente deve estar muito atrasada. E não quero arriscar demorar mais ainda — digo. A lembrança dos bandidos pisca na minha mente, e minha pele se arrepia com os sons de vida da floresta. — É melhor a gente ir andando.

O olhar de Dawn se move em torno das árvores, para além do facho da Maglite e por dentro das trevas.

— Eu devo admitir, Maple, que também quero ir embora, mas não sei qual é o melhor caminho para darmos o fora daqui. Além do mais, meu tornozelo está doendo.

— Também me sinto assim, quer dizer, acabada.

Começo a pensar que a gente podia mesmo parar para acender uma fogueira e descansar, mas então minha cabeça começa a pensar em ossos. Nos animais que estão uivando na mata e que estão atrás dos nossos ossos. E depois o guarda-florestal tropeçando neles. Sol, chuva e todo tipo de intempérie dando o seu melhor para que nossos ossos desapareçam de vez.

— Chegamos juntas até aqui. Juntas, vamos conseguir escapar também — digo. A gente tem que conseguir. Não existe outra possibilidade.

Dawn coloca o facho da lanterna sobre o mapa que está em sua mão, e sinto as trevas em volta, engolindo-nos. Dawn deve estar sentindo a mesma coisa; sua respiração se acelera.

— Tem que haver alguma estrada aqui por perto — digo-lhe.

Dawn coloca o dedo indicador sobre onde está a Mulher Sábia. O facho da lanterna balança sobre a folha de mapa, mas consigo focalizar meus olhos.

— Kilgery Lane — digo, colocando um dedo sobre a estrada.

— A gente deve conhecer alguém que mora em Kilgery Lane. Dawn abaixa a cabeça pra ver melhor. — Parece que está a menos de um quilômetro a oeste daqui — ela diz.

— Então, isso dá pra fazer — digo. — Provavelmente é a rota mais rápida para nós.

— Então, tá — ela responde. — Para onde está o oeste?

Coloco a água milagrosa no bolso do moletom e pego a mochila que está encostada nos pés da Dawn. Procuro a bússola lá dentro. Enfio a mão até o fundo porque tenho certeza de que ela escorregou até lá. Meus dedos buscam o cordão de couro, mas só encontram a cartola, as bordas duras do livro, a ponta da lança e minha jaqueta, que ainda está úmida.

— Anda, Maple, a gente não tem a noite toda.

Dawn fala enquanto joga a luz da lanterna no interior da mochila e descansa a outra mão. Coloco de lado o *Lendas da Montanha*. Não vejo a bússola. Abro a bolsinha da frente, porque talvez a Dawn tenha colocado a bússola lá enquanto eu não estava perto dela. Mas não tem nada lá, além de dois saquinhos velhos de chá de quando a gente foi acampar pela última vez.

— Maple, cadê a bússola? Eu a coloquei aí dentro. Quando a gente estava na colina. Quando torci o tornozelo. Onde está a bússola?

Dawn vai levantando a voz e eu coloco os dedos sobre os lábios dela:

— Dawn, fique quieta — falo baixinho, de olho na escuridão das árvores. — Esse é o pior momento pra arrumar confusão.

Dawn arranca a mochila da minha mão e joga tudo naquele chão cheio de musgo. Aí, ela ilumina o chão com a lanterna.

Não está ali mesmo — ela diz.

Engulo em seco e falo:

— Deve ter caído quando eu joguei a mochila — digo.

— Ai, meu Deus — Dawn diz, e um segundo depois o facho da lanterna começa a se mexer, procurando entre as árvores. Ele circula, para e circula de novo. Eu tento acompanhar o seu movimento e depois saio correndo tentando alcançar o lugar onde caí. Passo as mãos sobre o musgo, tirando as folhas do caminho. As folhas podem ter coberto a bússola. Ela deveria estar por aqui. Mas meus dedos correm pela terra fofa e não encontram nada. As pontas

dos dedos começam a ficar dormentes por causa do frio e mal conseguem sentir a umidade do musgo ou as pontas das folhas. Mas com certeza eu poderia ver a bússola. Dawn vem e fica de pé ao meu lado, e a gente toma um susto quando escuta o uivo de um coiote através da mata.

— A gente tem que sair daqui — Dawn diz.

Eu me levanto e tento pensar: onde pode ter caído a bússola? Onde poderia estar?

— A gente perdeu a bússola — Dawn fica repetindo. — A gente perdeu a bússola. — Ela respira, inspirando pelo nariz e soltando o ar pela boca. — Existem outras formas de localização. — Ela volta mancando até onde está a mochila e me deixa ali, só com a luz do luar. Eu saio correndo atrás dela, nós pegamos as coisas e as colocamos de volta na mochila. Dawn pendura a mochila nos dois ombros.

— O sol se pôs daquele lado, portanto lá é o oeste — ela diz. É verdade, o sol nasce no leste e se põe no oeste. Olho em direção às árvores e mantenho os olhos no horizonte.

Dawn e eu começamos a andar lado a lado. Dawn mantém o facho da lanterna virado para o chão, e meus olhos procuram para lá e para cá nas sombras, imaginando o que pode aparecer de repente. Nós temos o milagre. Nós estamos juntas. Nós estamos em segurança. Fico repetindo essas coisas para mim mesma.

Eu arqueio o corpo contra o frio. O vento está forte, e os galhos secos batem uns contra os outros como se fossem ossos. Folhas mortas açoitam nosso rosto e batem em nossos braços e pernas, como se quisessem nos enterrar vivas debaixo delas. Percebo que a Dawn está tremendo, e tenho certeza de que ela pode sentir que eu estou também. Daí, a gente se apoia uma na outra e caminha abraçada. A gente caminha sobre musgo. Agora, mais do que nunca, silenciosas como o puma. Espertas como a raposa. Silenciosas como o puma. Espertas como a raposa.



CAPÍTULO 21

Mantenho os olhos na montanha a oeste. Mas meu coração está apontando em direção a nossa casa. Nós atravessamos a linha das árvores e agora prosseguimos em campo aberto. Estamos nos deslocando lentamente. O mato é alto, e me controlo para não olhar pra baixo, com medo do que pode estar escondido ali. Cobras... aranhas enormes que só saem da toca à noite. Roedores.

— Você ouviu isso? — Dawn pergunta, colocando a cabeça de lado.

Sinto meu coração batendo na garganta:

— Se eu ouvi o quê? Coiotes? Bandidos caçando seres humanos? O urso, voltando pra se vingar? Um leão-da-montanha espreitando na escuridão? O quê? — pergunto.

Mas ela só balança a cabeça.

— Devo estar ficando louca. Faça alguma coisa pra me distrair — Dawn implora.

Eu penso um pouco, tentando esfriar a cabeça. Depois indago a ela:

— Já sei, qual é o nome científico da galinha-d'água? Dawn franze as sobrancelhas. — Nós já aprendemos esse?

— Sim, senhora — digo. — Aliás, foi um dos primeiros.

— Não me lembro — ela diz.

— *Gallinula Chloropus* — respondo — lhe.

— Como é que você consegue lembrar? — ela pergunta. — Foi há tanto tempo! Eu apenas dou de ombros. Mas não deixo de notar que no fundo isso é um elogio. Ela está me elogiando pela primeira vez em... bem, não sei há quanto tempo.

— E o nome do maçarico-das-rochas? — pergunto, pulando por cima de um galho caído que talvez tenha vindo parar aqui movido por uma forte ventania, ou sei lá o que mais, e que parece fantasmagórico à luz do luar. Eu salto, mas um pequeno graveto bate em meu joelho.

— *Actitis Hypoleucos* — Dawn responde, enquanto eu a ajudo a saltar sobre o galho. — Eu me lembro desse aí.

Ela para de repente.

— Continuo achando que escutei alguma coisa. Sua voz está aflita e trêmula. Eu estou ouvindo um monte de ruídos diferentes, mas tem alguma coisa que parece mais próxima que o restante.

Dawn fica girando a lanterna, e eu quase tenho vontade de fechar os olhos em vez de enxergar o que tem ali. Vou ficar ao lado da Dawn, mas antes pego a flecha de dentro da mochila. Eu a seguro com força e me preparo para lutar com o urso.

Fico bem alerta a qualquer movimento e a qualquer ruído, pronta para uma briga na floresta. Mas não vejo nada. Não de cara, pelo menos. Dawn joga o facho da lanterna o mais longe possível e, de repente, bem onde termina a claridade, o mato parece estar amassado, como se alguma coisa tivesse passado por cima, em nossa direção. Fico imaginando um leão ao vivo e em cores tentando sair rapidamente. Então, eu aponto a flecha.

— O que é aquilo? — Dawn pergunta.

A luz da lanterna começa a balançar enquanto retrocedemos um passo. Ela treme, se lança e cai da mão da Dawn. A lanterna aterrissa no chão e ilumina um par de olhos amarelos, saindo debaixo do arbusto que a gente acabou de cruzar. Arremesso a flecha sem pestanejar. Atiro como se fosse uma granada de mão. Mas ela bate no chão a uns três metros de nós. E a criatura continua a avançar e, à medida que se aproxima, já não tenho dúvida do que se trata. Vejo um narizinho pontudo e sinto o mais horrível dos cheiros.

Um gambá. Seu pelo está todo arrepiado e sua cauda está apontada para cima.

— Ai, meu Deus! — Dawn dá um grito e põe depressa a mão sobre o nariz. — Corre!

Sáímos desesperadas e quase trombamos uma com a outra. Daí, a Dawn dispara na minha frente. Apesar de ela estar mancando e de eu estar machucada e dolorida, corremos feito duas ninjas, pernas pra que te quero, sem pensar nas bolhas e nos ferimentos. O ar está frio e pinica minhas orelhas. Estou praticamente respirando gelo. Mas fico firme e nos jogamos para dentro da floresta como uma manada de cervos. Nós não paramos. Seguimos à frente no meio das sombras. Desviamos de árvores e continuamos correndo, até passar o fedor. Daí, de uma hora para outra, meu pé fica agarrado em alguma coisa, e eu e a Dawn somos lançadas para frente. Tento me segurar e procurar o que me fez cair. Foi uma velha raiz que está ali só pra machucar alguém. Olho para Dawn e a vejo mordendo os lábios.

— Meu tornozelo — ela diz irritada. Posso ver o ar de sua respiração saindo pelas narinas em baforadas cor de cinza.

— Torceu outra vez? — digo em um sussurro.

— Acho que dessa vez foi pior — ela diz, enquanto senta e toca o pé com os dedos. — Parece que ouvi alguma coisa pular.

Ela estende a mão pra mim. Eu me levanto e depois ajudo-a a levantar, mas, assim que ela põe um pouco de peso sobre a perna, despenca de novo pro chão.

— Acho que não vai dar pra continuar — Dawn diz — e, apesar de estar escuro, apesar de a lanterna ter pifado, o luar prateado que passa através das copas das árvores é claro o suficiente para que eu veja que ela está chorando. E daí, eu não consigo me segurar. Começo a chorar também.

— Talvez mandem um grupo de busca — digo, mas agora estou com medo, estou apavorada e, ao mesmo tempo, tentando pensar no que posso fazer.

— Pode ser.

Sinto os dedos frios da Dawn tocando meu braço.

— Talvez a gente pudesse gritar por socorro — digo-lhe. — Quem sabe já tem gente procurando por nós. Talvez já estejam aqui por perto, esperando que a gente grite por socorro.

Dawn suspira e assoa o nariz. Daí ela para e arregala os olhos.

— O que foi? — Tenho até medo de perguntar. Parece que minhas entranhas viraram pudim. — Shhhhh — Dawn diz, e começa a se arrastar pelo chão da floresta.

— O quê? — sussurro.

Por favor, chega de gambá, de coiotes, de qualquer coisa ruim. Por favor, permita que seja um grupo de busca. Mesmo que seja o chatinho do Trevor Collins e seu pai.

Mas não é nenhuma dessas coisas.

Não é nenhum animal estúpido. Não é a guarda florestal, nem o grupo de busca. São vozes no meio da mata. São vozes ásperas, vozes conhecidas no meio da noite.



CAPÍTULO 22

Folhas e gravetos cutucam meu peito, enquanto deslizo para o lado, tentando me esconder, ao lado da Dawn, e o plástico da garrafa d'água vai chacoalhando no bolso da frente do meu moletom. Digo à garrafa pra ficar quieta, e a mim mesma para ficar imóvel como uma pedra. Quando me viro pra olhar, não posso acreditar no que estou vendo. Primeiro, vejo duas lanternas ligadas; aí, vasculho a área procurando gente.

— Droga! Epaaaaa... esse aqui tá tentando escapar. Nem em um milhão de anos, belezinha — um homem fala saindo de trás de uma árvore. Meu estômago fica embrulhado, como se eu tivesse comido muita goiaba verde. Dawn aperta os dedos na raiz de uma árvore, como se ela tivesse com problema pra respirar. São eles. Os bandidos. Não tenho certeza, mas parece que vi o cano de uma espingarda dessa vez. Ela está encostada nas costas do homem, e toca a aba do seu chapéu. Posso ver uma tira de couro em volta do peito dele. Com certeza. Agora ele tem um rifle. Ele se vira na direção da luz da lanterna, e seu rosto camuflado com tinta preta se funde com as sombras, criando buracos fundos no lugar em que seus olhos deveriam estar. Uma coruja branca e peluda está pendurada em sua mão. Seus olhos parecem mortos e distantes. Corre sangue por suas penas brancas, escorrendo por suas pernas enrugadas, até o punho grosso do homem.

— Leroy, vem dar uma espiada nessa belezinha — ele fala de dentro da mata.

O outro homem caminha até a clareira. Sua arma está levantada, e ele aponta para a linha das árvores, onde estamos escondidas. O cabelo da minha nuca está completamente eriçado agora.

— Parece que iscuitei alguma coisa — ele diz.

— Si num tá pian'lo, num interessa, Leroy. Vô falá uma vez só. Tira esses dedim coçando do gatil'lo, certo?

Caçadores noturnos de corujas. Covardes. O primeiro deles joga sua coruja em uma pilha delas. Faço força pra pensar que aquilo não está acontecendo, que, se eu olhar para o outro lado e tornar a virar, já terá desaparecido. Então, olho para minhas mãos trêmulas e para as agulhas de pinheiro que se enfiam entre os meus dedos, mas, assim que olho de novo para a clareira, tenho certeza de que não é um sonho.

— Ainda tô achando que tôiscuitan'lo coisas, Jim. Ainda tô achando que tôiscuitan'lo coisas na mata. Parece grito. Não de coiote, grito de verdade. Ocê num acha...

Ele para de falar, abaixa o rifle e pega uma lanterna.

— Num acha o quê? — diz Jim.

— Num sei, não... — mas ele desliga a lanterna e eles se tornam mais apavorantes do que nunca. Ele se senta em um tronco caído.

— Num acha o quê, Leroy? Pra que ocê faz isso?

Jim fala enquanto enfia um monte de penas sangrentas em um saco.

— Bão, ocê num ouviu falá daquelas garota? Aquelas que tão dizendo que se perderam nas montanhas hoje? Ninguém sabe onde elas tão, e...

— E daí?

— Bão, vamôimaginá que tem gente procurando elas. Vamôimaginá que organizaram um grupo de busca e que eles tão por aí, agorinha mesmo. A gente num ia gostá de chamá atenção, ia?

— Tô vendo aonde ocê quer chegar, Leroy. Mas se eu prometi a alguém penas legítimas de coruja, então vou levar penas legítimas de coruja. Eu tenho bocas pra alimentar, num é verdade?

Aperto com força as raízes e as agulhas de pinheiro. As folhas mortas do outono se quebram com o peso do meu corpo. O homem chamado Leroy cospe alguma coisa no solo da floresta, e não dá pra ver direito naquela pouca claridade, mas imagino que seja escarro ou tabaco, ou outra coisa qualquer. Daí, ele continua tagarelando.

— Digo que é melhor a gente vortá pra cidade.

Ele aponta com o queixo na direção da escuridão, de uma velha *pickup* enferrujada.

Voltar para a cidade. As palavras vibram em minha cabeça como um eco nas montanhas.

— Seu covarde de uma figa — fala Jim. — Eu te trago aqui pra fazer algum dinheiro pra você e pra Marge, e você num ajudou em nada o dia inteirinho, caramba.

— Tá bão, Jim, desculpa. Eu reconheço.

E Leroy fica em silêncio. Jim pega a lanterna acesa, e os dois vão para longe de nós, na direção da *pickup*. Sinto a escuridão me engolir. Sinto meu corpo cansado e dolorido, e olho a Dawn bem de perto. Tem mato grudado no rosto dela, bem onde as lágrimas correram. Sinto a garrafa d'água se mexendo no bolso, e a pulsação do meu coração através da minha mão machucada.

— Tenho uma ideia — sussurro, e já começo a esticar as pernas pra levantar e sair correndo.

Dawn olha pra mim e balança a cabeça. A lua e as árvores criam uma sombra estranha no seu rosto. Parece uma garra pronta pra atacar à medida que ela balança a cabeça de um lado para o outro.

— Não sei no que está pensando, Maple T. Rittle, mas se for o que estou imaginando, é melhor você tirar isso da cabeça nesse instante. Minha garganta se enrola como raízes de árvore que crescem juntas há muito tempo.

— Não ouse, Maple — Dawn sussurra. — Você tem ideia do tamanho da encrenca em que a gente vai se meter se nos pegarem? Eles são maus. Podem até nos matar.

Vejo um dos homens, Jim, arremessar o saco com as corujas dentro da caçamba. O saco bate, sai rolando até encostar no cabo de uma pá e desaparece pela porta da caçamba. As portas da *pickup* rangem quando são abertas, e rangem de novo quando são fechadas. Ouço o barulho do motor.

— Essa é a nossa deixa, Dawn — sussurro.

— Maple, acho que não vou conseguir chegar lá. Meu pé. Não sei como vou fazer.

— Não vejo outra saída, Dawn. Você não consegue pisar desse lado. Eu estou mal aguentando comigo. Mas vou aí te ajudar — digo e começo a rastejar pelo chão da floresta.

Dawn diz que não com a cabeça, mas vem e se coloca ao meu lado. E então entramos debaixo do para-choque da *pickup*.

— Eu estou machucada, cansada, e você também está. Agente pode ficar aqui e morrer tentando andar, ou podemos pegar uma carona até a cidade. Ouço engrenar a marcha. A fumaça do cano de descarga sopra bem no meu rosto. Meus olhos ardem. Dawn se agacha perto de mim. Seus olhos estão esbugalhados e suas narinas estão bem abertas. As lanternas traseiras iluminam as gotas de suor na sua cabeça.

— Você é doida — ela diz — mas tem razão. Eu já ia retrucar, quando as palavras se acomodaram em minha mente, e levei um tempo para registrar. Eu tenho razão?

— Está na hora de voltar pra casa — Dawn diz.

Não respondo nada, simplesmente concordo com a cabeça, ajeito a água no bolso do moletom e firmo as mãos no para-choque. Eu ergo um pouco o corpo para dar uma espiada na caçamba.

Sacos, equipamentos e armas estão encostados na janela da cabine. Acho que tem coisa suficiente ali para nos esconder das vistas dos bandidos. Seguro a mão de Dawn.

— Ponha o peso do corpo sobre mim e passa o seu pé bom dentro da caçamba.

Dawn se encosta em mim e coloca o pé na caçamba. O pé machucado quase não consegue pressionar o chão. A caminhonete dá um tranco para frente, mas estou preparada e dou um impulso

para ela conseguir pular a porta da caçamba fora do alcance do retrovisor. A caminhonete balança inteira agora, passando por cima de raízes e pedras. Eu vou andando atrás o mais rápido que posso. Agarro a porta da caçamba com a ponta dos dedos e me jogo para dentro depressa. Quando caio no fundo, meus joelhos batem no metal frio, a garrafa esmaga minha barriga e perco o fôlego. Bato forte com o rosto. A dor se espalha pela cabeça toda. Fico imóvel, até minha respiração voltar, e presto atenção na cabine, para verificar se eles sabem que a gente está ali. Nada.

Sento-me e me encosto. Depois noto que a Dawn está cobrindo a boca com a mão e balançando pra frente como se fosse vomitar. Só que não sai nada. Aí, sinto uma coisa macia sob meus dedos. Como se fosse veludo. Um cheiro azedo atinge meu nariz e, quando olho, vejo por que ela está passando mal. Olhos vazios me encaram. Eu sinto náuseas e parece que vou vomitar, uma vez, outra vez e outra. Eu caí entre as patas dianteiras e traseiras daquele veado morto. O animal destripado. Cubro a palma da mão com a manga do moletom e protejo o nariz com ela.

A caminhonete parece que está gemendo e balança o tempo todo sobre o terreno acidentado. Vejo a Dawn segurando o estômago, olhando para as árvores e balançando a cabeça; e eu também balanço a cabeça e ficamos as duas olhando para trás. Estamos sentadas no lado oposto ao que estão as corujas mortas dentro dos sacos sujos, eu em um lado do cervo morto e Dawn no outro.

A viagem é difícil, o solo é irregular. Meu maxilar chacoalha e meus dentes batem uns contra os outros. Mesmo sabendo que as estrelas não estão se movendo no céu, para mim parece que elas riscam o céu como um relâmpago, cruzando a lua e penetrando a floresta. Posso ouvir os uivos dos coiotes a distância. Posso ouvir meu próprio coração pulsando no meu peito. Eu nunca senti tanto medo na vida, por isso levo meu pensamento para longe e fico me lembrando deste dia. Fico pensando em coisas boas, em milagres e, sem mais nem menos, minha mente me leva até a borboleta monarca. Começo a me lembrar de outros tempos milagrosos:

Mamãe saindo correndo pela porta da frente.

— Minhas meninas têm que ver isso — ela disse enquanto desligava a TV.

Seguimos a mamãe até a varanda. Vocês não iam acreditar se eu contasse. Dawn pegou a Beetle no colo e nós duas ficamos paradas, lado a lado, com a expressão maravilhada. Primeiro pensei que era um monte de folhas de outono juntas. Mas, quando prestei atenção em apenas uma dessas folhas, percebi que era uma legítima borboleta monarca. Elas esvoaçavam por toda parte. Elas se moviam como folhas soltas na tempestade. O papai estava em pé, bem no meio delas. Eu também fui lá para o meio e senti tocar meu rosto, meu pescoço e minhas mãos, a brisa mais suave que já havia sentido na vida.

Nós todos ficamos lá com os braços esticados, observando aquelas asas douradas se agitando e brilhando na luz do sol. Mas logo depois o grupo se separou, voou em direção ao rio e através do campo, até que não pudéssemos enxergá — las mais.

— Elas estão bem, mamãe? — perguntei.

Mamãe sorriu e me fez um carinho, bem no alto da cabeça.

— Oh, elas não estão apenas bem, elas estão ótimas, querida. Estão voando para uma grande aventura.

— Estão? — pergunto.

— Estas borboletas estão migrando, querida. Estão voando para o sul a fim de fugir do inverno.

Meus olhos se arregalaram, porque eu mal podia acreditar naquilo. Não é possível que as borboletas pudessem aguentar tanto assim.

Podiam? Como poderiam saber para onde estavam indo? Suas asas eram tão fraquinhas e cobertas de pó. Será que não seriam apanhadas por predadores, uma por uma?

— Será que elas vão conseguir, mamãe? — perguntei, enquanto subimos as escadas e voltamos para a sala de jantar quentinha.

— As monarcas são mais fortes do que parecem, querida — mamãe respondeu — e elas têm um poderoso instinto para saber como fazer para chegar aonde precisam, mesmo que nunca tenham estado lá antes. E também sabem como voltar para casa. Elas têm o instinto nas asas. Não são

apenas bonitas. São resistentes, fortes e inteligentes, especialmente quando viajam em grupo.

A caminhonete cai em um buraco, e eu deslizo na caçamba; depois acabo indo parar junto a um daqueles sacos marrons. As patas da frente do veado comprimem minhas costas. Sinto cheiro de terra, pólvora e de alguma coisa podre... morta? Levanto a cabeça para ver onde estamos. A caminhonete parou, mas ainda não chegamos à cidade. Não vejo nem sinal do correio, nem de lojas, nem do coreto branco. Não vejo a carpintaria do Sr. Miller, que fica em uma esquina, ou o corpo de bombeiros, com seus caminhões reluzentes. Fico observando o terreno e finalmente percebo. O rio. Vejo nossa canoa virada contra a árvore onde a deixamos. Vejo a poça onde o Xereta bebeu água. Vejo nossas próprias pegadas na areia. Só tem uma diferença no cenário que eu vi mais cedo: a luz das lanternas traseiras do carro, passando por cima da areia e imprimindo nossas pegadas com uma camada de vermelho. Mas as ondas no Caldeirão do Diabo ainda saem do rio como línguas famintas cobertas de sangue.



CAPÍTULO 23

— Entre aqui debaixo — Dawn sussurra e pega uma jaqueta de flanela. Ela fede a mofo e ovos. Joga-a em cima da minha cabeça, e um segundo depois estou deitada com o rosto apoiado no fundo enferrujado de uma caçamba. Levanto uma ponta da flanela para poder enxergar, para poder respirar. Se eu puser meu braço sob a cabeça, vou conseguir ver a Dawn por cima da carcaça do veado morto. Então faço isso, mantenho meu olhar acima da carcaça, e fico olhando para minha irmã. Ela joga um colete de caça em cima da cabeça e coloca um par de botas para calçar suas pernas. Vejo seus dedos levantarem ligeiramente o colete, e posso ver sua boca e nariz, mas seu rosto e sua expressão estão nas sombras. A caminhonete começa a balançar de um lado pro outro, e meu estômago fica revirado como se tivesse um macaco aprontando lá dentro.

— Anda logo, Leroy.

A porta do passageiro range para abrir e depois é batida com força. O carro todo balança. Alguma coisa cai de leve, e um segundo depois um par de olhos de coruja me encaram. Mordo a língua para não gritar e escuto a Dawn engasgar.

— Andá logo? Vô demorá o tempo que for preciso. Quando tá apertado, tem que fazê — Leroy resmunga enquanto se afasta.

Por favor, por favor, anda logo, eu digo, e olho para a pequena coruja morta. Se encontrar uma coruja com o dia claro traz má sorte,

eu não quero nem pensar no que significa estar na companhia de uma coruja morta e da carcaça de um cervo à noite.

Tento acalmar meus pensamentos, mas eles formam um turbilhão em minha cabeça. Como é que a gente veio parar aqui? De volta ao lugar onde começou nossa jornada? Lembro as trilhas que atravessamos, as marcas de pneu que achamos e que só podiam ser do Sr. Collins.

Ouçõ o rádio do carro ser ligado. Ele fica mudando de uma estação para outra até que finalmente para em uma música.

— É isso aí, "Tuesday's Gone"³. Será que ela se foi? — diz Jim.

Um cheiro forte de fumaça atinge o meu nariz, e eu acho que é cheiro de charuto, porque eu já senti cheiro de charuto quando vi meu tio Roy fumando um. Achei horrível daquela vez, e ainda pior agora. Mas as coisas ficam ainda piores logo depois, porque quando acaba a introdução da música o Jim começa a cantar junto com o vocal: "Won't you please take me far away"⁴.

— Ai, meu Deus — ouçõ a Dawn sussurrar. — Será que dá pra acabar logo com isso?

Acima do barulho do rio e da música, consigo escutar o ruído de folhas sendo pisadas. O barulho vai aumentando e depois para quando Leroy sai do meio das árvores e caminha na areia da margem do rio.

— Que diabo é isso? Põe uma música *country* — ele diz.

Ouçõ seus passos dando a volta na caminhonete e vindo para o meu lado, para o lado onde corre o rio.

— Oops, o saco com as corujas caiu — ele fala.

Daí, uma enorme mão cabeluda passa bem em frente do meu rosto. Eu paro de respirar. O vento para de repente, e o barulho do

³ Em português "terça-feira se foi", da música "Tuesday's Gone"; gravada pela banda de *rock* americana Lynyrd Skynyrd. (N.T.)

⁴ "Won't you please take me far away?" em português: Por favor, me leve para longe. (N.T.)

rádio silêncio. A mão pega a corujinha e a retira do meu campo de visão.

— Você quase escapa da gente — ele diz.

Sinto o saco com as corujas ser puxado, dando-me mais espaço. Uma brisa sopra de leve em volta da minha orelha.

— Pronto, belezinha. Hei, que diabo é isso aqui?

Um segundo depois, sinto uma mão bruta no topo da cabeça. O cordão do chapéu aperta minha garganta como se fosse me enforcar. E aí, estou sendo puxada do meu esconderijo. Exposta à claridade do luar. Um braço forte está enrolado no meu corpo, prendendo minha cintura e meus braços. O cordão do chapéu arrebenta e ele desaparece da minha cabeça, some do seu lugar no meu pescoço, e eu dou um grito. Eu grito tanto que parece que eu posso me partir em duas com o som.

Ele tem um cheiro podre e azedo, e, quando consigo soltar um dos braços, dou um soco na cara dele.

— Qual é o problema aí fora?

Jim sai da caminhonete, mas antes que ele alcance a traseira, Dawn sai voando de debaixo do colete de caça. Ela salta como se tivesse superpoderes e pula em cima de nós.

— Larga a minha irmã! — ela grita, e caímos os três para trás. Eu rolo por cima do bandido, até a beirada do rio, por cima da areia e, então, dentro d'água. A garrafa com a água milagrosa escapa do meu bolso e cai no rio, é levada pela correnteza e fica presa em uma pedra. Dawn cai por cima de mim e rola no meio das pedras, até parar dentro d'água, pertinho da garrafa. Tento me arrastar em sua direção. Atrás de mim, a voz do Jim soa acima do barulho da correnteza:

— Parada!

Dawn está dentro do rio com água pela cintura. Vejo seus olhos se arregalarem. Fico pensando se é porque tem uma arma apontada para minha cabeça ou se ela está com medo da correnteza.

— Fica em pé — ele diz.

Eu me levanto e me viro para os homens. Eles são duas figuras negras sob a luz da lua. Enfio a mão na água fria e me coloco de pé.

A garrafa com a água milagrosa está rodando em um pequeno redemoinho.

Eu olho para Dawn. Ela se levanta e sai da água, como um animal machucado, com o pé apoiado sobre a pedra de um modo estranho. Um segundo depois, o pânico surge em seus olhos. Ela escorrega. As pedras estão cobertas de musgo. Meus pés também escorregam no lodo, apesar de eu me esforçar para controlar minhas pernas.

Dawn dá um grito quando vê a garrafa sendo levada pela correnteza. Meus olhos vão de uma para a outra. Meu corpo está tenso como o de um puma pronto para o ataque e, de repente, como se puxadas pelo vácuo, a garrafa e a Dawn desaparecem da minha vista — a garrafa em direção ao meio do rio, e Dawn rio abaixo na direção das pedras. Eu mergulho na mesma hora, sem pensar. Mergulho para salvar minha irmã. Mergulho para salvar minha família.

— Vamos nessa, Leroy. Vai, vai.

Eu ouço os passos na areia e a porta da caminhonete batendo quando agarro a mão da Dawn. Seu corpo se ergue na água. Ela fica pálida quando vê a caminhonete indo embora, deixando—nos para trás na noite fria. A mão da Dawn escorrega até que só tenho as pontas dos seus dedos em minhas mãos.

— A garrafa! — Dawn grita.

Sua mão se contorce como se tentasse se livrar das minhas.

— A gente tem que recuperar a garrafa! — ela diz.

— Não, Dawn. Por favor!

Meu coração bate forte no meu peito. Bate contra a pedra onde estou deitada. Bate rio abaixo.

— Maple — o rosto da Dawn está coberto de lágrimas, ou água ou outra coisa. — A água. — Ela franze as sobrancelhas. Mas parece apenas uma garrafa comum flutuando para longe de nós. "Eu escolhi você", penso. "Não uma garrafa d'água". As pedras embaixo de mim começam a ceder, a deslizar. E quanto mais eu faço força pra me segurar, mais as pedras despencam no rio. O vento começa a

soprar levantando as folhas que giram em volta de nós como um redemoinho.

— Aguenta firme! — eu grito, quando a última pedra desaparece na água. Dawn e eu somos levadas pela correnteza. Para a escuridão gelada. Fecho os olhos e mantenho a boca bem fechada. O som da corredeira penetra meus ouvidos, lançando ondas para frente e para trás, como se fosse a cantiga do Diabo: "Caldeirão. Caldeirão". Os dedos de Satã emergem da correnteza. Eu tento lutar. Mas as ondas parecem feitas de músculos. Meus pés se retorcem, e a água me puxa para baixo. Eu agarro a mão da Dawn. "Aguenta firme", penso, mas as ondas nos afastam. Quando sua mão se desprende da minha, abro os olhos e, por um momento, vejo as estrelas, vejo as luzes coloridas do céu, e depois o mundo mergulha na escuridão.



CAPÍTULO 24

Um turbilhão verde e azul dança no céu como bandeirinhas de oração do Tibet. Mas não é uma visão do paraíso, apenas as luzes do norte. Minhas juntas parecem feitas de gelo. Tento me mexer, tento levantar a cabeça daquele chão de folhas mortas. A dor que sinto por todo o corpo parece clarear minha mente. É como se tudo estivesse caindo sobre mim. As armas, a água, Dawn. Correm lágrimas dos meus olhos, que se misturam com a água que já encharcava o meu rosto, minhas roupas e minha pele. Tenho calafrios, meu corpo treme como a última folha de um galho coberto de neve.

— Dawn — tento gritar, mas sai de mim apenas um fio de voz. Não tão alto como eu queria que fosse. Eu me viro para sentar. Meu estômago tem espasmos e começo a vomitar na areia. "Respire", eu digo ao pulmão com um hálito fétido.

— Dawn?

A água lambe a ponta dos meus dedos dos pés enquanto procuro nas sombras. Dou um impulso com o corpo para frente, e meus pés descalços escorregam no vômito. Vou cambaleando através da areia e das pedras.

— Dawn, Dawn! — Eu me arrasto pela margem, esfolando as mãos e os joelhos. — Dawn? — Grito até meus ombros balançarem, soltos e sem controle. Meu ombro treme e dói, quando apoio meu peso sobre ele. Tento me levantar e caio sobre os arbustos. Meu

tornozelo salta e caio por cima das pedras. Uma coisa azeda toca minha garganta, e eu paro outra vez, com o corpo enrolado encostado em uma árvore. Começo a regurgitar água, mais e mais água. Mas o tempo inteiro, fico gritando e cuspidando.

— Dawn, responda!

Limpo o vômito da boca e olho para cima. As árvores parecem balançar a minha frente. Caio de costas sobre os joelhos e os tornozelos machucados. Aí, sinto um aperto no coração. Lá está ela. Dawn. Um pé calçado e o outro sem sapato. Com o rosto virado para a areia. Os braços estendidos formando um ângulo esquisito.

— Dawn — sussurro, e minha voz parece vir de outro mundo.

Vou até ela. Vou me arrastando pelo chão. Afundo no meio das rochas e dos gravetos onde ela está. Seus braços estão tão frios. A noite está tão fria. Viro seu corpo com cuidado. Sua cabeça rola e se apoia no meu braço. O pescoço caído, desajeitado. Na luz do luar, sua pele parece azul e prateada, e seguro sua cabeça para ter certeza de que não vai se desprender do corpo. Ela parece estremecer, mas não tenho certeza se é ela ou se sou eu que estou tremendo.

— Acorde, Dawn — eu lhe digo. Dou um tapinha na sua bochecha. Coloco o ouvido no seu nariz, para escutar sua respiração zunindo. — Vamos, Dawn. É hora de acordar. — Mas seu nariz não está zunindo. Não tem nenhum barulhinho saindo nem de sua boca, nem do seu nariz. Não consigo sentir seu coração, nem pulsação no seu pescoço. Ela nem se mexe.

Sinto uma coisa tomar conta de mim. Violenta como as corredeiras.

— Eu disse pra você acordar. A gente tem que voltar pra casa. A vovó vai ficar preocupada!

Eu a sacudo, mas ela não revida, como costuma fazer. Eu a sacudo de novo, dessa vez com mais força. E fico sacudindo Dawn pela manga da camisa, até que está toda balançando nos meus braços. Sinto uma dor aguda no pescoço e nos ombros, e parece que minha cabeça vai explodir. O mundo balança em minha volta, o ruído das corredeiras enche meus ouvidos, e os coiotes uivam para a lua. Eu me junto ao uivo dos coiotes. Eu grito e grito sem parar, mas

minha irmã nem se mexe. Coloco seu corpo de novo sobre a areia, e meu corpo se move como uma máquina.

— Eu disse que é hora de ir embora! — grito e, sem conseguir me segurar, dou um soco em seu estômago. Com força. Bato nela como nunca bati antes. E, de repente, ela se contorce e começa a vomitar no meu braço. Eu nunca ficara tão feliz vendo a Dawn vomitar, por isso fiquei segurando ela, sem vontade de soltar nunca mais. E fiquei ali parada, ninando a minha irmã.

— Desculpe-me, Dawn. A gente nunca deveria ter vindo. Nunca deveria ter vindo.

Dawn balança a cabeça e olha para mim.

— Oh, Maple, a água. Eu...

Eu a interrompo, deixando as lágrimas rolarem soltas, deixando as lágrimas caírem do meu rosto para o dela.

— Não se preocupe. Não se preocupe com isso — digo-lhe. Ela treme nos meus braços.

— Estou tão cansada, Maple — ela diz. — Você tem que ir buscar ajuda ou...

— Ela tem um espasmo e vomita outra vez.

— Sei lá. Eu não estou me sentindo bem.

— Aguento firme, Dawn. Você tem que ser forte! — digo-lhe.

Nunca me senti tão mal assim; estou tão cansada que mal posso me mexer, mas corro como nunca antes. Vou cortando através das árvores. Simplesmente ignorando as dores do corpo e os ruídos da noite. Ignoro tudo, exceto esse sentimento dentro de mim. Vou conseguir ajuda para a Dawn. Galhos de árvores arranham meus braços e pernas. Eles me seguram e batem em meu corpo, como se quisessem me atrasar. O solo debaixo dos meus pés é pedregoso e escorregadio, e eu vou escorregando e cambaleando. Uma hora estou correndo, na outra já estou sobre as mãos e os joelhos. Subo uma colina, desço a seguinte. Vou deslizando por cima de folhas mortas. Sobre troncos podres derrubados, contra fios de arame farpado afiados. Chuto pedras e corto a sola dos pés nas agulhas de pinheiro secas. Entro e saio das sombras.

E, de repente, nem sei há quanto tempo estou correndo — um dia, um ano? — meus olhos começam a ficar embaçados, e já não tenho certeza de que vou conseguir. Mas sigo em frente, cambaleando. A gaze que estava embrulhada na minha mão caiu faz tempo. Foi levada pelo rio. O curativo no meu rosto, também, e todos os meus cortes e feridas estão expostos. Galhos arranham meu rosto. Gravetos espetam minhas mãos. Tudo parece querer me atrasar. Fico dizendo a mim mesma para seguir em frente, mas parece que sou um brinquedo com a pilha ficando fraca. Minhas pernas se movem cada vez mais devagar, até que eu caio sobre os joelhos e começo a engatinhar. Fico olhando de um lado por outro, tentando encontrar um sinal de gente. Paro um pouco para descansar e sei que é loucura, mas fico desejando ser uma borboleta monarca porque elas são mais fortes do que parecem. Elas são muito resistentes. Mas, principalmente, como a mamãe disse, elas têm o instinto nas asas e sabem chegar ao seu destino e depois voltar pra casa. E isso é tudo o que quero neste momento, quero que Dawn e eu e o bebê possamos voltar pra casa.

Digo a mim mesma para ficar de pé, mas minhas pernas tremem e não consigo evitar pensar se não estou simplesmente me embrenhando cada vez mais na mata. Então, sigo adiante. Dou um encontrão em uma árvore e, quando olho para cima, como se meus olhos estivessem borrados, parece que vejo um brilho. Uma pequena luz amarela. E também sinto um cheiro. Um cheiro forte de cera, mas que também cheira a comida. Uma coisa gostosa sendo preparada. Passo a mão sobre os olhos. E tudo fica mais claro. Caminho tropeçando entre as árvores. Empurrando meu corpo para frente. Mas, quando percebo que estou certa, quando vejo a cara sorridente de uma abóbora de *halloween*, e depois outra, e outra, eu corro em disparada para o show de abóboras. Direto para a Casa da Abelha. Direto para o centro da cidade.

— Socorro!

— Começo a gritar e a chamar por elas e, à medida que vou me aproximando, as abóboras viram um borrão, uma careta, um sorriso e se misturam como um fogo laranja. Um segundo depois eu

tropeço e caio, mas dessa vez eu me arranho contra o piso, e não terra nua, meus joelhos são amassados pela pancada.

Quero só ficar lá,deitada,mas não posso.Tenho que me mexer.Tenho que conseguir.Tenho que buscar ajuda para Dawn. Eu cheguei.Fico de pé e olho em volta. Do outro lado da rua está o coreto branco, a minha esquerda fica a Casa da Abelha, e à direita a carpintaria do Sr. Miller. O brilho das abóboras aquece meu coração.

— Socorro! — grito. — Socorro! — Corro até a Casa da Abelha. Quem sabe o Sr. Tinker já esteja lá, preparando o café da manhã. Eu grito e bato na porta. Por favor, Sr. Tinker. Por favor, esteja acordado.

Grito outra vez. Grito até ficar rouca. Por que não tem ninguém aqui, tomando conta das abóboras? Que horas serão? Onde está todo mundo? Bato na porta, até que os nós dos dedos sangrem. Sento-me, colo os ouvidos na porta e tento escutar alguma coisa dentro da loja. Passos, qualquer ruído.

— Maple, é você?

Uma voz atrás de mim pergunta em um sussurro. Eu me viro. O Sr. Miller está parado ali. Ele tem uma jaqueta de flanela jogada sobre os ombros. E aí enxergo uma cadeira dobrável largada do outro lado do estande de abóboras. O Sr. Miller é que está encarregado de vigiar as abóboras nesta noite. O Sr. Miller está aqui. E ele pode ajudar. Ele tira a jaqueta dos ombros e vem até mim.

1. Todos estão procurando por vocês. Eles estão... — Ele tenta colocar a jaqueta sobre os meus ombros.

— A gente tem que, a Dawn... preciso de ajuda. — Parece que não consigo falar direito. Minha cabeça parece estar embaralhada.

— Espere um pouco — o Sr. Miller diz.

Ele corre para longe de mim, e eu tento me levantar. Encosto na grade e me ponho de pé. Não temos tempo pra esperar um pouco. A gente tem que ir. Tem que ir depressa.

— Sim, preciso de uma ambulância, imediatamente!

— Sr. Miller!

Eu mal consigo enxergar sua figura, as abóboras brilham tanto. O metal brilhante do telefone público reluz como o centro de

uma fogueira. O mundo todo parece laranja. Meus olhos ardem como se alguém tivesse colocado uma vela atrás deles também.

— Por favor, senhor Miller, a Dawn está... Dawn...

Eu cambaleio em sua direção e ele me pega nos braços...

— Lá no rio.

— Maple, presta atenção. Ela está bem? Ela está viva? O que aconteceu?

— Ela está viva — eu respondo. — Está viva. Por, por, por f-f-avo... Escuto o barulho de uma sirene lá longe.

— Você fica aqui, Maple. A ambulância está vindo. Eu vou buscar a Dawn. Fica aqui.

O Sr. Miller se levanta e começa a correr em direção à floresta. Exatamente de onde eu vim. Quando a ambulância vai se aproximando, as luzes das casas nas redondezas começam a se acender. O mundo se enche de luz, luz demais. Pessoas começam a sair para a rua. Pessoas que eu não conheço começam a me tocar, a me carregar. Levam-me de um lado pro outro. E eu começo a me sentir perdida. Começo a imaginar coisas. Começo a sentir como se estivesse em um sonho e não conseguisse acordar. Começo a pensar. Cadê a Dawn? Onde é que estou? Não consigo lembrar como vim parar aqui. Minha cabeça está tão cheia que podia explodir. Sinto uma comichão nos pulmões, e meus dentes rangem, batendo uns contra os outros. As luzes giram a minha volta. As lanternas de abóbora fazem caretas, suas entranhas são feitas de fogo. Elas se inclinam, se elevam e se agitam, flutuando no ar.

Mas elas não podem fazer isso, podem? Cadê a Dawn? Fico olhando e procurando pelo estacionamento, mas as coisas vão ficando cada vez mais brilhantes. O canto do *Cyanocitta Cristata* ecoa na copa das árvores. Mas por que um gaio azul estaria cantando a essa hora da noite?

— Dawn — eu grito.

As luzes no estande das abóboras parecem oscilar e escurecer. Seus sorrisos fantasmagóricos ficam cada vez mais escuros, até que o mundo a minha volta desaparece.



CAPÍTULO 25

Desperto no meio de lençóis revirados. Está escuro e depois claro, e depois escuro de novo e claro de novo, mas, no fim, a escuridão vence e eu desmorono. As vozes em volta de mim vão ficando mais profundas e graves, até que voam para longe, como sementes de flores na primavera.

Eu quero acompanhá-las.



CAPÍTULO 26

Quando recobro os sentidos, estou enrolada em lençóis e aconchegada a uma pessoa quentinha e macia. Minha mãe. Só que agora sua barriga está normal, e não parecendo que vai arrebentar. Eu tremo em seus braços e sinto-a me abraçar mais forte. Não tenho vontade de abrir os olhos. Muitas lembranças ruins. Eu me lembro da Dawn. Lembro-me do dia que vivemos, da aventura. Lembro-me do bebê. Lembro-me da água, perdida em algum lugar. Talvez eu devesse voltar a dormir, talvez, só um pouquinho mais. Mas mamãe me cutuca e eu abro os olhos. As luzes fluorescentes do hospital ofuscam minha visão. Leva um tempo até eu conseguir distinguir as formas e os corpos.

Papai está todo embrulhado, sentado na cadeira, e parece um casaco de lã muito usado. Beetle dorme em seu colo. Com suas bochechas rosadinhas. Seu capacete está colocado ao seu lado, e ela mantém uma das mãozinhas sobre o metal, como se aquilo fosse um ursinho de pelúcia ou um cobertor macio. Ela está chupando o dedo, com a boquinha entreaberta.

Daí, vejo a Dawn, deitada em uma cama de hospital. E, quando olho pra ela, eu me sinto mais calma. Ela está judiada, mas parece bem. Está toda enfaixada, dos pés à cabeça, mas posso ver seu peito se movendo para cima e para baixo. E suas bochechas

estão rosadas e com uma aparência muito melhor do que quando a deixei.

Quando me mexo, meu corpo parece chacoalhar. Sinto-me como o homem de lata, mas sem minha garrafinha de óleo. Minha mão direita parece um ninho de pássaro, toda enrolada na gaze. Sinto uma dor esquisita nos ombros. Eles estão no lugar, mas doem do mesmo jeito e estão presos a uma tipoia. Levanto a mão e sinto um novo curativo em meu rosto. Minha face está um pouco melhor, como se não houvesse mais água debaixo da pele. Examino meus braços e pernas. Estão cobertos de gaze e bandagens. Machucados de toda cor: amarelos, verdes e azuis salpicam minha pele. Eu me sento, mas começo a tossir. Minha garganta parece cheia de aparas de cedro queimadas, com as cinzas descendo para os meus pulmões. Eu tusso, querendo, de alguma forma, ver — me livre delas. Mas não sai nada. Elas estão desconfortavelmente alojadas na minha garganta. Minha mãe dá tapinhas nas minhas costas, enquanto tusso, e eu finalmente desabo outra vez em seus braços. Não me lembro de alguma vez ter tido tanta dificuldade só para respirar.

Mamãe limpa a garganta e depois assoa o nariz.

— Você teve sorte. Sabe disso, não é? — ela diz.

Eu não levanto os olhos. Fico olhando os desenhos das cobertas. Eu talvez pudesse me afundar neles. Desaparecer.

— Você podia ter morrido. Você e a sua irmã.

— Como é que ela está? — pergunto baixinho.

— Ela está melhor, pelo menos agora está. Isso não quer dizer que ela não vá sofrer por um período. E você, também. Quando vou abrir a boca pra dizer que estou bem, mamãe começa de novo.

— Olhe, você: torção no tornozelo, ombro deslocado e uma mão toda infeccionada. Você chegou perto da hipotermia.

A voz da mamãe dá uma falhada e ela assoa o nariz outra vez.

— Olha só. E a Dawn está em pior estado. Ela tem a perna quebrada, torção no pescoço. Entorses por toda parte. Não consigo imaginar o que houve com vocês duas lá na mata...

Ela faz outra pausa e seca os olhos.

— Mamãe — dou tapinhas em sua perna com minha mão boa.

— Não consigo imaginar perder uma de vocês — ela soluça e assoa o nariz. Sua voz vai ficando cada vez mais aflita. — E não quero nem pensar nisso. Afinal, fiquei quase morta de preocupação. Por isso, Maple, acho que você deve uma explicação a sua mãe.

Meus olhos deviam estar se preparando para esse momento, porque eles começam imediatamente a jorrar, e com eles, eu também. E conto tudo pra mamãe. Conto como entrei escondida no escritório do papai e como peguei o mapa durante a noite. Sobre a decisão da Dawn de ir comigo. Sobre a viagem rio abaixo com o Xereta. Conto também sobre os bandidos. Conto cada detalhe sobre a fonte. Conto como tive o milagre em minhas mãos, e sobre como a água não era parecida com aquela que eu imaginava; e conto sobre a caminhonete e o rio. Conto sobre as borboletas monarca que vi, mesmo não sendo a época certa, e sobre caminhar até as luzes do norte. Conto a ela sobre ursos que deveriam estar hibernando, escondidos esperando o inverno, e sobre o castor fora da toca em plena luz do dia. Vou contando tudo a ela, até minha garganta ficar seca e precisarmos chamar a enfermeira para pedir um copo d'água.

Quando termino, vejo que papai também está acordado e ouvindo tudo lá da cadeira. Ele e a mamãe trocavam olhares o tempo inteiro. O olhar da mamãe, às vezes, mostra raiva, às vezes ternura e logo ela começa a chorar de novo. E aí, ela fala alguma coisa sobre castores, ursos e borboletas não serem as únicas coisas malucas dessa estação. E que eu não devia simplesmente investir em ideias malucas como essa que eu tive.

O papai falou qualquer coisa sobre decisões precipitadas. Disse que devemos conversar com nossos pais, antes de decidir por nossa conta que iremos arriscar nossas próprias vidas e nossos corpos.

Eu engulo as palavras e me sinto um pouco humilhada, porque sei que as coisas seriam diferentes se eu tivesse conseguido voltar com a água milagrosa.

— Mas a água, mamãe, teria curado o bebê — digo-lhe.

Mamãe seca os olhos e olha para o papai. Daí ela põe o braço em torno dos meus ombros e diz.

— Agora não dá mais pra saber se a água tem o poder de fazer milagres. Na verdade, Maple, pode ser que sim, ou...

Mamãe faz uma pausa como se temesse o que vai dizer em seguida: — ... ou talvez, já não faça mais. Talvez a água brilhasse como quarto rosa e opala, do jeitinho que você imaginou. Mas acho que a história da Mulher Sábia da Montanha não representa mais o que costumava ser.

Fico paralisada.

— Mamãe, você quer dizer que a água não faz milagres? E o que aconteceu com o Remington e todas aquelas histórias?

— Eu não estou dizendo que não faz, Maple, mas talvez o milagre se altere com o tempo. Talvez seja uma história para ilustrar os milagres da natureza. Você os conhece, Maple, os desenhos da teia de aranha, as cores do outono, a primeira neve com seu brilho azulado e o silêncio que vem depois, o brilho do luar no lago.

Fico achando que sou realmente uma idiota. É tudo folclore, do jeito que a Dawn falou.

— Mas, mamãe, o que a gente vai fazer então? Pelo bebê? Quer dizer, se não existe milagre, o que vai acontecer?

— Bem — mamãe diz — existe a medicina, existem bons médicos, existem irmãs amorosas, e sempre existe a esperança.

Isso foi a pior coisa que a mamãe poderia me ter dito. Eu sei que a minha mãe é inteligente, mas acontece alguma coisa com o cérebro das pessoas quando elas ficam velhas. Alguma coisa interfere de um jeito que elas param de acreditar em fadas, fantasmas, e também em milagres, eu acho. Mas tenho certeza de uma coisa: esperança não faz milagre, nem médicos, nem irmãs. Cruzo os braços querendo que a Dawn estivesse acordada, ou Beetle. Fico olhando para uma e outra, e vejo que estão no sono mais profundo.

— Mamãe, posso ir ver a Lily?

A mamãe ergue o corpo, e ela e o papai trocam olhares outra vez.

— Eu levo ela — papai diz. Ele se levanta e coloca Beetle no colo da mamãe. Os olhos da Beetle piscam um pouco, mas ela cai no sono de novo. Dou um beijo em sua bochecha.

Com a ajuda do papai, eu passo da cama do hospital para uma cadeira de rodas. Papai cobre minhas pernas com um cobertor e vai me empurrando pelo corredor. Tem um monte de gente por aqui. Tem gente velha e crianças. Tem pessoas sentadas fora dos quartos e outras andando pelo corredor. Dou uma olhada para dentro dos quartos e vejo cabeças baixas e rostos cobertos de lágrimas; e, em outros quartos, tem gente rindo com a mão na barriga como se ouvisse uma coisa hilária. Vamos andando sobre ladrilhos brancos e azuis. Percorremos linhas amarelas no chão até que chegamos a uma janela na parede. Na porta ao lado da janela está escrito UTI neonatal.

Olho pela janela. Bebês. Conto oito. Oito bebês lutando para sobreviver. Bebês com pequenas ventosas por todo o corpo. Alguns estão com máscara de oxigênio sobre sua boca e nariz. Eles são bem pequeninhos e parecem esquisitos, como girinos que fossem virar rãs, mas que tivessem a transformação interrompida. Cada um em seu berço. Todos sozinhos. Meu estômago sente um baque e coloco minha cabeça nas mãos.

— Lá está ela. Aquela é a Lily. — O papai se debruça sobre a janela e coloca o dedo no vidro. — Ela tem a cara dos Rittle, você não acha? — papai pergunta.

Eu concordo, apesar de não ter muita certeza. Eu me inclino sobre a janela e meu rosto quase encosta no vidro. Ela é bem pequena e seus olhos estão fechados, e ela não fica se mexendo do jeito que um bebê forte e saudável faz.

— A gente pode entrar, pai? — pergunto, manchando o vidro com meu hálito.

— Não dá, criança. Por causa dos germes. Sua irmãzinha ainda está muito sensível, e você também está doente.

A voz do papai vai desaparecendo no fim de cada frase, e, quando olho para ele, noto grandes círculos escuros em redor dos

olhos. Ele parece desgastado e fraco, como se ele mesmo tivesse descido o rio.

— Mas — papai diz — você pode ficar aqui sentada, tomando conta dela pelo tempo que quiser.

— Ela vai ficar bem? — pergunto.

Papai faz uma pausa e olha para o chão. Sua respiração fica irregular e ele não me olha nos olhos. É durante essa longa pausa que eu fico sabendo o que ele está pensando.

— Espero que sim — ele me diz, depois de um tempo. — Maple, eu não posso ter certeza e também não acho justo que você tenha que presenciar essas coisas na sua idade, mas estamos aqui, e você vai ter que enfrentar a verdade dos fatos, igual ao seu pai. Se o coração dela não ficar mais forte, ela não vai sobreviver mais que uma semana.

A voz do papai vai sumindo, até virar um sussurro, e seu olhar vai fechando com as palavras, e eu tenho certeza de que o desapontei; e desapontei a Lily, a mamãe, a Dawn e a Beetle.

— O que a gente pode fazer pro coração ficar mais forte? — pergunto.

— Bem, Maple, nós não podemos fazer seu coração ficar mais forte. As enfermeiras estão monitorando e podem nos dizer se houve alguma alteração. Você está vendo aquela caixinha ao lado da sua irmã?

Olho de novo pela janela e vejo uma caixa verde, com fios que parecem braços, e ventosas que parecem mãos grudadas na minha irmãzinha.

— Aquela linha verde pula cada vez que o coração de sua irmã bate. Nesse momento não chega a ser um batimento inteiro, os médicos chamam de *blip*. Mas com o tempo, temos esperança de que essa batida fique mais forte e mais frequente.

Papai limpa a garganta.

— Está pronta para encontrar a Dawn? Ela já deve ter acordado.

— Não, pai, eu não quero sair de perto da Lily — falo, colocando a mão no seu ombro.

Ele concorda e diz:

— Então, eu volto daqui a pouco para ver se está tudo bem com você.

E eu fico lá, sentada, com um peso no coração, porque não acho uma saída. Eu perdi o milagre. Podia tentar escapar e tentar conseguir a água outra vez, mas acho que não iria muito longe do jeito que me sinto fracassada. Além do mais, e se a água não funcionasse? E se, como disse a Dawn, passasse uma doença em vez do milagre? Por isso fico tentando achar alguma coisa ao meu alcance. Fico ali sentada, quase o dia inteiro. Pela janela posso ver que o sol começa a se por, dourado e lindo. Eu fico olhando em sua direção porque, para mim, é a hora mais bonita do dia, e porque tem uma monarca. Ela está pousada no parapeito da janela. Olho para minha irmã na UTI neonatal, e depois para fora, para a borboleta. E começo a pensar nas borboletas com suas asas frágeis e no que minha mãe falou sobre elas terem uma chance maior de sobreviver, quando estão juntas. Começo a imaginar se a Lily não seria como a monarca; talvez ela não seja tão frágil quanto parece, mas, de toda maneira, ela estaria melhor com outras borboletas. Se pelo menos eu pudesse fazer seu coração ficar mais forte, dar a ela uma parte dos meus músculos! É quando estou pensando nessas coisas que meu pai chega com a Dawn em uma cadeira de rodas e a coloca ao meu lado. E aqui estamos nós, dois soldados feridos sem nada para apresentar.

Ouçõ os passos do papai se afastando pelo corredor, e a mão da Dawn desliza pela cadeira de rodas e segura minha mão.

— Mamãe estava errada, Maple.

— Hã? — digo sem entender.

— Eu ouvi quando você conversou com a mamãe lá no quarto. Você estava certa o tempo todo, quer dizer, sobre o milagre. Foi o último verso. Esse foi o nosso erro, Maple. Esquecemos o último verso — ela diz.

— Como assim, o último verso? Sem entender direito o que ela estava dizendo.

— O último verso da canção. Depois que você veio aqui para baixo, mamãe começou a cantar, e eu comecei a pensar na inscrição "Leia e compreenda", você se lembra? Era o verso inscrito na fonte. A gente entendeu tudo errado.

Nunca consigo me lembrar do último verso. Mamãe já cantou pra mim, mas não cantamos juntas muitas vezes, não como os outros versos. Começo a pensar na fonte e na mão da Dawn, procurando debaixo das algas, e nas palavras cortadas; e então, a voz da mamãe chega alegre em meus ouvidos e eu me lembro do verso como se fosse uma parte de mim, como se estivesse lá o tempo todo, escondido na minha cabeça. Começo a cantar, e a voz da Dawn se junta a minha:

*Pela força da natureza,
A cura então acontece.
Poderes maiores se juntam,
Quando o amor nos fortalece.
Amar e amar, o mais puro amor
Cura as feridas do homem.
Amar e amar, o mais puro amor
Garante o milagre aos que creem.*

Aperto a mão da Dawn, e cada uma de nós apoia a cabeça contra o vidro, tentando não manchá-lo com nosso hálito; e enviamos todo o nosso amor, através das paredes, porque nem mesmo a solidez de uma parede pode impedir a passagem do amor... E pouco depois, lá está a Lily, virando o rostinho para nós, com os olhos abertos, claros e brilhantes, olhos azuis das irmãs Rittle. A linha do monitor salta e, por um momento, acreditei que tivéssemos falhado novamente, mas um segundo depois ele pula outra vez, e outra e outra, e a enfermeira parece curiosa. Ela chama outras enfermeiras para examinarem o bebê e pega sua prancheta; e meu coração, posso senti-lo batendo também, como se os fios do monitor estivessem ligados a mim. Tumtumtum.

Uma enfermeira sorri para outra, e Lily ainda está olhando para Dawn e para mim, com aqueles grandes olhos azuis, e eu sorrio para ela e coloco a outra mão sobre o vidro. As enfermeiras conversam umas com as outras, e a enfermeira-chefe verifica alguma coisa na prancheta com sua caneta brilhante. Elas estão balançando a cabeça para frente e dando tapinhas nas costas umas das outras, porque naquela hora e naquele lugar Lily superou o seu problema.



CAPÍTULO 27

Dois dias depois, vovó vem nos buscar. Passo a visitar a Lily todos os dias. Parece que ela está se recuperando bem. No mesmo dia da nossa visita à UTI neonatal, o médico disse à mamãe e ao papai que a Lily iria conseguir. Eles ainda estão um pouco chateados conosco, mas já estão sorrindo mais vezes.

— Tchau, Lily — digo enquanto olho pra ela através da janela da UTI neonatal. — Eu volto logo, mas agora tenho que ir pra casa.

Aceno para minha irmãzinha, e o papai me leva até a entrada do hospital.

— Troque as bandagens diariamente — a enfermeira Jane diz para a vovó, e dá a ela uma longa lista em um papel branco. Ela mostra à vovó como ajustar a tipoia no meu braço.

— As duas precisam de um tempo de repouso. Sem correria.

— Não se preocupe com isso — diz vovó. — Elas vão ter sorte se eu deixá-las sair do sofá. Ela olha com o canto dos olhos para mim e eu abaixo o olhar.

— Elas pegaram muita friagem. Felizmente, o pior já passou. Dê a elas muita vitamina C. Passe pela farmácia no caminho para casa — ela diz e entrega à vovó um outro papel branco. Daí, a enfermeira Jane empurra a cadeira de rodas da Dawn. Ela tem mais bandagens que eu, mas está bem. Ela até já está mandando em mim um pouco:

— Vai pegar uma gelatina vermelha pra mim — ou — vai lá ver o bebê.

Vovó coloca Beetle no meu colo e leva nós duas até o carro com a ajuda da enfermeira Jane. Ela nos ajeita no banco de trás do carro. O plástico marrom do banco fica chiando, enquanto a gente se ajeita. Vovó fica mexendo nos cintos de segurança, abrindo a trava e fechando de novo. Finalmente, ela senta no banco da frente e vira o espelho para que fique apontado direto para mim. Eu fico olhando pela janela, enquanto seguimos pela rua.

Vamos para casa pensando como isso nunca foi tão bom. Eu me recosto e fico olhando a paisagem, mas vovó fica o tempo todo de olho em mim pelo espelho, como se não tivesse certeza se eu vou escapulir ou não. Ela puxa um lenço da manga da camisa e assoa o nariz de vez em quando, então olha pra mim de novo.

Beetle brinca com meu cabelo, sentada em sua cadeirinha, e algumas vezes deixa cair um brinquedo, e eu tenho que me abaixar pra pegar, mas, mesmo assim, eu a abraço um pouco mais. Dou uma olhada na Dawn, que está com a cabeça apoiada no encosto do banco. Ela está com os olhos fechados, mas assim que entramos na estrada de terra seu rosto se abre em um sorriso.

Cinco quilômetros margeando o rio, passando o pomar de maçãs do Sr. Benny, depois da colina onde fica a banca de legumes da Nanny Ann, e chegamos em casa. Três buracos quando viramos na nossa entrada e a casa surge atrás de árvores sem folhas. O carro dá um solavanco quando para, e a vovó sai da direção.

— Maple. Você primeiro, por favor — ela diz abrindo a porta do meu lado. Ela solta o cinto de segurança, e eu piso com cuidado no chão. Meus tornozelos estão doloridos e meus joelhos inchados, mas consigo andar. Ela põe um braço em volta da minha cintura e me ajuda nas escadas, até a porta. O Xereta vem todo feliz, assim que entramos em casa.

O papai contou que ele acabou ficando um dia inteiro com o Sr. Collins. E eu fico com pena dele. Quando ele me vê, quer pular em mim, mas aí ele se senta e analisa a cena. Suas orelhas estão em pé, sua cabeça está virada para o lado, e seu olhar é o de

preocupação de verdade, de um amigo de verdade. Faço um carinho em sua cabeça. Ele lambe minha mão e coloca a pata em meu braço. Vovó me ajuda a chegar ao sofá. Eu me sento e o Xereta dispara lá pra cima. Um segundo depois, ouço o barulho de sua coleira, e ele aparece com meu ursinho Paddington gentilmente aninhado em sua boca. Eu, então, pego meu urso.

— Obrigada, Xereta — digo — passando a mão no pelo macio do Paddington.

Vovó aparece na porta com a Beetle no colo:

— Toma, Maple, fica com a Beetle enquanto eu vou arrumar a Dawn — ela diz, e já vai colocando a Beetle no meu colo. Eu a seguro com meu braço bom, e ela fica apontando para coisas na janela. Xereta está deitado aos meus pés, e pouco tempo depois a vovó traz a Dawn para o sofá. "Olha nós aqui outra vez", encolhidas no sofá como um bando de ratinhos, tentando nos manter aquecidas e seguras.

A vovó vai para a cozinha resmungando qualquer coisa e assoando o nariz.

— É um milagre — ela murmura — e vai da cozinha para a sala como se estivesse em patrulha.

Mais tarde, vejo o sol se pondo no jardim e pergunto à vovó se podemos ir lá fora ver o sol ficar dourado. É lógico que ela diz que sim, e nós vamos para a varanda mancando como crianças saídas dos destroços de um avião. Vovó se senta bem à frente da porta e pega alguma coisa para tricotar.

O dia está agradável, mesmo a esta hora, com o sol se pondo. Eu me sento no degrau de cima. Beetle sobe no meu colo e senta-se bem em cima do meu braço machucado. Dawn se senta encostada em mim, e ficamos olhando o gramado e absorvendo os últimos raios de sol. Eu acho que a Dawn está pensando na Lily. Eu sei que estou.

Estou olhando as folhas voando umas sobre as outras em volta do jardim quando, do nada, surgem quatro monarcas voando sobre o gramado.

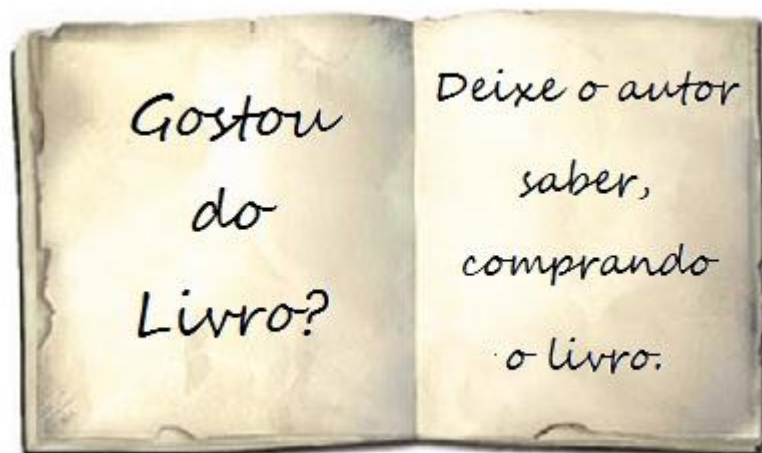
Elas já deviam ter partido, por isso sei que algo está fora do comum. Quase acredito que umas poucas voltaram para buscar aquela que ficou para trás. E que, agora, juntas, elas vão rumar para o sul através do jardim, sobre o rio e no interior da floresta e, então, eu me sinto feliz pela sobrevivência de todas e de cada uma delas. Juntas, são um verdadeiro milagre.



FIM.



Erin E. Moulton cresceu nas montanhas em Vermont e era a segunda irmã em quatro, como Maple T. Rittle. Ela amava ler e brincar com seus amigos imaginários, o que a influenciou a trabalhar em bibliotecas, escolas e teatros. Quando não está trabalhando e escrevendo, ela está planejando eventos para a Associação de Escritores Kinship. Erin é formada na Faculdade de Belas Artes de Vermont e agora mora em New Hampshire com seu marido, onde escreve, lê, toma chá e sonha





Esta obra foi **formatada** pelo grupo Menina Veneno para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício da leitura àqueles que não podem pagar, ou ler em outras línguas. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca é totalmente condenável em qualquer circunstância. Você pode ter em seus arquivos pessoais, mas pedimos, **por favor, que não hospede o livro em nenhum outro lugar.**

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.